

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS - CAMPUS SOROCABA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA CONDIÇÃO HUMANA

MARIANA CALONEGO

O SUJEITO NEOLIBERAL MIRIM: a semântica da obediência retratada em
vídeos de YouTube

SOROCABA – SP
2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS - CAMPUS SOROCABA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA CONDIÇÃO HUMANA

MARIANA CALONEGO

O SUJEITO NEOLIBERAL MIRIM: a semântica da obediência retratada em
vídeos de YouTube

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana da Universidade Federal de São Carlos – *Campus Sorocaba*, para obtenção do título de Mestre em Estudos da Condição Humana.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Antonio Gatti.

SOROCABA – SP
2023

Mariana, Calonego

O sujeito neoliberal mirim: a semântica da obediência retratada em vídeos de YouTube / Calonego Mariana -- 2023.
112f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba
Orientador (a): Márcio Antonio Gatti
Banca Examinadora: Leonardo André Elwing Goldberg,
Luciana Salazar Salgado
Bibliografia

1. Infância. 2. Digitalidade. 3. Sujeito Neoliberal. I.
Mariana, Calonego. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano -
CRB/8 6979



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Ciências Humanas e Biológicas
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Mariana Calonego Oliveira, realizada em 13/07/2023.

Comissão Julgadora:

Prof. Dr. Marcio Antonio Gatti (UFSCar)
Profa. Dra. Luciana Salazar Salgado (UFSCar)
Prof. Dr. Leonardo André Elwing Goldberg (FAM)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana.

Às crianças, para que possam construir respostas inventivas diante das restrições impostas pelo modo hegemônico de vida atual.

AGRADECIMENTOS

Ao Márcio, pelo apoio gentil nesta jornada e pela orientação respeitosa e paciente.

A Elizete e Roque, meus pais, por terem sustentado aos filhos uma infância inventiva, no mato, em contato com a natureza.

Ao meu companheiro de vida, Rodrigo, pelo cuidado, suporte e carinho. E por ter sido um refúgio nos momentos mais difíceis da construção deste trabalho.

A minha família e amigos, pelos momentos de leveza.

A Helena Castello, pelo desejo de analista, da inscrição à defesa deste mestrado, e mais.

A Sandra Pavone, pela transmissão generosa da psicanálise.

A Livia e Natália, pela amizade construída no compartilhamento das experiências de mestradas.

Aos professores e colegas do PPGECH, por favorecerem o enriquecimento deste trabalho.

A Luciana Salazar Salgado e Leonardo Goldberg, pela forma como leram esta pesquisa e pelas inúmeras contribuições que ajudaram a ampliar o debate aqui pretendido.

Tudo é mercado. Educação é investimento. Saúde é segurança. Relações são *networking*. Imagem é marketing pessoal. Cultura é entretenimento. Pessoa é o empreendedor de si mesmo.

Christian Dunker

RESUMO

Considerando a infância como um produto da cultura, sua compreensão requer o entendimento dos modos de organização social. Sob a lógica globalizada do capitalismo, as subjetividades incorporam a lógica neoliberal de desempenho e competitividade. Acrescentando a dominância tecnológica no cotidiano das pessoas, os modos de trabalho, os relacionamentos e o desejo passam por transformações importantes na contemporaneidade. Diante disso, a infância sofre as consequências. Sendo atribuídas às crianças o papel de corresponder a um lugar superqualificado, delas é esperado que se tornem, cada vez mais cedo, prontas para a participação futura em um mercado de trabalho competitivo. “Já ser” passa a ser o imperativo deste momento. O acesso à digitalidade fomenta esta lógica e permite um tipo de participação social que vai na direção de “já ser” um profissional: *youtuber mirim*. Nesta pesquisa, utilizamos a plataforma de vídeos YouTube para investigar o papel da criança na atualidade. A partir da Análise do Discurso, analisamos vídeos protagonizados por crianças e identificamos aspectos que as colocam em condições semelhantes às do sujeito neoliberal. Os resultados das análises dos dados indicam uma profissionalização dos canais que, juntamente com as narrativas presentes nos vídeos, enunciam um discurso neoliberal. Além disso, a dedicação dos canais a uma suposta transmissão de parâmetros de conduta para crianças engendra a ideia de uma semântica da obediência, que parece traduzir o que é esperado da criança socialmente.

Palavras-chave: Infância; YouTube; Neoliberalismo.

ABSTRACT

Considering childhood as a product of culture, his understanding requires the comprehension of social organization modes. Under the globalized logic of capitalism, subjectivities embody the neoliberal logic of performance and competitiveness. Adding technological dominance in people's daily lives, ways of working, relationships and desire undergo important transformations in contemporary times. In face of this, childhood suffers the consequences. Being assigned to children's the role of corresponding to an overqualified place, they are expected to become, ever earlier, ready for future participation in a competitive labor market. "Already being" becomes the imperative of this moment. Access to digitality, fosters this logic and allows for a type of social participation that goes in the direction of "already being" a professional: young youtuber. In this research, we used the YouTube video platform to investigate the role of children nowadays. Based on Discourse Analysis, we analyzed videos starring children's and identified aspects that put them in similar conditions to those of the neoliberal subject. The results of the data analysis, indicate a professionalization of the channels that, together with the present narratives in the videos, enunciate a neoliberal discourse. In addition, the dedication of the channels to a supposed transmission of conduct parameters to children, engenders the idea of a semantics of obedience, which seems to translate what is socially expected from children.

Keywords: Childhood; YouTube; Neoliberalism.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Uso da Internet nos últimos três meses: Total de crianças e adolescentes de 9 a 17 anos (%) (2021)	30
Gráfico 2 - Dispositivo para uso da Internet por classe (2021)	30
Gráfico 3 - Uso exclusivo de telefone celular para uso da Internet (2021)	30
Gráfico 4 - Atividades realizadas na internet: usuários entre 9 e 17 anos	60
Gráfico 5 – habilidades digitais: usuários entre 11 e 17 anos	62

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Resultado da pesquisa do termo “regras de conduta” no buscador do YouTube	54
Figura 2 - Capa da Revista Times, 2006	58
Figura 3 - Maria Clara com o livro “Mundo Mágico MC Divertida”	67
Figura 4 - Maria Clara com a boneca “MC Divertida”	68
Figura 5 - Quarto da <i>youtuber</i> Valentina Pontes	81
Figura 6 - Cômodo da casa dos irmãos <i>youtubers</i> Maria Clara e JP	82
Figura 7 - <i>Youtuber</i> Nastya e outras crianças com sacolas cheias de brinquedos novos	82

SUMÁRIO

1. Introdução	13
2. A infância e o tempo	19
2.1 Aspectos da subjetividade contemporânea	27
2.2 A criança na contemporaneidade e os imperativos de “vir a ser”	35
2.3 Indícios do sujeito neoliberal <i>mirim</i>	46
3. YouTube: espaço de já ser	57
3.1 A internet e o poder algorítmico	71
3.2 Infância e digitalidade	77
4. A infância como espetáculo	85
4.1 Super exposição neoliberal de crianças	92
5. Considerações finais	103
Referências	107

1. INTRODUÇÃO

Em um momento de transformações intensas no campo social, tecnológico e econômico, assistimos aos efeitos da apropriação global do capitalismo sobre a condição humana. Enquanto o neoliberalismo ganha força, articulado às ideias de liberdade, independência e não submissão às regras, seu avesso revela uma precarização crescente da vida e do trabalho, que intensifica as desigualdades sociais.

“Empresário de si mesmo” (HAN, 2017a), o sujeito da atualidade é coagido pelo desemprego crescente e, sob a lógica de que o responsável pela falta de trabalho seria o próprio sujeito, o desempenho e a produtividade se tornam imperativos do nosso tempo. A lógica de mercado tem atravessado os aspectos humanos de identidade, subjetividade e desejo. A busca por sucesso se torna um ditame, de modo que, sob a promessa de que a produtividade da “sociedade do cansaço¹” garantiria o poder de compra e que este poderia satisfazer, de forma ilimitada, o gozo humano, os objetos de consumo adquirem uma importância determinante.

A dominação do capitalismo global conta, ainda, com a presença das tecnologias computacionais e da internet no cotidiano das pessoas, fomentando a lógica da lucratividade. Informação, consumo, entretenimento, trabalho, estudos e interação social, frequentemente ficam sob o intermédio das plataformas digitais, que se tornam cada vez mais incorporadas às atividades humanas.

A facilidade, o conforto e a eficácia que as tecnologias promovem sobre as ações cotidianas revelam os ganhos adquiridos com esses novos hábitos. Em uma sociedade multitarefa, sem pausa, que exige eficiência, faz-se bastante conveniente o uso de máquinas que agilizam e otimizam processos, para os quais, sem a mediação tecnológica, seria necessário mais tempo. Além disso, o fato de as máquinas identificarem e anteciparem nossos interesses e desejos a partir da leitura dos “rastros” que deixamos no espaço digital, nos dá a sensação de que sabem das nossas necessidades melhor do que nós mesmos.

Por outro lado, as tecnologias e o capitalismo global são aliados que, em conjunto, perfazem as condições impostas ao sujeito para sua participação na vida econômica e social. Fomentando a lógica neoliberal em curso, – a partir, por exemplo, da propagação dos discursos neoliberais, da “manipulação” algorítmica e da plataformização do trabalho – passam a representar um problema quando, em nome do capitalismo, reforçam a lógica

¹ Referência ao livro “Sociedade do cansaço” de Byung-Chul Han, (2017a).

da precarização da vida e da substituição da dimensão humana pela máquina no âmbito dos relacionamentos, das experiências e do próprio trabalho.

Mas, para compreender os fenômenos e transformações que ocorrem a partir da digitalidade, é necessário tanto romper com as ideias condenatórias de que a origem dos problemas que enfrentamos hoje está nas tecnologias, quanto não se deixar ofuscar pelo enaltecimento deste fenômeno, depositando nele a possibilidade de “salvação”. Estudar as tecnologias requer uma visão contemporânea, tal como proposta por Agamben (2014), como aquela que toma certa distância e não se deixa cegar por aquilo que reluz, para poder enxergar também o que está opaco. Compreender a infância na contemporaneidade exige o mesmo exercício.

Em uma sociedade marcada pela diversidade de condições de vida, não é possível considerar a infância a partir de um conceito único, tampouco reduzir o que a definiria a um tipo de infância. Diante do cenário atual, em que as tecnologias e o neoliberalismo vão produzindo impactos sobre a condição humana, inevitavelmente seus efeitos se alastram também sobre as crianças.

Buscando compreender a infância na atualidade, olhamos, nesta pesquisa, para a presença da infância na digitalidade. Partimos da premissa de que o ciberespaço, ao permitir às crianças novas formas de acesso à informação, à interatividade e aos modos de expressão, contribui com as transformações de seu lugar na esfera social. Neste sentido, a criança implicada nesta pesquisa é aquela que tem acesso aos recursos tecnológicos, vive nos centros urbanos, tem seus direitos garantidos e uma condição socioeconômica minimamente favorável, o que não reflete a realidade de muitas outras crianças.

Consideramos que há um tipo de infância celebrada no digital, que parece traduzir aquela que é valorizada socialmente. Assim, produz-se um padrão de infância, reforçando as discrepâncias e desigualdades em relação a outras, que estão fora deste padrão. Apesar de este não ser o foco desta pesquisa, julgamos que examinar os aspectos que compõem o que a sociedade toma como ideal na infância possa contribuir com outras pesquisas interessadas em olhar mais atentamente para os impactos sobre as crianças que fogem a estes parâmetros.

Estudar a infância valorizada socialmente requereu entender o seu papel social. Para tal, partimos de uma visão interdisciplinar sobre o que a define, passando pelo aspecto histórico da infância enquanto um produto da cultura. Foi necessário

compreender as particularidades do sujeito contemporâneo, incluído na lógica da globalização, do capitalismo e do neoliberalismo, para, então, nos atermos nas particularidades da infância da atualidade. Consideramos os impactos da lógica capitalista sobre a condição humana e seus efeitos na construção de um ideal de criança, em que se investe na sua superqualificação, mirando em um “vir a ser” no futuro.

Abordamos a ideia de que para que seja possível a sobrevivência futura em um modelo econômico de capitalismo selvagem, excludente e concentrador de riqueza, o investimento na preparação de crianças para corresponderem a essas exigências parece ser a garantia da possibilidade de fazerem parte do jogo no futuro. A superqualificação de crianças traz como consequências um investimento cada vez menor nas atividades lúdicas, na brincadeira, nas trocas com o outro, que cedem lugar às atividades preparatórias, normatizadas e conteudistas.

Adotamos como campo de pesquisa a plataforma de vídeos YouTube², tanto pela sua popularidade na internet e dentre o público infantil, quanto por se revelar um espaço de atuação de crianças, promovido pela cultura participativa implicada na plataforma. Tomamos como objeto os vídeos dirigidos ao público infantil e protagonizados por crianças, considerando que estes nos levariam a conclusões importantes sobre o lugar da criança na digitalidade e que, portanto, poderiam nos fornecer pistas sobre o lugar da infância na atualidade. Ao desbravar este terreno, admitimos que seriam múltiplos os elementos que encontraríamos, mas um deles se mostrou tão marcante quanto revelador sobre esta infância atual: a profissionalização de crianças.

Notamos que os vídeos com crianças utilizam menos o espaço da plataforma para livre expressão infantil e mais para a reprodução de padrões e roteirização de vídeos, que revelam uma profissionalização de crianças enquanto *youtubers* mirins, já que um canal pode ser monetizado pelas publicidades que gera, sendo muito frequente que as próprias famílias sejam produtoras destes canais.

A palavra “mirim”, que vinda do tupi designa “pequeno”, pode ser encontrada também no âmbito do esporte para qualificar uma etapa de iniciação e de formação básica do esportista, cuja faixa etária compreende o fim da infância e início da adolescência (entre 11 e 12 anos). A categoria mirim compõe particularidades e diferenças em relação às categorias subsequentes (jovens e adultos), já que se trata de uma etapa de formação básica e não de especialização precoce dos jogadores (MENEZES; SOUSA; BRAGA,

² Plataforma *online* de compartilhamento de vídeos pertencente à empresa Google.

2011). Mas, o mirim que encontramos no YouTube difere deste que se refere a ideia de devir, de um pequeno que vai acumulando as possibilidades de ser um grande. Ao contrário, mirim no YouTube é este pequeno que já é, que já está pronto. “O sujeito neoliberal mirim” se refere, portanto, a este atravessamento da lógica do neoliberalismo sobre a infância.

Observamos a vasta presença de canais que se dedicam a uma educação moral de crianças, pretendendo ensinar certos parâmetros de conduta que, por um lado revelam valores particulares dos criadores e, por outro, investem no incentivo à obediência da criança a padrões compatíveis com a lógica neoliberal. Constatamos, então, que o YouTube é um espaço não de “vir a ser no futuro”, mas de “já ser”, enquanto criança. Por isso, exploramos a ideia de uma “semântica da obediência” encontrada no YouTube, enquanto um conjunto de restrições semânticas indissociavelmente ligado a um conjunto de práticas sociais historicamente definidas.

Abordamos, então, o modo como a plataforma oferece um espaço de expressão a seus usuários, ao mesmo tempo em que opera mecanismos complexos de lucratividade, para os quais os algoritmos computacionais têm função crucial. Buscamos esclarecer o modo de funcionamento e os impactos destas ferramentas de cálculos, que são capazes de exercer uma forma de poder, regendo as escolhas e direcionando o uso dos internautas.

Também nos dedicamos a olhar para os impactos da digitalidade sobre a infância para, então, nos atermos em como a criança pode ser retratada no espaço digital. Para isso, optamos por analisar o canal “MC Divertida”. Este canal evidencia aspectos que podem ser comumente encontrados em outros canais (como por exemplo o “Maria Clara e JP³”, “Valentina Pontes ofc⁴”, “Caio e Cadu⁵”), além de nele estarem presentes traços que pautam a nossa hipótese de que há uma profissionalização de crianças no YouTube. Ao longo desta pesquisa, este canal esteve em plena ascensão, o que favoreceu identificar aspectos desta profissionalização.

Para compreensão dos vídeos deste canal, utilizamos a Análise do Discurso de orientação francesa. A partir das análises realizadas, pretendemos mostrar que as crianças que protagonizam a cena no YouTube, os *youtubers* mirins, ao encenarem os roteiros, muitas vezes criados por adultos, abordam temáticas que revelam o que se espera da criança socialmente.

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/@MariaClaraeJP> . Acesso em 13 jun 2023.

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/@ValentinaPontesofc>. Acesso em 13 jun 2023.

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/@caioecadu>. Acesso em 13 jun 2023.

MC Divertida é um canal protagonizado por Maria Clara, uma menina que na fase desta pesquisa esteve em sua pré-adolescência, mas que produz conteúdos para o YouTube desde os oito anos. Já no título do canal é possível notar o modo como este pretende se apresentar aos espectadores. “MC” pode ser referir tanto às iniciais do nome da protagonista, quanto à ideia de “mestre de cerimônia”, sigla bastante utilizada por artistas da cultura pop que precede o nome artístico e que por si só imprime uma marca ligada aos estilos musicais do rap e do funk. Este “MC” presente no nome do canal, como um trocadilho entre o nome da menina e o “MC” da cultura pop, pode ter a intenção de imprimir um ar descontraído e atraente ao canal que, somado ainda à ideia de “divertida”, reforça este apelo.

Porém, o que analisamos nos discursos presentes nos vídeos deste canal vão justamente na contramão da ideia da diversão, tal como poderia ser tomada na infância enquanto ludicidade, inventividade ou subversão. O que identificamos é que, na verdade, esses vídeos prezam pela educação moral de crianças, incentivando-as a se adequem aos parâmetros compatíveis com a lógica neoliberal em curso, construindo enunciados que supostamente transformam esta obediência em algo divertido. A conjunção entre a ideia da diversão e da obediência parece ser uma estratégia eficaz para se apresentar como um bom canal, adequado a crianças.

Maria Clara é uma menina com nanismo, porém a deficiência fica subjacente às outras temáticas presentes no canal. Sobre este tema, foram encontrados poucos materiais, que perto da grande quantidade de outros conteúdos, como os moralizantes, parecem até irrelevantes. Este é um dado que revela como o canal preza mais pela construção de discursos padronizados, compatíveis com a lógica presente nos discursos hegemônicos, do que pela particularidade desta menina, levando a uma ausência de alteridade, a um excesso de igual presente na digitalidade, tal como defendido por Han (2017c).

A participação da família na produção dos conteúdos e a mistura da vida privada com a vida de *youtuber*, também nos levaram a apontar aspectos sobre esta profissionalização de crianças, em que fica pouco claro onde começa e onde termina o trabalho, do mesmo modo em que parece haver um borramento entre a infância e a vida adulta.

A ludicidade e a inventividade, próprias do infantil, ficam secundárias ao valor dado nos vídeos sobre a obediência a certos parâmetros que os adultos esperam das crianças. A lógica da criança como ser “incompleto”, em pleno processo de formação e civilização (GATTI, 2013), vai sendo minimizada, dando lugar à ideia da criança como

alguém apto a já estar pronto. Pronto para ser um profissional (no caso dos *youtubers* mirins) e pronta para responder aos parâmetros da obediência (no caso das crianças espectadoras). Mas, por fim, já prontos para corresponder aos valores impostos pelo neoliberalismo.

Os vídeos analisados indicam uma produção de entretenimento, a partir de pequenos profissionais neoliberais, que encenam e atuam nos roteiros, muitas vezes criados pelos próprios familiares, para abastecerem o canal do YouTube, respeitando a frequência preestabelecida de publicações e transformando aspectos da infância (como a brincadeira, a aprendizagem e a troca com o outro) em produto. Mas, além disso, reforçam, a partir de seus enunciados, uma semântica da obediência aos padrões neoliberais.

Esses dados sugerem que a lógica neoliberal vai atravessando a infância, transformando as crianças em pequenos sujeitos neoliberais, numa apropriação mercadológica de aspectos essenciais deste momento da vida. Ao mesmo tempo, produzem e endossam um padrão que cria uma distância ainda maior das outras realidades e outros tipos de infância, que se tornam invisibilizados. Esperamos que esta pesquisa possa contribuir com os estudos sobre a infância e sobre a digitalidade.

2. A INFÂNCIA E O TEMPO

*Como são belos os dias
Do despontar da existência!
- Respira a alma inocência
Como perfumes a flor;
O mar é - lago sereno,
O céu - um manto azulado,
O mundo - um sonho dourado,
A vida - um hino d'amor!*

Casimiro de Abreu, 1859

A imagem romântica de infância que Casimiro de Abreu revela em seu poema “Meus oito anos”, escrito no séc. XIX, parece utópica ao idealizar e romantizar a ingenuidade infantil e seu modo de fantasiar. Apesar da distância temporal de quase dois séculos, este poema não parece se afastar tanto assim da concepção estigmatizada de criança que permanece ainda hoje.

Gatti (2013), analisando o estereótipo da criança no discurso presente em tiras humorísticas, levantou as noções de incompletude, ingenuidade, capacidade imaginativa e de ser em pleno processo civilizador como aspectos estereotipados do infantil, que diferem essencialmente do adulto. Estes papéis estereotipados, quando exacerbados pela comicidade, produzem o riso no adulto justamente pela contraposição entre a ideia do adulto como ser “completo” (ainda que não seja) e que não se porta, não pensa e não age como a criança, que é vista como “incompleta”, em plena formação.

Mas, alguns destes aspectos parecem ser subvertidos pelas crianças da atualidade, criando um descompasso entre o estereótipo do infantil e o lugar da infância hoje. Podendo ter acesso a qualquer tipo de informação via “oráculo digital”⁶, dominando o uso das tecnologias, às vezes melhor do que os adultos, dando suporte às próprias fantasias através das ferramentas tecnológicas, a infância contemporânea em contato com a digitalidade parece contrapor o lugar da ingenuidade e do ser em lento processo de aprendizagem civilizatória. Mostrando-se com cada vez mais habilidades próximas às dos adultos e, portanto, menos “incompletas”, as crianças revelam características próprias do nosso tempo.

⁶ Termo utilizado por Julieta Jerusalinsky (2021c) para se referir à suposta onisciência presente nas ferramentas de busca *online*, como Google.

A cada tempo a representação da infância no discurso se modifica e o modo de ser criança responde a estas transformações. Na atualidade, o lugar social dado à criança lhe permite a produção de seus próprios modos de estabelecer-se no mundo, o que lhe dá mais voz e mais espaço. Mas, olhar para a contemporaneidade requer um exercício especial. Giorgio Agamben (2014) adverte sobre a necessidade de enxergar, na mesma medida, as luzes e as trevas de cada tempo. Não se deixar ofuscar pelas luzes de cada século, mas distinguir sua parte obscura: “neutralizar as luzes que provêm da época para descobrir as suas trevas, a sua escuridão especial, que não é, porém, separável daquelas luzes” (p. 26). Ao olhar para a infância da atualidade é necessário este exercício de enxergar tanto os aspectos potentes quanto os aspectos frágeis, separando-se do saudosismo ou da condenação ao passado e mantendo o olhar fixo no tempo presente.

Para Anete Abramowicz (2020), contemplar as luzes que uma época emite possibilita compreendê-las em seu passado, mas, ao não se deixar ofuscar por elas, é possível ver além do que querem que vejamos. Portanto, considera a proposta de Agamben um desafio necessário ao pesquisar a infância, uma vez que a criança carrega a complexidade contemporânea naquilo que está no tempo:

Não é fácil ser contemporâneo, e nós queremos sê-lo quando pesquisamos as crianças. Nessa perspectiva, na realidade, pesquisar criança é um pouco buscar algo de novo para nós e para elas, é buscar esse mundo que virá, nesse regime de visibilidade que vivemos. Quando pesquisamos crianças, acho que também nós procuramos algo de novo naquilo que virá, e que em alguma medida a criança pode anunciar (além do passado e do presente) (ABRAMOWICZ, 2020, p. 411).

A autora considera que a dificuldade em fazer pesquisa com criança se deve ao fato de que seu tempo é o tempo presente, um tempo do qual fazemos parte apenas parcialmente. Sendo a criança presente e também contemporânea, ela nos indica que seu tempo não é igual ao que foi o nosso enquanto adultos, tampouco é um tempo de continuidade. Ela habita em uma fratura no tempo, um lugar de entremeio entre o igual e o diferente – de entrecruzamento entre o passado e o presente.

Enquanto adultos, experimentamos o mesmo tempo da criança fazendo parte do presente, mas não fazemos parte do mesmo modo que a criança, pois a este modo não pertencemos mais. Neste sentido, criança é também um passado, pois carrega uma infância a partir da qual por um lado nos reconhecemos, mas ao inscrever nela suas próprias marcas, a criança nos distancia deste lugar.

São paradoxais as práticas que constituem as crianças, pois, de um lado hão as inscrições deixadas a partir das práticas dos adultos, por outro lado, sua subjetivação

possui força própria. As marcas histórico-sociais que as definem, seu lugar numa determinada sociedade e sua história única e pessoal se articulam fazendo com que uma criança seja ao mesmo tempo individual, singular e universal. Mas ela é também uma multiplicidade de tempos entre o passado, que deixa suas marcas, o presente, que faz produzir seus próprios modos, e o futuro, que ainda não é, mas que implica a infância nesta possibilidade de o mundo vir a ser outra coisa (ABRAMOWICZ, 2020).

A infância é objeto de interesse de diversas áreas do conhecimento, o que justifica as distintas ideias e conseqüentes disputas em relação a este campo. Um dos aspectos que suscita divergências é o quanto se deve inscrevê-la a partir do que é universal e plural da infância, *versus* do singular e específico de cada criança. O campo de estudos interdisciplinares da infância rejeita a ideia universal de criança e investe nas especificidades de cada criança (TOMAZ, 2019, p. 18). Já para algumas linhas da sociologia da infância, o universal e o singular são conceitos que se alternam, pois se articulam enquanto característica de todas as sociedades, assim como está submetida a variáveis sociológicas que produzem a diversidade da vida das crianças (ABRAMOWICZ, 2020).

Para a Psicanálise, a infância não é apenas um tempo de maturação das estruturas anátomo-fisiológicas e de desenvolvimento cognitivo, mas principalmente um tempo de plena constituição psíquica. Diferentemente do adulto, os modos de gozo da criança não estão ainda fixados e, assim, a infância se caracteriza pela extrema permeabilidade das inscrições pulsionais e significantes:

Isso implica considerar que, em termos psíquicos, uma criança não equivale a um adulto. O adulto, longe de ser considerado um ser completo ou pleno de aptidões (como poderia situar-se desde uma concepção desenvolvimentista), é aqui entendido como aquele que já tem inscrito e fixado seu fantasma, padecendo dos efeitos do infantil – ou seja, das inscrições primordiais já efetuadas que implicam, em termos freudianos, fixações da história libidinal, atualizando-se, uma e outra vez, por meio do que é repetido em seus sintomas sem poder ser recordado. Temos aí o funcionamento temporal instaurado no psiquismo que, por meio dos atos falhos, sintomas, sonhos, lapsos, faz comparecer as inscrições mais primordiais no mais atual (JERUSALINSKY, 2014, p. 24).

Desse modo, a relação do adulto com o infantil é permeada pelas marcas de sua própria experiência subjetiva enquanto criança, momento em que as experiências com o Outro (presença abstrata do social no discurso) vão produzindo efeitos na subjetivação do inconsciente. A infância não é, portanto, um tempo de preparo para vida adulta, como

socialmente tem sido colocada, mas um tempo de experimentações primeiras, que deixam marcas e que estruturam a formação psíquica do sujeito.

Como não há nada de natural no humano, é necessário entender a cultura para entender o lugar da criança hoje no laço social. Há todo um trabalho da cultura em relação à infância que lhe propõe uma determinada maneira de elaborar sua posição em relação ao campo dos adultos. O que enlaça a criança na busca por corresponder aos ideais culturais é a convocação de que ocupe determinada posição em troca de ser retribuída pelo reconhecimento do Outro (JERUSALINSKY, 2011).

Assim, o processo de civilização da criança passa pela validação de seu pertencimento social tanto quanto passa pela produção de sentimentos de vergonha e embaraço diante dos hábitos e costumes socialmente reprimidos. Nobert Elias (1994) afirma que ao longo da história, os hábitos tidos como adequados e esperados dentro da sociedade se modificaram. O processo civilizatório contou com a adesão dos indivíduos aos novos hábitos e padrões de conduta forjados na cultura pelo papel que a repugnância e o sentimento de vergonha passaram a desempenhar. A supressão e controle dos impulsos naturais se tornaram, então, ao longo dos séculos, automáticas para os adultos. Mas, as crianças:

têm no espaço de alguns anos que atingir o nível avançado de vergonha e nojo que demorou séculos para se desenvolver. A vida instintiva delas tem que ser rapidamente submetida ao controle rigoroso e modelagem específica que dão à nossa sociedade seu caráter e que se formou na lentidão dos séculos (ELIAS, 1994, p. 145).

O trabalho da cultura em relação à infância está ancorado ao modo como este momento da vida é concebido em cada tempo da história, o que vai definir seu lugar e papel na sociedade. Philippe Ariès (1986), baseado nas imagens de crianças produzidas durante o Antigo Regime da França, faz uma progressão histórica deste lugar. Suas contribuições nos mostram que nem sempre as crianças desfrutaram de um período especial para crescer e que somente na modernidade a criança teria alcançado um estatuto de importância. Apesar de se tratar de um estudo da infância europeia e que, portanto, não deve ser tomado como universal, entende-se que esta reflexão é importante, uma vez que, no Brasil somos subsidiários deste modelo civilizatório que afeta os modos de existência da infância como um todo.

No livro “História Social da Criança e da Família” (1986), Ariès considera o surgimento do “sentimento de infância” transformador para o lugar social que este

momento da vida passa a ocupar nos tempos modernos. Este novo sentimento marcaria o surgimento da infância verdadeiramente moderna, mas não o surgimento da infância em si. As ideias em torno do modo singular como os primeiros anos da vida deveriam ser conduzidos e do aparecimento de afetividade entre pais e filhos notada, especialmente, na modernidade, seriam efeitos desta nova lógica.

Mas antes de se alcançar tal lugar social, a infância teria duração condicionada ao curto período em que a criança não poderia dar conta de sobreviver sozinha e, sem passar pelas etapas da juventude, logo era inserida na convivência com os adultos. A criança era uma companheira natural do adulto e passava a sê-lo logo que era (tardamente) desmamada, ou um pouco depois. Neste convívio, sua aprendizagem se dava observando e ajudando os adultos a desenvolverem seus ofícios. A paparicação da criança estava presente, mas era restrita a estes primeiros anos de pouca autonomia. “A criança era uma coisa divertida, mas pouco importante” (ARIÈS, 1986, p. 22).

A vida acontecia numa certa coletividade na qual a criança, os adultos e as famílias se diluíam no espaço público que subsistia o cerne da convivência social. As trocas afetivas e os contatos sociais se davam fora do ambiente familiar, num espaço comunitário, propício a trocas entre vizinhos, amigos e pessoas de diferentes idades e posições sociais, uma sociabilidade que animava a vida em comunidade. Às casas não era atribuída a função de reserva íntima. Até o séc. XVI, eram raras as imagens que retratavam a família, por outro lado, o retrato das multidões era comum.

Mas, onde antes imperava a sociabilidade e a indistinção entre o lugar da criança e do adulto, passa a haver uma separação destes lugares, às quais Ariés atribui dois fatores: a escolarização e a família. A primeira substitui o modo de aprendizagem pela via do contato direto com os adultos por um processo de “enclausuramento” (ARIÈS, 1986, p. 277) das crianças, ao que se dá o nome de escolarização (e que se estende até os dias atuais). Sibilia (2012) considera a escolarização: “a primeira e mais capital etapa do adestramento infantil” (p. 28). Ela acrescenta que o primordial da escolarização era “forçar esta adaptação dos corpos infantis às definições radicalmente novas do tempo e do espaço que se enunciaram na modernidade” (p. 28).

Esta mudança se deveria ao movimento de moralização dos homens promovido pela Igreja e pelo Estado, mas, também, à família cuja cumplicidade sentimental favoreceu a importância atribuída à educação, portadora da função de transformar os corpos das crianças em engrenagens compatíveis com a era industrial, já cultivando o

espírito do capitalismo, processo “muito trabalhoso, único na história da humanidade e surpreendentemente recente para a nossa compreensão” (SIBILIA, 2012, p. 29).

Paralelamente, o aspecto moral da religião foi gradualmente prevalecendo. As ordens religiosas passaram a ser ordens dedicadas ao ensino de crianças e jovens. Este movimento teria criado uma propaganda que entregava aos pais a responsabilização, perante Deus, pela alma de seus filhos, tornando-os, portanto, seus guardiões espirituais (ARIÈS, 1986). Assim, admite-se que a criança precisa passar por um regime especial de educação antes de estar pronta para a vida, inaugurando uma preocupação antes inexistente, mas que se instala de modo contundente na sociedade:

para que houvesse escola, tinha que haver crianças; por isso, diante da necessidade histórica de realizar o projeto modernizador anunciado pelas revoluções científicas industriais e democráticas, foi preciso “inventar” as duas. A família, é claro, foi um aliado iniludível nessa aventura, e o próprio ensino formal terminou de consumir tal operação (SIBILIA, 2012, p. 32).

Esta nova ordem traz como consequência um sentimento inteiramente novo em relação às crianças. A família passa a assumir uma nova função moral e espiritual na criação dos filhos, que antes ocupavam a função de meros participantes na transmissão dos bens familiares e no estabelecimento da honra familiar. À família passa a caber a função de transmitir a regulação do controle dos impulsos e das emoções tão necessária à vida civilizada (ELIAS, 1994), mas não somente. A dependência social da criança perante os pais a coloca também como destinatária da afeição parental:

O cuidado dispensado às crianças passou a inspirar sentimentos novos, uma afetividade nova que a iconografia do século XVII exprimiu com insistência e gosto: o sentimento moderno da família. Os pais não se contentavam mais em pôr filhos no mundo, em estabelecer apenas alguns deles, desinteressando-se dos outros. A moral da época lhes impunha proporcionar a todos os filhos, e não apenas ao mais velho - e, no fim do século XVII, até mesmo às meninas - uma preparação para a vida. Ficou convencionalizado que essa preparação fosse assegurada pela escola (ARIÈS, 1986, p. 277).

A família se torna um lugar de afeto entre os cônjuges e entre pais e filhos. A criança passa a ser objeto de amor dos pais. Os membros da família se unem não mais pelas conveniências morais e materiais, mas por um sentimento e por uma identificação com o outro. O que não implica dizer que o amor estivesse completamente ausente anteriormente, apenas que a família, provavelmente, não tinha uma função amorosa, ou seja, o sentimento não era necessário para a sua existência e manutenção.

Neste sentido, as tendências da Igreja fizeram com que a alma das crianças fosse posta à vista antes de seus corpos. Passa a haver uma diminuição do infanticídio como um dos fatores que indica o novo lugar atribuído à criança. Na velha sociedade, a morte de uma criança não implicava em um grande sofrimento, pois logo outra a substituiria. Tampouco o infanticídio era incomum. Até o século XVII, a morte de crianças era tolerada e até secretamente admitida:

O infanticídio era um crime severamente punido. No entanto, era praticado em segredo, correntemente, talvez, camuflado, sob a forma de um acidente: as crianças morriam asfixiadas naturalmente na cama dos pais, onde dormiam. Não se fazia nada para conservá-las ou para salvá-las (ARIÈS, 1986, p. 17).

Mas, há uma passagem do infanticídio admitido para um respeito cada vez mais exigente pela vida da criança, culminando em sua saída do antigo anonimato. A família passou a se organizar de tal modo em torno da criança, que se torna impossível perdê-la ou substituí-la sem um enorme sofrimento.

Os filhos deveriam ser melhor cuidados e, com isso, as famílias passam a se ocupar mais deles. Em consequência, há uma redução proposital da natalidade, a partir do século XVIII, para que se pudesse melhor zelar pelas crianças. Paralelamente, a adesão ao espaço íntimo e ao confinamento das famílias em suas casas, retira do espaço comum o investimento que outrora predominava. Este fator teria contribuído para o desaparecimento da antiga sociabilidade em função de uma necessidade de intimidade. Assim, junto com o sentimento de família, inaugura-se um sentimento de classe. O autor considera que a ascensão moral da família tenha sido um fenômeno da burguesia, uma vez que as classes mais populares mantiveram, até quase nossos dias, o gosto pela multidão (ARIÈS, 1986).

Há uma substituição de um corpo social único, diverso, que incluía uma variedade de idades e condições, por pequenas sociedades fechadas - as famílias - e seu agrupamento pelas classes. Onde antes a mistura social era regida por um senso comunitário, passa a haver as segregações e diferenças, indicando a intolerância frente à diversidade. Esta seria a manifestação do surgimento dos sentimentos de família, de classe, até mesmo de raça (ARIÈS, 1986).

Mas, fazendo um paralelo com a sociabilidade da criança, hoje, sem dúvida, é necessário considerar a digitalidade como um terreno para as trocas com o outro. O corpo da criança pode estar confinado nos cômodos protegidos das casas, por onde circulam apenas os poucos membros da família, mas em sua imersão no ciberespaço não há muros

ou paredes que a isolem do contato com o outro virtual. Há uma nova forma de sociabilidade. Uma sociabilidade sem corpo, com um outro sem corpo, às vezes sem vida, como é o caso das inteligências artificiais. Nunca houve um instrumento que operasse com tanta assertividade isso que sempre foi um árduo trabalho da cultura: o adestramento dos corpos infantis. Hoje, por horas a fio, as crianças dispendem tempo praticamente imóveis diante de telas, absorvendo seus conteúdos e apreendendo os discursos de uma determinada cultura. Ainda que as famílias tentem cercear e criar muros artificiais contra o livre acesso da criança ao mundo digital, as novas referências lá estão.

Pode aparentar um salto muito grande passar do “sentimento de infância” de Ariès à criança da atualidade, mas nos parece que este salto é maior do ponto de vista qualitativo do que temporal. Se considerarmos que as próprias políticas de proteção à criança se consolidaram no Brasil apenas recentemente com a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em 1990, não faz tanto tempo assim que a criança saiu de uma posição de certo descaso social para sua legitimação enquanto sujeito a ter direitos.

Hoje a criança pode desfrutar de espaço e visibilidade cada vez maiores, o que se deve também ao fato de ter se tornado objeto de interesse científico. A infância permanece atrelada ao discurso de sua época e nos parece que a digitalidade tem função primordial na proliferação destes discursos, como pretendemos mostrar neste trabalho.

Os elementos da história levantados até aqui pretenderam mostrar indícios das condições de produção da infância como produto de uma longa construção social, uma invenção da modernidade, que se deu em função de interesses específicos do Estado, da Igreja e da burguesia. Por isso, é impossível pensar o modo como concebemos a infância hoje como “natural”, ou deter-se nas ideias românticas de “instintos” parentais em torno de como cuidar dos pequenos indivíduos. O lugar da criança foi estrategicamente determinado na cultura e ainda hoje o é. Neste trabalho pretendemos ilustrar quais discursos a referenciam e de que modo afetam o jeito de ser criança hoje.

Há um modelo de infância na atualidade, um tanto articulado à realidade das classes sociais mais abastadas, em que o lugar da criança é o de sustentar um ideal que contém uma promessa de futuro. Vir a ser é o imperativo deste novo lugar. Esta dimensão dá suporte para o papel assumido pelas crianças das sociedades industriais. Mas, por outro lado, este lugar não representa uma equidade entre as infâncias. No Brasil, em especial, apenas uma parcela das crianças desfruta da garantia de seus direitos. Vítimas da desigualdade social, sofrem pela invisibilização que se produz a partir do modelo de

infância criado por uma determinada classe social, revelando a absoluta contradição entre os tipos de infância que convivem em uma mesma sociedade.

Sendo, portanto, a infância o resultado da influência do social sobre os adultos que a educam, é necessário compreender quem é este sujeito contemporâneo para então lançar luz sobre esta infância. Uma infância que tem seu lugar transformado pelas tecnologias e pelos novos discursos do capitalismo e que revela, em sua subjetividade, as consequências destes novos formatos.

2.1 ASPECTOS DA SUBJETIVIDADE CONTEMPORÂNEA

A infância, enquanto produto da cultura, tem seu lugar e função atrelados à lógica de seu tempo e território. Porém, a partir da internet e especialmente, no caso desta pesquisa, de vídeos de YouTube protagonizados por crianças, observamos um alastramento de um padrão de infância que rompe as fronteiras entre as particularidades de cada região e imprime uma lógica discursiva que passa a ser o modelo globalizado de infância, tornando outras invisíveis. Para compreender como, enquanto sociedade, chegamos a este resultado é necessário considerar as particularidades e as consequências de seu modo globalizado de funcionamento.

Efeito do processo de internacionalização do capitalismo, a globalização promove a instalação, em toda parte, das variáveis características do período que, direta ou indiretamente, influenciam a tudo. Com ela, há um estreitamento das diferenças e particularidades de cada região e cultura que, apropriadas de formas universalizadas de produção e consumo, impõem modos específicos de vida às populações. Entender algumas das especificidades da globalização se faz necessário para melhor elucidar os impactos desta lógica sobre os indivíduos. Neste trabalho, as contribuições de Milton Santos se prestam a este papel e, apesar de sua obra remeter ao final do século XX, suas elaborações permanecem pertinentes. Vinte anos após a primeira edição de “Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal” (SANTOS, 2019), presenciemos o recrudescimento das condições globais descritas por ele, que toma como inseparáveis o estado das técnicas e da política para a produção e manutenção da globalização.

Milton Santos (2019) aponta para a difusão de uma noção de tempo e espaço contraídos favorecida a partir das técnicas, como as tecnologias da informação. Esta noção impõe um mundo de fabulações, de fantasias que, a serviço dos atores

hegemônicos, se aproveita do alargamento de todos os contextos para fabricar um discurso único, fundamentado na produção de imagens e do imaginário, à mercê da monetização da vida social e pessoal. A partir disso, o autor considera a globalização como fábula e também como perversidade, já que se apresenta como capaz de homogeneizar o planeta quando, na verdade, agrava as diferenças locais e as desigualdades sociais, tornando o mundo menos unido enquanto o culto ao consumo é estimulado.

A produção do sistema de técnicas teria função preponderante na formação do elo que une o planeta. As tecnologias da informação seriam o ponto chave para a garantia da presença da técnica em nível planetário (SANTOS, 2019). Um dos aspectos que deu sustentação para a difusão das tecnologias da informação e sua presença global e cotidiana foi a marca ideológica de emancipação do ser humano, cuja crença era a de uma liberdade ampliada a partir das tecnologias, em especial da internet, já que estas promoveriam a redução do poder do estado burocrático (FOLETTTO, 2018). Porém, ao contrário do que se produziu como fábula, as técnicas apenas puderam se realizar e fazer parte da história pelo intermédio da política (dos Estados e das empresas) e, portanto, estão submetidas a ela. Assim, a globalização não é apenas efeito da mundialização da técnica, mas é também resultado das ações que garantem o surgimento de um mercado global, responsável pelo essencial dos processos políticos eficazes. Há uma relação estreita entre a economia da globalização e a natureza do fenômeno técnico correlato ao período (SANTOS, 2019).

Alguns fatores estariam na base da arquitetura da globalização atual, apoiando o grande capital na construção da perversidade desta globalização. A unicidade da técnica seria um dos pilares deste projeto. As técnicas portam uma história e fornecem um retrato de cada época. Os representativos técnicos do momento atual são a cibernética, a informática e a eletrônica, que permitem a comunicação recíproca, assegurando um tipo de comércio que antes não era possível. Passam, então, a ter um papel determinante sobre o uso do tempo, permitindo a convergência dos momentos e a sincronia das ações que, como consequência, aceleram o processo histórico (SANTOS, 2019).

Porém, os conjuntos de instrumentos mais modernos não são usados igualmente por todos e os mais antigos, então obsoletos, permanecem sendo utilizados por aqueles que se tornam atores de menor importância na época atual, justamente por não terem as condições para mobilizar as técnicas mais avançadas e poderosas. As técnicas da informação conferem a novidade de alcançar, direta ou indiretamente, a totalidade de cada país, que tem acesso e é influenciado pelo acontecer dos outros. Aqueles dotados das

técnicas hegemônicas (mais avançadas, poderosas e restritas a poucos atores) ocupam um lugar hierárquico ao submeter os outros lugares às suas referências, pois a técnica hegemônica pode se fazer presente em toda parte do globo, inaugurando uma finança universal (SANTOS, 2019) e também uma atenuação da heterogeneidade cultural.

É o caso, por exemplo, do acesso à internet no Brasil. Uma pesquisa de abrangência nacional realizada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação e pelo Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (CETIC.BR; NIC.BR, 2022a) levantou que em 2021, numa amostra de 2.651 crianças e adolescentes, dentre 9 e 17 anos, 93% da amostra total fez uso da internet nos últimos três meses (a partir da data da pesquisa) (gráfico 1). Embora haja uma diminuição de 14 pontos percentuais entre as classes A (100%) e DE (86%), este valor não é pequeno. Pode-se considerar, portanto, que enquanto a rede alcança, em nível global, o cotidiano de crianças e adolescentes, exerce forte influência sobre um modelo globalizado em torno destes períodos da vida. Na internet, as particularidades de cada território são subtraídas por uma mesma lógica discursiva que, submetida às grandes empresas de tecnologia, possui como fim a lucratividade e para isso adota diferentes formas para tornar seu uso atrativo, desconsiderando aspectos pessoais como condição socioeconômica e modo de vida de seus usuários.

Por outro lado, a mesma pesquisa revela uma discrepância em relação aos aparelhos tecnológicos utilizados para acessar a internet. 82% dos usuários pertencentes às classes AB utilizam o computador para acessar a internet. Em contrapartida, apenas 16% dos usuários que pertencem às classes DE, teriam acesso ao aparelho (gráfico 2). 78% dos usuários pertencentes às classes DE acessam a internet exclusivamente pelo celular, enquanto fazem uso exclusivo do celular para acessar a internet apenas 18% dos pertencentes às classes AB (gráfico 3).

Ou seja, apesar do amplo acesso à internet no Brasil, estes dados revelam como seu uso não se dá da mesma forma pelos indivíduos. Considerando que o acesso à rede por banda larga fixa está mais presente nos domicílios das classes mais abastadas e em menores proporções nas classes mais pobres (CETIC.BR; NIC.BR, 2022b), ao acessar a rede apenas pelo celular, tem-se uma experiência de navegação mais restrita, pois muitos estão sujeitos aos limites de dados das redes móveis⁷. As condições de conectividade

⁷ Algumas operadoras de telefonia oferecem acesso isento de consumo de dados ao *WhatsApp* e redes sociais como *Facebook* e *Instagram*, o que sugere uma restrição dos conteúdos que podem ser acessados e ao mesmo tempo um direcionamento para essas plataformas.

menos favoráveis afetam o conjunto de atividade possíveis de serem realizadas no ambiente virtual. Assim, instala-se uma desigualdade no acesso que afeta a apropriação da rede e torna assimétrica a inclusão de todos no futuro digital.

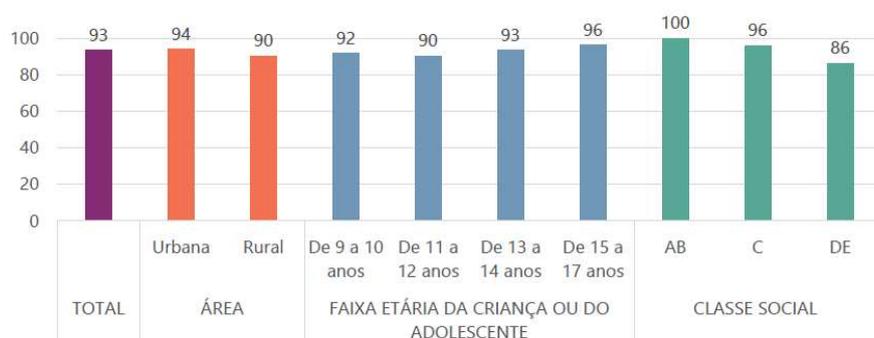


Gráfico 1 – Uso da Internet nos últimos três meses: Total de crianças e adolescentes de 9 a 17 anos (%) (2021) – Fonte: CETIC.BR; NIC.BR, 2022a



Gráfico 2 – Dispositivo para uso da Internet por classe (2021) – Fonte: CETIC.BR; NIC.BR, 2022a



Gráfico 3 – Uso exclusivo de telefone celular para uso da Internet (2021) – Fonte: CETIC.BR; NIC.BR, 2022a

Mas, o sistema técnico em si não é autônomo, o que o faz ter preponderância na arquitetura global é o modo como é utilizado pelos atores hegemônicos, como as empresas globais (atualmente as grandes empresas de tecnologias – as *Big Techs* – por

exemplo). Suas ações adquirem um caráter invasor ao buscar espalhar-se na produção e nos territórios, impondo a todo globo a mais-valia⁸ mundial. A técnica fornece os recursos necessários à conexão global e à unicidade do tempo, mas apenas tem eficácia a partir das políticas de mais-valia globalizada (SANTOS, 2019). A técnica estaria a serviço do princípio das redes de troca que, indispensáveis ao capitalismo, se destinam a ser globais. Não houve, por exemplo, um desmantelamento imediato dos ritmos diurnos e dos laços sociais dos meios agrários com a chegada da manufatura fabril, ao contrário, durante um longo período a vida rural foi gradualmente desfeita ou atingida por processos novos (CRARY, 2016).

Jonathan Crary (2016) aborda como a homogeneização do tempo e a concepção de processos ininterruptos, como a indiferenciação entre dia e noite e o funcionamento global 24 horas, 7 dias por semana, suprime e ultrapassa as limitações sociais e naturais. Citando Marx, Crary (2016) reitera que a natureza do capital é romper com as barreiras espaciais, já que necessita de uma anulação do espaço pelo tempo para criar condições físicas de troca, o que garantiria a permanente continuidade do processo.

O caráter destrutivo e o impacto global da Segunda Guerra Mundial foram impulsionadores do progresso científico e, conseqüentemente, técnico. A destruição de territórios, identidades e tecidos sociais promoveu uma homogeneização sem precedentes que viabilizou, como uma folha em branco, a fase atual da globalização do capitalismo. As grandes empresas globais, operando em nível planetário, revolucionaram o mundo das finanças ao permitir que o mercado funcionasse em diversos locais durante o dia inteiro (CRARY, 2016; SANTOS, 2019).

Com a internet, a profecia de Marx se realiza de forma excepcional, pois não requer mais que o sujeito esteja em seu posto de trabalho para que a engrenagem do mercado possa girar “24/7”. Ininterruptamente *online*, ele agora está conectado aos mecanismos de lucratividade desenhados pelas plataformas de comunicação, informação e consumo, reduzindo as barreiras do espaço e do tempo. A unicidade do tempo e a convergência dos momentos é, então, a novidade que se instaura, proporcionando acesso instantâneo, de onde quer que se esteja, ao acontecer de outros lugares. A técnica cria as possibilidades de fluidez e permeabilidade no espaço e no tempo, o que permite a mundialização do produto, do capital, do crédito, do consumo e da informação. Estes elementos são impulsionados pela mais-valia universal, atuante como uma força

⁸ Termo proposto por Marx para designar a disparidade entre o salário pago e o valor produzido pelo trabalhador, sendo convertido em lucro ao dono do capital.

propulsora, um motor único, ela sustenta este conjunto de mundializações que vão se arrastando e se impondo, mutuamente, umas sobre as outras (SANTOS, 2019).

Este sistema financeiro unificado, integrado, globalizado, por um lado leva o mundo a algo como uma homogeneização, um padrão único, mas por outro, sustenta uma competitividade entre as empresas, cujo lema passa a ser a sobrevivência daquele que obtém a mais-valia maior. A briga entre as empresas se torna exponencial, o que impulsiona o crescimento científico e técnico para permitir a elas a manterem-se à frente no quesito inovação. O conhecimento extensivo e aprofundado do planeta é também um favorecedor no processo competitivo, já que cada empresa passa a valorizar e selecionar as localidades de acordo com seus interesses, realizando com muita força e em toda parte uma influência hegemônica:

graças sobretudo aos progressos das técnicas da informática, os fatores hegemônicos de mudança contagiam os demais, ainda que a presteza e o alcance desse contágio sejam diferentes segundo as empresas, os grupos sociais, as pessoas, os lugares. Por intermédio do dinheiro, o contágio das lógicas redutoras, típicas do processo de globalização, leva a toda parte um nexu contábil, que avassala tudo. Os fatores de mudança (...) são, pela mão dos atores hegemônicos, incontroláveis, cegos, egoisticamente contraditórios (SANTOS, 2019, p. 34).

Os pilares do capitalismo globalizado sustentam-se sobre a tirania do dinheiro e da informação, o que caracterizaria, para Milton Santos (2019), uma globalização perversa. Assim, fundam-se as bases para um sistema ideológico de caráter avassaladoramente hegemônico, um pensamento único, que exerce forte influência sobre as individualidades. Porém, na prática este caráter não é totalmente evidenciado, ao contrário, o pensamento único produz a impressão de que tudo é passível de personalização, de que detemos o poder de escolha sobre todos os âmbitos da vida, quando na verdade, condiciona estas escolhas a uma ordem superior, hegemônica.

Imaginemo-nos diante de uma rede de informações em que seríamos direcionados a nos deparar especialmente com aquilo que é compatível com nossos gostos e opiniões. Isso, sem dúvida, produziria uma alienação, uma sensação de que seria possível extinguir de nosso campo visual tudo aquilo que nos incomoda. Mas, este sistema eficaz em produzir uma equivalência entre o que desejamos e o que vemos, ao criar a sensação de uma extinção das diferenças, nos engana, nos seduz e nos coloca refém de um sistema que, na verdade, conduz ao discurso único da lucratividade e do consumo. Este é o caráter hegemônico (e perverso) do funcionamento algorítmico da digitalidade, por exemplo,

tema que será discutido de forma mais ampla adiante. Ou seja, a lógica da soberania do dinheiro está implicada de forma imprecisa na cotidianidade do sujeito.

O mesmo ocorre com o modo de vida na atualidade, já que, diante do domínio da competitividade, o sujeito crê que não só é possível, como é viável, agir conforme a lógica do mercado, “basta querer”. Mas, perante a apropriação de outros processos não hegemônicos, restringem-se as possibilidades de autonomia e de reprodução própria. A concorrência das atividades mais poderosas ameaça as atividades de menor impacto, já que seus resultados, obtidos localmente, são menores. A inflexibilidade sobre os comportamentos se exacerba, acarretando um mal-estar do corpo social. Esta ideologia, que funda um novo conjunto de hábitos, incorpora-se às relações sociais e interpessoais, influenciando o caráter das pessoas e favorecendo a aceitação aos totalitarismos impostos pela competitividade (SANTOS, 2019).

Tal sistema de concorrências ultrapassa o plano das empresas privadas, fazendo parte, inclusive, do sistema político do Estado, que adere à norma da concorrência do mercado global. O Estado se torna empreendedor e depende de um sistema de direitos específico. Ou seja, ao mesmo tempo que é responsável por construir o mercado, se constrói a partir do mercado (DARDOT; LAVAL, 2016), fomentando a generalização do discurso em prol da competitividade.

Assim, um novo modo de funcionamento passa a vigorar no fim do séc. XX. Os regimes liberais, dentro de alguns limites, permitiam um funcionamento heterogêneo do sujeito, na medida em que garantiam uma separação e relativa independência entre as diferentes esferas da vida. Mas, a partir do impulso do capitalismo, as relações humanas passam a ser submetidas à regra do lucro máximo e o ser humano, enquanto instrumento econômico, é levado a uma nova forma de sujeição às leis impessoais e incontroláveis da valorização do capital. As práticas discursivas e institucionais, pautadas na competitividade, engendraram, então, uma rede de estímulos, medidas e compromissos, que tiveram como efeito a produção de um novo tipo de funcionamento psíquico. A figura do sujeito da atualidade é a do sujeito empresa, o sujeito neoliberal, intensamente imerso na competição mundial. Esta nova condição do homem é efeito de uma reorganização da sociedade, das empresas e das instituições, que para ser efetivada, dependeu deste rearranjo normativo sobre as subjetividades (DARDOT; LAVAL, 2016).

O discurso neoliberal passa a mobilizar recursos psicológicos e morais para justificar a racionalidade das intervenções econômicas e sociais. Valores morais se justapõem aos aspectos políticos e econômicos de modo astuto, pois resultam na

abstenção da crítica e na eliminação do espaço político enquanto espaço de deliberação e decisão. A autonomia do sujeito e sua emancipação diante do Estado são os novos imperativos aos quais o sujeito deve se submeter:

era moral a defesa de que os indivíduos deveriam parar de procurar “proteção” nos braços do Estado-providência a fim de assumir “responsabilidade” por suas vidas, aprendendo assim a lidar com o mundo adulto de uma “sociedade de risco” (embora nunca tenha ficado realmente claro se os riscos afinal eram para todos) (SAFATLE, 2021, p. 18).

Ora, o sujeito moral, autônomo e responsável não recusaria a propriedade privada e a competitividade, isso seria não só um equívoco econômico como falta moral. A sua independência e pretensa autodeterminação individual deveriam ser soberanas. Estas crenças pressupõem uma predisposição psicológica do sujeito, de quem se espera que se oriente por princípios empresariais de performance, de rentabilidade, de investimento, de posicionamento, em todos os aspectos da vida. Daí advém a internalização de um ideal empresarial de si mesmo que arrasa a possibilidade de crítica. A normalidade psicológica implicaria a adesão aos moldes impostos (a ideia de “inteligência emocional” seria um produto desta lógica, largamente apropriada por *coachs*⁹ enquanto um produto passível de ser adquirido), enquanto a contrariedade a estes padrões seria uma expressão patológica (SAFATLE, 2021).

Se a externalização do sofrimento passa a ser interpretada como fraqueza moral, o sujeito deve ser, portanto, “resiliente”. Na física, o fenômeno da resiliência se refere à propriedade de um material de retornar ao seu estado inicial após passar por deformações. A apropriação deste conceito no campo da subjetividade designa a capacidade de gerenciar as emoções (principalmente a raiva e o ciúme), retomando rapidamente ao estado anterior, tornando-se menos afetado pelas adversidades. A manutenção do otimismo e expansão da rede de relações sociais integram um perfil de funcionamento compatível com horários flexíveis de trabalho de uma autoimagem de si como empreendedor. “Resiliência” passa a ser o termo da compatibilidade de si com o contexto ideológico do neoliberalismo. Esta ideia só ignora que, diferentemente da matéria inanimada, o sujeito é afetado e porta as marcas das experiências que vive (DUNKER, 2017).

⁹ Traduzido do inglês como “treinador”, o termo designa um profissional que orienta e treina seus clientes para o desenvolvimento pessoal e profissional.

As condutas impostas pelo discurso neoliberal tentam anular a dimensão de revolta que se exprime no sofrimento psíquico, ao passo que ele preserva, ainda que erraticamente, as expressões de crítica e de recusa contra as estruturas normativas da sociedade. A economia psíquica está atrelada ao sistema social de regras e normas e por isso a constituição das subjetividades é atravessada pelo discurso da atualidade que exerce uma pressão sobre o sujeito para agir a partir de seu próprio esforço. Sua inadequação em relação à imagem que representa o sucesso, torna-o segregado.

O mal-estar vivenciado é somente a ponta do iceberg, em sua base estão as lógicas da globalização do capitalismo e os ditames neoliberais, influenciando as subjetividades, as crenças, os valores, as dinâmicas e as formas de vida. Diante disso, há que se considerar como a infância vem sendo afetada por esta dinâmica social. Os reflexos deste sistema parecem situar as crianças na sociedade enquanto pequenos indivíduos a serem preparados e formatados conforme a lógica do capital, vindo a ser, no futuro, bons sujeitos produtivos.

2.2 A CRIANÇA NA CONTEMPORANEIDADE E OS IMPERATIVOS DO “VIR A SER”

Estando os ideais sociais da atualidade submetidos à lógica capitalista da competitividade e do bom desempenho, a criança, a partir de sua possibilidade de “vir a ser”, sustenta uma promessa de futuro, geralmente pautada nestes ideais. As crianças dos centros urbanos, cujas condições socioeconômicas possibilitam a garantia de seus direitos, vivenciam a influência destes fatores em um tipo de infância bastante específico. Já as que não desfrutam das mesmas garantias, as que estão desde já “fora do jogo”, sofrem as consequências segregadoras da vida orientada pelo consumo.

Os discursos neoliberais convocam a sociedade a tomar as crianças como objetos de investimento para estarem aptas a participar da competitividade do mercado, priorizando sua inclusão futura no consumo. As ideias de “viver bem” ficam articuladas às de “produzir bem”, “competir bem” e “consumir bem”. Desse modo, as crianças menos favorecidas economicamente sofrem tanto pela privação dos objetos compráveis padronizados e estimulados pela mídia, que se tornam “sonhos de consumo” infantis (alimentos específicos, brinquedos, viagens, etc.), quanto pela menor chance de se “prepararem” e de terem oportunidades equivalentes às das crianças “mais ricas” no futuro, o que já vai fomentando uma imensa desigualdade social. Porém, as falácias da

meritocracia negam este contexto desigual ao imprimir o discurso de que “basta que o sujeito se esforce e terá as mesmas oportunidades”.

O que é considerado “viver bem” dentro do consumo é questionável quando a criança que faz parte de um contexto economicamente favorável é convocada a viver de tal modo que a borda entre o que é próprio da vida adulta e infantil fica pouco delimitada. Com mais atividades preparatórias em suas agendas e menos tempo disponível para a espontaneidade do livre brincar, o imperativo desta infância passa a ser a preparação para a competitividade futura no mercado de trabalho. As atividades lúdicas cedem, então, lugar às atividades consideradas mais “sérias”, indicando semelhanças entre a infância e a vida adulta. Em prol da superqualificação de crianças, o importante deixa de ser o tempo presente, o aqui e agora, e passa a ser um futuro vivenciado no presente, de modo que passam a não ser essenciais as atividades tipicamente infantis, como o brincar (JERUSALINSKY, 2011; VECTORE, et. al., 2018).

A necessidade, a busca e o desejo pela formação de competências e habilidades dos filhos se intensificam nas sociedades altamente competitivas. Torna-se comum na atualidade que as crianças cumpram, para além das atividades escolares, uma diversidade de aulas conteudistas para a aquisição de conhecimentos complementares, como idiomas, treinos de reforço escolar, informática, desenho, além de práticas esportivas, seja para cultivo estético ou compensatório a uma vida sedentária (JERUSALINSKY, 2011; VECTORE, et. al., 2018).

Nem mesmo os bebês escapam desta lógica, com a oferta dos joguinhos eletrônicos, brinquedos industrializados e sistemas bilíngues de educação infantil, que prometem desenvolver a inteligência dos mais pequenos, demandando desde cedo a sua superqualificação. Paralelamente, estes recursos assumem também a função de suprir a ausência de pais imersos em longas jornadas de trabalho. Mostram-se, portanto, como fim e como efeito da lógica neoliberal.

Assim, observa-se um processo de institucionalização e de mercantilização da infância, cujo resultado é a permanência cada vez maior das crianças em atividades regradas e normatizadas, nas quais investe-se menos na sustentação de um saber construído pela e a partir delas mesmas e mais na transmissão de informações que cumpram com um determinado programa curricular e de formação para um mercado. A informação adquire primazia sobre a construção do conhecimento. Prioriza-se, então, um vir a ser num futuro, cada vez menos distante, em que estar apto para concorrer pelos

melhores cargos do mercado de trabalho se torna um objetivo a ser perseguido desde os primeiros anos de vida.

Deste futuro planejado por outros e ordenado pela expectativa de vida profissional, decorre o pouco tempo destinado às atividades que visam apenas o prazer que elas evocam. A ludicidade, quando incluída nestas atividades, possui fins pedagógicos e mediação dos adultos, restando à criança pouco espaço para sua livre expressão. Desenhar, jogar futebol, dançar, cantar, tornam-se práticas a serem aprendidas em cursos, que visam potencializar as capacidades tornando-as profissionalizáveis. Assim, a experiência do espontâneo se inibe diante da demanda por desenvolver “o melhor de si” e da oferta de rotinas preestabelecidas, que engessam os recursos imaginários e simbólicos que possam advir das experiências lúdicas (JERUSALINSKY, et. al., 2020; VECTORE, et. al., 2018).

A isso soma-se, ainda, a substituição das brincadeiras de faz-de-conta e dos jogos corporais pelo uso de telas e jogos virtuais, e também a substituição do outro encarnado, com quem se possa simbolizar as experiências, pela presença anônima das telas. Famílias nucleares cada vez menores com convívio restrito a outros familiares, por vezes pela migração, em função do trabalho, para cidades ou bairros distantes dos parentes, culminam na restrição das trocas com pares da mesma idade e com adultos. Como efeito, há um empobrecimento da transmissão simbólica de sua história familiar e cultural passada entre gerações, além da transformação dos eletrônicos em parceiros preferenciais de brincadeiras, jogos e, quiçá, de aprendizagem (JERUSALINSKY, et. al., 2020; VECTORE, et. al., 2018).

Há que se considerar a condição de vida nos centros urbanos. Nas cidades fortemente marcadas pela concentração de renda e exclusão social, em que os espaços são ocupados de forma privada, as calçadas, praças e outros ambientes públicos já não são mais lugares seguros para o exercício da cidadania e da brincadeira. As ruas não são mais uma extensão do lar. Os espaços mais restritos das residências, a falta de planejamento urbano das grandes cidades e a violência cotidiana implicam que as crianças fiquem recolhidas no interior de suas casas, tendo restrita a possibilidade de convivência com outras crianças, a menos que seja controlada por adultos (JERUSALINSKY, 2011; JERUSALINSKY, et. al., 2020; VECTORE, et. al., 2018).

Paralelamente, cresce consideravelmente o número de transtornos mentais e patologias orgânicas diagnosticados na infância (até pouco tempo exclusivos dos adultos) que indicam o mal-estar presente neste momento da vida na contemporaneidade. Efeitos

dos modos de vida atuais dos centros urbanos, estes problemas de saúde requerem ser analisados em conformidade com a realidade social em que vivem as crianças:

a imobilidade do corpo, do domínio precoce de coordenação, normalmente frequentes em instituições escolares podem estar contribuindo para a exacerbação de sintomas de irritação, agitação, impulsividade e desatenção que ao serem identificados como pertencentes ao quadro de Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), (...) transformam-se em patologias. Nessa perspectiva, os comportamentos infantis, corriqueiros em outras épocas e até incentivados na infância, hoje são tratados como desordens neuropsicobiológicas (VECTORE, et. al., 2018, p. 45).

Se o que é considerado corriqueiro na infância mudou, também mudou o que se toma por patológico. As inadequações do sujeito diante dos novos imperativos e ideais sociais se traduzem em nomenclaturas psicopatológicas que carregam consigo soluções medicamentosas. Este fator fica evidente quando o total de vendas do metilfenidato, psicofármaco prescrito para Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade – TDAH – aumenta no segundo semestre escolar, em comparação ao primeiro, e diminui significativamente no período de férias, segundo nota técnica do Fórum sobre Medicalização da Educação e da Sociedade (2015):

observa-se um padrão no consumo durante o ano, com quedas acentuadas no período de recesso escolar: janeiro e dezembro. Também observa-se que o consumo durante o ano apresenta aumento até outubro. Em 2012, janeiro representou 4,7% de venda do metilfenidato consumido no ano. Ao passo que outubro foi responsável pela venda de 10% do total. Esses dados indicam que o metilfenidato é possivelmente utilizado por crianças e adolescentes em processo de escolarização que fazem uso reduzido do medicamento no período de recesso escolar, mas que o seu consumo cresce concomitantemente ao longo do ano escolar, com aumento nas épocas onde há eminência de reprovação escolar (FÓRUM SOBRE MEDICALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO E DA SOCIEDADE, 2015, p. 7).

De acordo com o Boletim Brasileiro de Avaliação em Tecnologias e Saúde – BRATS – (ANVISA, 2014), a quantidade de produção brasileira deste medicamento aumentou em mais de cinco vezes entre os anos 2002 e 2006, colocando o Brasil na segunda posição no ranking mundial de prescrição do fármaco. O metilfenidato chegou ao Brasil em 1998 e em 2011 já era o psicoestimulante sintético mais consumido (é curioso que neste período também tenhamos assistido à ascensão das subjetividades neoliberais). Atualmente, o consumo continua crescente, o que se deve ao aumento de diagnósticos de TDAH.

Entre 2009 e 2011 o número de diagnose deste transtorno na infância aumentou em 75% entre crianças de 6 a 16 anos (BRUM, 2013). Porém, a imprecisão diagnóstica e

os casos de indicação do tratamento medicamentoso em crianças que não possuem TDAH (ANVISA, 2014), indicam o modo como são tratados os sintomas pertencentes ao quadro. Estes parecem revelar comportamentos subversivos em relação à lógica da “obediência” de uma criança. “Frequentemente levanta da cadeira em situações em que se espera que permaneça sentado”, “é incapaz de brincar ou se envolver em atividades de lazer calmamente”, “frequentemente interrompe ou se intromete em conversas dos outros”, “frequentemente não segue instruções até o fim” (APA, 2014, p. 59-60), são alguns dos sintomas.

Não à toa, o metilfenidato é apelidado “droga da obediência”. O uso do medicamento tem sido largamente difundido como ferramenta de melhoria do desempenho e performance social pelo seu efeito estimulante, fazendo, inclusive, com que adultos não diagnosticados com TDAH façam uso da droga, motivados pela esperança de potencialização de seu desempenho e competitividade no trabalho (BRUM, 2013; CRARY, 2016). Mas, quando se trata de crianças, não cabem a elas esta decisão e, mesmo diante do reconhecimento da ANVISA (2014) de que “as evidências sobre a eficácia e segurança do tratamento com o metilfenidato em crianças e adolescentes, em geral, têm baixa qualidade metodológica, curto período de seguimento e pouca capacidade de generalização” (p. 9), o tratamento com este medicamento segue sendo muito indicado.

Estes dados revelam como problemas sociais, pedagógicos e políticos se transformam em questões biológicas e médicas, para as quais a medicalização¹⁰ advém como a solução que vai resolver, de forma isolada, as questões problemáticas do nosso tempo. Esta crença se difundiu na nossa sociedade e, ao colocar a responsabilidade no sujeito, fecha os olhos para os problemas sociais que enfrentamos:

os termos do diagnóstico psiquiátrico se contrapõem ou mesmo excluem os termos de um diagnóstico mais amplo, a saber, um diagnóstico do social e do cultural, uma vez que o déficit estaria todo do lado do indivíduo, ou seja, seria um problema de um corpo individual separado dos demais e da cultura. E se a medida a ser tomada é o remédio, excluem-se outras (WILLIGES; SOUSA, 2021, p. 101).

¹⁰ Medicalizar é diferente de medicar. Medicar pode ser necessário em alguns casos, já medicalizar se refere a uma apropriação da medicina pelo modo de vida humano e que interfere na construção de conceitos, regras, normas e costumes (DINIZ, 2009).

Parece contraditório esperar da criança sua adequação aos moldes de conduta do “bom comportamento” e da “obediência” ao mesmo tempo em que se preenche sua agenda com diversas atividades e recheia seus momentos de lazer com telas, que impedem o espaço vazio, do tédio e do ócio, numa verdadeira hiperatividade de estímulos. Mas este paradoxo sugere como certa semântica do bom comportamento e a presença dos dispositivos eletrônicos são fatores que caminham juntos na produção do discurso ao qual estão submetidos os ideais da cultura sobre as crianças, uma vez que a técnica tem função crucial para a eficácia do capitalismo global, pois ela produz e propaga os discursos dos quais ela mesma está a serviço.

Estariamos vivendo a “cultura do déficit de atenção” (TÜRCKE, 2016). Este seria um fenômeno que atravessa as sociedades penetradas pela alta tecnologia e que se difunde de modo crescente entre crianças e jovens (suas vítimas mais vulneráveis). Produziria a eliminação de qualquer realidade que pressuponha o cultivo dedicado e perseverante de atenção, já que é inseparável da inundação de sensações superficiais que a máquina produz de maneira ininterrupta com seus choques audiovisuais, realizando assim uma “distração concentrada” que desgasta a atenção humana:

O efeito de anestesiamento que esta maquinaria neoliberal produz nos sujeitos mediatizados convém, é claro, à lógica do capital, pois produz uma curiosa passividade fruto de um aparente ativismo do consumidor de informações. O sujeito é chamado a se expressar sobre tudo e a não se deter em nada (WILLIGES; SOUSA, 2021, p. 92).

Se “a atenção é uma das conquistas mais preciosas da cultura humana” (WILLIGES; SOUSA, 2021, p. 97), o excesso de estímulos, informações e impulsos, que produzem uma atenção dispersa, representariam um retrocesso civilizatório. O sujeito multitarefa, capaz de mudar rapidamente de foco entre uma coisa e outra, se assemelha ao animal selvagem que, constantemente ameaçado, é obrigado a dividir sua atenção em diversas atividades (HAN, 2017a). Este sujeito é incapaz de exercer a atenção profunda, contemplativa, que somente o tédio, o vazio atencional, podem promover. “Sem esse recolhimento contemplativo, o olhar perambula inquieto de cá para lá e não traz nada a se manifestar” (HAN, 2017a, p. 37). As empresas de tecnologia que regem a digitalidade são as maiores produtoras desta atenção dispersa.

A dificuldade de se concentrar e a constante inquietação motora assola crianças e jovens que gozam de boas condições sociais, familiares e de saúde. Ter acesso ao consumo, à alimentação e aos ambientes educacionais, não viver em ambientes familiares

nocivos e não apresentar nenhum tipo de dano neurológico, não são o bastante para que o sujeito não sofra de TDAH. Desse modo, TÜRCKE (2016) associa esta perturbação sintomática em crianças e jovens a uma greve. Tal como os movimentos operários fazem paralisações, visando interromper as conjunções precárias e assim criar melhores condições de trabalho aos seus membros, as crianças (que não sabem dessas coisas) fazem greve boicotando a si mesmas e a seu ambiente, não por princípio ou convicção, mas por necessidade. Ainda que esta greve se manifeste por um reflexo psicossomático, elas visam parar uma demanda excessiva, revelando que algo de elementar foi perturbado (TÜRCKE, 2016).

É dentro da comunidade humana que a infância é produzida. Seus sintomas são formas de resposta às demandas culturais. Porém, enquanto os instrumentos de psicodiagnósticos, formatados como *check-lists*¹¹ que rastreiam sinais de desajustes psicopatológicos nomeados com transtornos específicos, reiterarem a lógica da produção de um ideal de criança, nenhum efeito será produzido sobre a causa do sintoma. A greve terá sido em vão e por isso se manterá ininterrupta. Em nome de um novo paradigma de “bem cuidar”, as respostas medicamentosas e os diagnósticos fechados engendram um modo de se relacionar com a criança, que vai mais na direção de avaliar, testar e medicar do que de sustentar o trabalho exaustivo de sua constituição pela via da cultura e da educação, já que para tal, seriam necessários novos formatos de sociabilidade (JERUSALINSKY, et. al., 2020).

Porém, cada vez mais distantes de uma resolução via cultura, caminhamos pelo atalho das resoluções ilusórias através do consumo. Vivemos a produção de pseudonecessidades e insuficiências, antes inexistentes, cuja solução indispensável estaria na aquisição de novos produtos. A acumulação não é mais somente de objetos, “agora nossos corpos e identidades assimilam uma superabundância de serviços, imagens, procedimentos e produtos químicos em nível tóxico e muitas vezes fatal” (CRARY, 2016, p. 12). Desse modo, o consumo apenas reitera a produção de sofrimento, visto que a sensação de vazio que o sujeito experimenta no mal-estar não é passível de ser preenchida com coisas (ao contrário do que se vende¹²). Este vazio, esta falta, é de outra ordem

¹¹ O critério diagnóstico para o TDAH, por exemplo, enumera nove sintomas para desatenção e nove para hiperatividade, se seis destes sintomas persistirem por pelo menos seis meses, o sujeito pode ser enquadrado no transtorno (APA, 2014).

¹² Um exemplo é o comercial de refrigerante da marca *Fanta*, disponível no YouTube, em que é retratada uma cena sem cores, em escalas de cinza, onde um homem, aparentemente entediado, não tem nada para fazer, então abre a geladeira e encontra uma lata da bebida. A voz que narra diz: “*num é que era isso que*

(psíquica, subjetiva). Além disso, o consumo cria uma cilada, pois ao se adquirir um produto, este rapidamente se torna obsoleto e um outro vira objeto de cobiça, revela-se, assim, a impossibilidade de completude prometida pelo marketing.

O mal-estar mantém relação com os dispositivos sociais e culturais e, em uma sociedade que se reduz à condição de mercado de bens e serviços, são poucas (ou talvez nenhuma) as possibilidades de o sujeito refrear os imperativos do capital. Para Birman (2020), os mecanismos de proteção simbólica culturalmente instituídos perderam eficácia, resultando na expressividade com que os “feitiços do mundo” ganharam maledicência. A medicalização como a solução para o sofrimento, regulando diretamente os efeitos do mal-estar sobre o corpo, longe de promover a operação do sujeito de barrar os efeitos do ditame neoliberal, produz, ao contrário, sua adaptação aos moldes vigentes. A medicalização da vida, ao fomentar a legitimidade de uma biologia cada vez mais sem limites, produz consequências imprevisíveis na sociedade contemporânea (BIRMAN, 2020).

O sofrimento contemporâneo advém de experiências que se revelam, no geral, de maneira descontínua, imprevisível e intempestiva, características do tempo presente. Resultado de um longo processo de mudanças das subjetividades, as formas de mal-estar vigentes se revelariam como dor, se inscrevendo nos registros do corpo, da ação e das intensidades. A aceleração do sujeito se destaca na atualidade. A hiperatividade se impõe como um efeito do ser performático, cuja ação seria seu principal alvo. O agir é frequentemente desprovido do pensamento do que se quer obter com a ação, de modo que o indivíduo nem sempre sabe dizer o que o leva a agir, enunciando, então, o imperativo categórico da atualidade: “agir logo existir” (BIRMAN, 2020, p. 72).

O corpo tem se transformado em um objeto de e para o consumo. Mas, por trás da simulação perpétua de que há sempre algo novo, inovador, indispensável à vida a ser consumido, conservam-se relações de poder e de controle que, longe de serem novidade, reproduzem e repetem a mesma estratégia incessantemente (CRARY, 2016). A lógica do modelo de consumo atual é a da produção do consumidor antes mesmo do produto, dos bens e dos serviços. A organização do consumo precede a organização da produção. Este seria um dos aspectos da tirania do dinheiro, que caracterizaria a globalização perversa para Milton Santos (2019).

tava faltando, então, ó” e tudo ganha cor. O linguajar informal conversa com o público jovem e a propaganda transmite a ideia de que há algo consumível capaz de preencher o que está faltando no sujeito. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vSiLmd942TY>. Acesso em 29 mar 2023.

Os indivíduos ficam submetidos a um pacto que torna seus corpos máquinas, por meio das quais as “necessidades” de um grupo são atendidas em prejuízo a outras necessidades (humanas). Criam-se indivíduos cujos corpos são incessantemente disciplinados para reduzir o que é essencialmente humano, o que é essencialmente subjetivo, reproduzindo comportamentos adequados ao sistema. “Enquanto as instituições disciplinares de primeira ordem (escolas, quartéis, fábricas) instituem e inculcam o pacto, as de segunda ordem – o sistema jurídico (...) e o sistema médico (...) – avaliam e ‘curam’ os não adequados” (SEVERINO, 2022, p. 265). Há, portanto, a produção de uma adequação do corpo à sua entrega total ao capitalismo.

Crary (2016) aborda como o sono é um dos alvos de aniquilamento do que ele chama de “capitalismo 24/7” (fazendo referência ao seu incessável modo de funcionamento de 24 horas, sete dias por semana). O sono seria, atualmente, a única necessidade humana que nos impede à entrega total ao capitalismo 24/7. A maioria das necessidades da vida humana (como a fome, o desejo sexual e a necessidade de amizade) foi transformada em mercadoria ou investimento. Já o sono resiste a esta expropriação: “o sono é uma afirmação irracional e intolerável de que pode haver limites à compatibilidade de seres vivos com as forças supostamente irresistíveis da modernização” (CRARY, 2016, p. 14). Mas olhado sob a ótica do capital, o sono passa a representar uma inadequação, uma fragilidade humana, que torna o inevitável momento de adormecimento incompatível com a lógica discursiva da competitividade e da boa performance¹³.

O ditame do bom desempenho tem como efeito não somente a ideia de que as necessidades humanas são inadequadas aos modos atuais de vida. Mas, ainda mais grave, é o efeito que produz socialmente, culminando na adesão desenfreada aos comportamentos competitivos que resultam em formas de violência desumanas, em que o respeito à alteridade se torna ausente. Nelson da Silva Junior (2021, p. 256) afirma que o ideal do neoliberalismo não é a empregabilidade, mas a manutenção do desemprego, de modo a manter baixos salários, levando ao aumento da mão de obra disponível, enfraquecendo a força de negociação sindical e aumentando a possibilidade de lucro pela mais-valia. O pacto social, que garantiria condições mínimas de trabalho e de vida à população, cede lugar ao que se torna a regra do jogo no neoliberalismo: a precarização do trabalho e o desemprego.

¹³ Atingindo o cômico jargão contemporâneo: “estude/trabalhe enquanto os outros dormem”.

Porém, a lógica em jogo não fica tão clara quando se associa ao neoliberalismo as ideias de liberdade, independência e não submissão às normas sociais:

O neoliberalismo depende da produção de sujeitos que entendam como naturais as formas de precarização social (...). Tal naturalização é obtida através de um longo processo de transformação das formas de vida, incluindo aqui o trabalho, a linguagem e o desejo. Por exemplo, o estado de desemprego passa a ser renomeado como um convite à iniciativa e ao empreendedorismo de cada um. (SILVA JUNIOR, 2021, p. 266).

Para Byung-Chul Han (2017a), a sociedade do século XXI “não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade do desempenho” (p. 23). O sujeito do desempenho é, por um lado, livre do imperativo externo que o explora e o obriga a trabalhar, mas por outro, refém de si mesmo, uma vez que a autoexploração não leva a uma real liberdade e falta de coação, estas estão internalizadas e passam a ser produzidas pelo próprio sujeito, agora agressor e vítima ao mesmo tempo. Empresário de si mesmo, o sujeito neoliberal acredita que o poder é ilimitado e a autoexploração é tida como desempenho necessário ao “sucesso” (HAN, 2017a). No entanto, esse enaltecimento da liberdade humana ocorre paralelamente à elaboração de modos de controle cada vez mais sofisticados.

Para fazer frente a esta lógica que atravessa o psiquismo e se converte em norma de existência e subjetividade, o sujeito adere ao “capital humano” – termo proposto por Gary Becker, (1993 apud SILVA JUNIOR, 2021, p. 269) que estabelece a educação como um investimento financeiro, tal como qualquer outro. Este conceito ressignifica a função da formação acadêmica na vida social. O conhecimento passa a valer para os rendimentos que ele possibilita, desvelando uma faceta performativa desse modo de subjetivação, pois “ao investir financeiramente na própria formação, o sujeito se concebe necessariamente como uma empresa que deve prospectar novos mercados e optar pelas possibilidades mais lucrativas e seguras” (SILVA JUNIOR, 2021, p. 269).

O conceito de “capital humano” seria a expressão mais reveladora da doutrina neoliberal que, conduzida pela lógica da mercadoria, eleva os indivíduos ao estatuto de agentes autônomos, aptos a agir livremente para satisfazer seus interesses, quando, na verdade, oculta sob este discurso um quadro de extrema sujeição. Dependente de seu próprio esforço para seguir na competição, os sujeitos são convertidos em “capital” submetido às variações e inseguranças típicas da dinâmica dos mercados. Assim, há uma

busca pela otimização do potencial de todos os seus atributos¹⁴ (motivação, proatividade, criatividade, responsabilidade), já que a comparação e hierarquização de coisas e pessoas, pautada na lei da valorização de mercado, as coloca em constante (des)classificação (FRANCO, et. al., 2021).

Uma vez que o neoliberalismo toma como o responsável pelos sucessos e fracassos no campo econômico o próprio sujeito, fortalecendo a hipocrisia meritocrática, o conceito de “capital humano” e suas implicações se espalham sobre a sociedade. Observamos seus reflexos na infância. Para que haja a possibilidade de sobrevivência futura num modelo econômico de capitalismo selvagem, excludente e concentrador de riqueza, o investimento na preparação de crianças para fazerem frente a essas exigências parecem ser a garantia da possibilidade de fazerem parte do jogo no futuro, mesmo que para isso tenham que ser submetidas a medicamentos “tarja preta”. Ou seja, quanto mais cedo e mais preparada a criança, maior sua chance no futuro. Como efeito, haveria uma antecipação cada vez maior para que a criança já esteja pronta.

A superqualificação de crianças, enquanto ideal social, familiar e escolar, parece justificável na medida em que os pactos sociais de preservação à dignidade humana vão se enfraquecendo. As famílias se preocupam com futuro de suas crianças, pois estão alertadas da barbárie que a competitividade gera, em especial àqueles que ficarão à margem dos cargos mais privilegiados e bem remunerados no futuro. Esta realidade impõe a cultura do medo, que agrava a desconfiança em relação aos semelhantes e a sensação de insegurança frente às cidades, levando a uma angústia de sobrevivência:

A angústia de sobrevivência que tem tomado conta de nossas civilizações atuais (tanto as asiáticas, quanto as europeias, e tanto as abastadas quanto as depauperadas), coloca as crianças não somente diante da difícil posição de um futuro incerto, com pouco espaço para a realização de seus desejos e pouca garantia para suas realizações pessoais, mas, sobretudo, como portadoras atuais - durante a sua infância - de uma obsessão de sobrevivência. Nós, os adultos, então fazemos de uma angústia nossa, de um problema que cabe a nós resolver, um sintoma da infância (JERUSALINKSY, 2011, p. 163).

O encolhimento das funções sociais e políticas do Estado, paralelamente ao retrocesso da noção de bem público e solidariedade, geram uma sensação de desamparo, cuja resposta leva ao fortalecimento dos comportamentos competitivos (SANTOS, 2019). Assim, espera-se, da criança a realização de um impossível. Demanda-se que desde este

¹⁴ Este fator pode ser ilustrado pelos vídeos de YouTube que serão analisados nesta pesquisa, em que as pessoas, mas também suas posses (objetos, espaços) se tornam materiais a serem maximamente explorados para a produção de conteúdos.

momento deem provas de que possam suportar os papéis sociais que dela se esperam no futuro. Recebem de forma direta, não cifrada, o ideal dos pais e o ideal da cultura que, sob o cenário do capitalismo, exige a boa performance, o bom desempenho para gerar bons resultados. Observamos, portanto, crianças educadas para fomentar uma lógica de mercado, na qual, tal como um jogo, ou estarão dentro, ou estarão fora.

Essa radicalidade vai minando a infância e seus aspectos essenciais, transformando por completo este momento da vida. Quando a brincadeira se torna cursos profissionalizantes e competitivos (como as escolas de futebol ou de danças, que submetem as crianças a campeonatos super competitivos, às vezes até televisionados), ou quando a educação é mensurada por provas e avaliações comparativas, estamos diante de um excesso de demanda sobre as crianças. Pensando nisso, trazemos a seguir aspectos que ilustram como a infância vem sendo transformada não apenas em um momento de treino para o desenvolvimento de habilidades futuras, mas, mais ainda, como um momento de já dar provas das competências necessárias ao mercado no presente.

2.3 INDÍCIOS DO SUJEITO NEOLIBERAL MIRIM

Vimos como os ideais da cultura impõem um modo de funcionamento que interfere radicalmente sobre a vida das crianças. A brincadeira, a saúde e a educação se tornaram aspectos apropriados pelo modo e vida competitivo e performático, típicos do sistema neoliberal. Atravessada por esta lógica, a infância passa a ter como meta não apenas a preparação para o futuro, mas, mais recentemente, já responder neste lugar superqualificado. Alguns aspectos da educação retratam isso.

O investimento e a preocupação com a superqualificação de crianças e adolescentes culminam na constante mensuração de suas capacidades. O exame do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) é um exemplo desta testagem. Realizado internacionalmente, a cada três anos, pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), este estudo avalia “até que ponto os alunos de 15 anos de idade, próximos ao final da educação obrigatória, adquiriram conhecimentos e habilidades essenciais para a plena participação na vida social e econômica” (BRASIL, 2020, p. 17). Sua última edição publicada (realizada em 2018) contou com a participação de 79 países, cujos resultados foram comparados entre si.

Esta internacionalização da avaliação dos estudantes revela como o sistema educacional é tomado do ponto de vista global. É característico da globalização fazer

comparativos a partir de um contexto mais amplo, desconsiderando as particularidades de cada país e ainda equiparar os conhecimentos e habilidades que “todos os jovens do mundo devem ter” para indicar o bom funcionamento político e econômico do Estado. Este é mais um aspecto que revela a influência mútua entre a política e o contexto global.

Mas, apesar de haver um interesse no desenvolvimento econômico atrelado a esta avaliação, que acaba por fomentar uma lógica neoliberal dos programas educacionais, há que se considerar os índices preocupantes em relação ao aproveitamento escolar dos jovens brasileiros. Estes dados evidenciam o descompasso entre o discurso propagado em torno do ideal sobre a próxima geração de adultos e os limites do sistema educacional do Brasil¹⁵.

Mesmo assim, o mau desempenho dos estudantes brasileiros nas capacidades de raciocínio lógico matemático e no domínio da leitura preocupam. 68% dos avaliados não conseguiram interpretar e reconhecer uma situação que pode ser representada matematicamente, de modo que o Brasil teve um dos 10 piores desempenhos neste quesito. No que se refere ao domínio de leitura, que avalia a capacidade de “compreender, usar, avaliar, refletir sobre e envolver-se com textos, a fim de alcançar um objetivo, desenvolver conhecimento e potencial e participar da sociedade” (BRASIL, 2020, p. 24), o Brasil teve um fraco desempenho. 50% dos avaliados tiveram dificuldades na interpretação de um texto de tamanho moderado, o que pode representar obstáculos na vida destes jovens, especialmente nos campos dos estudos, das oportunidades no mercado de trabalho e na participação da sociedade, tal como está organizada.

Em relação à participação digital, estas capacidades básicas são especialmente relevantes. Quando deficientes, podem acarretar prejuízos no desenvolvimento do pensamento crítico e de habilidades para utilizar plenamente os recursos da internet. Ter proficiência para compreender as diferentes versões expostas sobre um fato, as diversas opiniões sobre algo e as posições de onde cada sujeito fala, são competências necessárias para que o sujeito não seja alvo fácil da desinformação e da influência dos discursos propagados na rede virtual (LOCOMOTIVA, 2022).

Considerando a presença das crianças na internet como uma realidade da atualidade, este fator requer ser ponderado, pois as dificuldades na interpretação de uma narrativa, na percepção da posição do sujeito que fala e na relação que se estabelece entre os diferentes textos, podem acarretar em compreensões problemáticas em torno das

¹⁵ Ao mesmo tempo, parece haver uma influência mútua entre os ideais de infância da sociedade e o modo como os sistemas educacionais estão configurados.

informações recebidas pela rede. Mas, mesmo as habilidades aprendidas dentro dos programas curriculares das escolas não contemplam todas as aptidões necessárias para uma boa educação sobre a digitalidade, cujos conhecimentos exigidos extrapolariam o que é comumente ensinado.

Esses dados dizem de um descompasso entre o ideal (de infância e adolescência) e a realidade. Parece haver uma distância entre o modo de funcionamento da sociedade – o que se cobra das crianças e jovens – e as habilidades que estes possuem para fazer frente a essas demandas. Em relação à participação deles na Web não é diferente. O caráter multimodal de gêneros do discurso (escrita, vídeos, imagens, símbolos, sons) presentes na Web (MAINGUENEAU, 2015), muitos intuitivos e instrutivos – ou até mesmo instrucionais e condicionantes – suprimem a necessidade de habilidades em leitura e interpretação de texto, por exemplo. Por um lado, isso promove a possibilidade de uma gama maior de usuários (independentemente da idade ou de ser ou não letrado), por outro, justamente por estas “facilidades” não pressuporem as habilidades de fazer análises e críticas, o usuário fica mais suscetível à dinâmica da Web (de lucratividade, de propagação de informações e discursos, de atratividade, etc.), o que reitera a necessidade de uma educação sobre a digitalidade.

Pensando nisso, buscamos em narrativas presentes nos vídeos disponibilizados na plataforma online de vídeos YouTube dirigidos ao público infantil e protagonizados por crianças, *youtubers* mirins, aspectos que evidenciam a lógica do ideal de infância, em consonância com as expectativas neoliberais. Dentre os materiais encontrados, nos parece ilustrativo – inclusive do modo como a educação é tomada nesta via – um trecho do vídeo “Maria Clara MC Divertida e Histórias sobre ESCOLA e AMIZADE (School and Friendship)”¹⁶¹⁷, pertencente ao canal “Família MC Divertida” protagonizado por Maria Clara, 12 anos (na data da publicação do vídeo).

Maria Clara encena ser a aluna que está em seu primeiro dia de aula na escola nova. O cenário é colorido e alegre, composto por duas mesas e cadeiras escolares e um plano de fundo cenográfico, que imita lousas e materiais que remetem a uma sala de aula (globo, letras, lápis, livros e desenhos). A professora, representada por uma mulher adulta, diz aos alunos Maria Clara e Henrique (a outra criança presente na cena) que farão uma prova e, enquanto o menino se queixa de já começar o primeiro dia de aula com provas,

¹⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qmTjxenfxpI> Acesso em mar 23. Com 19 milhões de visualizações na data de acesso.

¹⁷ De 0' a 9':22''.

Maria Clara, em contraposição ao enunciado do menino, diz alegremente: “eba, vou poder testar meus conhecimentos, é muito importante!”. A fala otimista de Maria Clara dá pistas sobre a ideia de que avaliar – e corresponder ao que se espera – “é muito importante”, para fomentar a lógica neoliberal em curso.

A professora corrige as provas dos alunos. Diante de Henrique, ela expressa sua indignação: “mas o que que é isso, Henrique?”, e ele responde: “acertei tudo, né, professora?”, e ela responde: “claro que não. Errou tudo!”, e sua nota é zero. Já Maria Clara acerta tudo, é elogiada e tira nota dez: “muito obrigada, professora! O meu pai vai ficar muito feliz e orgulhoso e minha mãe também.”. O mesmo se repete no segundo dia de aula: provas, a menina tirando dez e o menino zero, pois não estudou. A professora permanece indignada com as notas zero de Henrique e diz a ele: “amanhã teremos outra avaliação, eu vou dar mais uma chance pra você, hein, Henrique. Vê se estuda, hein?”. E Maria Clara, como boa aluna que encena, diz: “nem precisava falar para mim, professora. Eu já vou estudar mesmo”.

Na trama, também se desenrolam questões em torno da amizade entre os dois. Mais uma contradição entre eles é retratada. Enquanto Henrique recusa os pedidos de Maria Clara de brincar junto ou de compartilhar seus brinquedos, a menina se mostra sempre disposta a ajudar e dividir. Ele exhibe seus objetos novos (lápiz de cor, brinquedos e celular), ao passo em que Maria Clara é apresentada na cena como não tendo acesso aos mesmos privilégios. Inclusive, quando a mãe da personagem aparece no vídeo (que é sua mãe na vida real), está em um cenário mais rudimentar: um quintal com paredes sem revestimento, tomadas por fungos, provavelmente um lugar impactado pelo tempo, dando a impressão de ser uma família com menos recursos financeiros do que a de Henrique, pois o cenário que retrata a casa do menino é uma sala com objetos de decoração (cortina, almofadas, vaso com planta). Após mostrar o resultado das provas para a mãe e receber elogios, a menina lhe pede que compre os objetos que Henrique tem e ela não (materiais escolar e brinquedos), mas se mostra compreensiva com a negativa da mãe, que justifica não ter dinheiro. Além de boa aluna, ela é também uma boa filha que não importuna os pais.

Já Henrique, no terceiro dia de aula, joga a prova fora para jogar no celular: “eu sou o cara”, ele diz diante do *game*. Mas, a professora o tira do lugar do vencedor e o coloca como o perdedor no jogo da competitividade escolar, lhe atribuindo outro zero. Não é por acaso que “jogar” é um significante importante neste trecho. Enquanto Henrique tenta subverter o lugar de ser avaliado e de corresponder ao ideal, fica

submetido ao que nos parece ser outro imperativo: o da conectividade. Este trecho levanta uma pergunta: quais seriam as formas possíveis de subversão de uma criança dentro dos moldes atuais? Pensando o jogar como mais do que uma atividade lúdica, mas uma posição de flexibilidade diante da normatividade da vida, como uma criança pode jogar na atualidade?

Henrique, ao tentar ser subversivo é apontado na cena como um “mau aluno” por seu mau desempenho escolar. Também é um “mau amigo” por não tratar bem a colega. Recebe, então, um castigo do pai que lhe tira os brinquedos e o celular. O pai coloca como condição para tê-los de volta: “ser um bom aluno e também um bom amigo”, enunciando que os objetos teriam a potência de condicionar o comportamento obediente de uma criança, que supostamente faria qualquer coisa para tê-los de volta.

Paralelamente, Maria Clara mostra à mãe a sua terceira nota dez. Ela expressa felicidade e orgulho pela filha e a presenteia com um celular, dizendo: “a mamãe trabalhou, o papai também. Nós compramos um celular, porque você é uma ótima filha e uma ótima aluna”. A menina expressa seu agradecimento de forma exacerbada, sorrindo e dizendo três vezes “muito obrigada”. Nesta cena, a potência do objeto celular é a de restituir à “boa menina” seu devido valor.

No próximo dia de aula, Henrique está triste pelo castigo dos pais e Maria Clara se oferece para ajudá-lo, estudando com ele para a prova. Quando ele tira dez, agora como “bom menino”, agradece: “obrigada, Maria Clara, se não fosse por você eu não teria conseguido”. Também se desculpa por não ter sido um “bom amigo” com ela. Encerram a cena com uma mensagem aos espectadores: “galerinha, é muito importante ser bom amigo e bom aluno na escola, tá bom?”.

A história indica transmitir, de modo caricato, parâmetros para crianças do que é adequado e do que não é, revelando o que se esperaria de uma criança em termos de comportamentos nos estudos e nas amizades. Que a avaliação dos alunos através das provas se dê já nos primeiros dias de aula e que a resposta ideal seja atingir a nota máxima, se mostra um retrato de como as crianças vão sendo convocadas a evidenciar, desde já, sua capacidade. A ambivalência das somente duas notas possíveis no vídeo (zero ou dez) e dos comportamentos “bom ou mau” também dão pistas sobre a radicalidade com que a resposta do aluno às demandas escolares e interpessoais é tratada.

O vídeo ilustra como o espaço escolar assume um discurso que, mais do que prezar pela superqualificação dos alunos, determina se ele é “bom ou mau” de acordo com seu desempenho e performance. Não à toa, a cena não deixa passar a competitividade que

isso tende a gerar entre os colegas quando Henrique usa objetos que ele tem e a amiga não para se valer de uma suposta potência adquirida por um objeto comprável, diminuindo a colega e revelando a lógica do “tem um que se destaca mais”. Ao receber como castigo dos pais a privação do uso destes objetos, a importância e valor destes são mais uma vez reiterados.

Porém, se analisado à luz do neoliberalismo, é evidente o discurso de que para gozar do consumo é necessário obedecer às regras do jogo. O esforço individual é a grande tônica deste discurso. Os objetos compráveis se tornam o prêmio máximo que advém do esforço e da dedicação daqueles que se submetem a estas regras. No vídeo, este “objeto prêmio” é representado pelo celular. Quem se submete ganha, quem recusa perde, ilustrando um fenômeno que realmente ocorre no sistema neoliberal: a necessidade de certa sujeição aos moldes de trabalho e performance para fazer parte do consumo. Mas o vídeo transmite algo ainda mais complexo. Mais do que a necessidade de o sujeito abrir mão de outros prazeres para obedecer ao sistema, torna a obediência supostamente prazerosa.

A imagem da “boa menina”, obediente aluna e filha que, mesmo não tendo os mesmos privilégios do outro menino, se dedica alegremente aos estudos, é evidenciada não apenas pelas suas expressões, falas e comportamentos, mas também a partir de outros elementos da cena. Os efeitos sonoros e visuais compõem a enunciação, dando ênfase aos elementos do discurso neoliberal. Por exemplo, há um som de comemoração (aplausos) e uma imagem de confetes¹⁸ caindo sobre Maria Clara diante dos seus resultados nas provas. Também há som de crianças rindo enquanto ela faz a prova, indicando que fazer prova seria algo divertido, e um prolongado som de “oh”, remetendo a uma sensação de pena quando o colega lhe faz recusas ou quando ela demonstra compreender a impossibilidade da mãe de comprar o que lhe pede. Em contrapartida, os sons que dão efeito à atuação de Henrique são mais tensos e remetem a uma sensação de frustração. A representação da ambivalência entre as duas crianças, constantemente reiterada no vídeo: o menino como “desleixado”, “preguiçoso” e a menina como “dedicada” e “obediente” reforça o discurso da meritocracia, em que o que se esforça mais, merece e recebe mais.

Estes elementos compõem a cenografia do vídeo, que diz respeito ao que se mostra para além do que é dito no texto (no caso o vídeo) e forma uma unidade com a obra a que

¹⁸ A imagem do confete é muito simbólica, inclusive “confete” é um termo popularmente usado para referir à ideia de atenção e reconhecimento por algum feito.

sustenta e que a sustenta. A cenografia legitima um enunciado, que em troca deve legitimá-la. Ela é requerida para enunciar como convém em um determinado gênero do discurso (MAINGUENEAU, 2015; 2018). “Os gêneros do discurso são conjuntos de normas que suscitam expectativas nos sujeitos engajados na atividade verbal” (MAINGUENEAU, 2015, p. 27). Se no caso deste texto, o gênero é vídeos do YouTube (dirigidos ao público infantil), enunciar algo (nesse caso, que revela aspectos do modo de funcionamento do neoliberalismo) requer, geralmente, um cenário colorido, efeitos que aproximem o público e tornem o enunciado mais atraente. Provavelmente, a intenção primária dos criadores deste vídeo não tenha sido a de retratar o modo de funcionamento do sistema, mas a de transmitir um valor moral em torno da questão da obediência, que se torna um imperativo do discurso neoliberal, como vimos anteriormente.

A ideia de “discurso” tem a ver tanto com o objeto da análise, neste caso o “discurso neoliberal”, quanto com o ponto de vista que o enunciador assume na enunciação. Todo discurso é assumido por um sujeito e indica a atitude que ele adota em relação ao que diz seu enunciado (MAINGUENEAU, 2015). No caso deste material, o ponto de vista do enunciador (os atores da cena) parece ser o de corroborar a dinâmica do sistema neoliberal, orientando crianças a desempenharem determinados tipos de comportamentos compatíveis com este sistema.

Qualquer enunciado é sempre interativo, sempre dirigido a um outro, mesmo que este outro não esteja presente (MAINGUENEAU, 2015). No caso dos vídeos de YouTube o destinatário, os espectadores, estão *à priori* ausentes, mas a interação já está ocorrendo. No vídeo em questão, ela fica clara, por exemplo, a partir da fala final dirigida às crianças que assistiram ao vídeo: “galerinha, é muito importante ser bom amigo e bom aluno na escola, tá bom?”. O termo “galerinha”, sendo um diminutivo, indica que a interação se dá especialmente com crianças. Além disso, o enunciado obedece às regras do gênero no qual se enuncia e no YouTube é comum o uso de jargões para se dirigir ao público, o que confere uma identidade a cada canal.

Para interpretar o sentido de um enunciado, é necessário relacioná-lo, conscientemente ou não, a todos os outros tipos de enunciados sobre os quais ele se apoia de diferentes maneiras. O sentido:

não é um sentido diretamente acessível, estável, imanente a um enunciado ou a um grupo de enunciados que estaria esperando para ser decifrado: ele é continuamente construído e reconstruído no interior de práticas sociais determinadas. Essa construção do sentido é, certamente, obra de indivíduos,

mas de indivíduos inseridos em configurações sociais de diversos níveis (MAINGUENEAU, 2015, p. 29).

Os discursos sempre têm origem em outros discursos que lhe são prévios e que são retomados de alguma forma, eles “constituem a memória discursiva, que são mencionados ou aludidos no discurso presente e para o qual são ingredientes de constituição e de interpretação” (POSSENTI, 2004, p. 101). Ou seja, o discurso que se produz não é produto exclusivo de um sujeito e tampouco deixa de estar submetido a condições exteriores. Ele só faz sentido no interior de um interdiscurso. Os enunciadores não são os criadores de um discurso neoliberal, pois não há discurso isolado de um outro que o anteceda:

todos os componentes de um discurso são históricos, (...) seu exterior é densamente povoado por outros discursos e, portanto, sua emergência num determinado texto, numa determinada instância nunca é original, mas já antecedida de muitas ocorrências. Portanto, o discurso nunca é originário de um eu, mas de um outro (discurso) (POSSENTI, 2004, p. 65).

Diante da relação entre discursos, a mensagem transmitida através dos vídeos não está isolada de uma construção social. Os enunciadores desempenham a função de sujeitos de um discurso, ao mesmo tempo em que se responsabilizam por ele. Mas, se nem sempre o adulto está apto a fazer essa avaliação crítica, dificilmente a criança estará dado seu desenvolvimento físico e cognitivo. Aliás, muitas vezes esta interpretação sequer é possível, já que os discursos atuam para que pareçam verdade.

São vários os vídeos presentes no YouTube protagonizados por crianças que abordam temáticas que têm como finalidade transmitir parâmetros de comportamento para crianças. Palavras e expressões como “ensina”, “aprende” e “regras de conduta” são frequentes dentre os títulos dos vídeos. Este é um fenômeno bastante observado nos vídeos dirigidos ao público infantil, uma dedicação aos conteúdos que se prestem à educação moral de crianças. A figura 1 ilustra alguns dos diferentes canais que possuem vídeos com o termo “regras de conduta”. O termo foi inserido no buscador do YouTube e este foi um primeiro resultado:

regras de conduta

Filtros

Regras de conduta para criança com Maria Clara e JP ♥ Мария и правила поведения для детей
106 mi de visualizações • há 3 anos
Maria Clara & JP
Maria Clara e JP mostram como as crianças não devem se comportar. Você precisa lavar as mãos, não deve dirigir, não deve ...

REGRAS DE CONDUTA PARA CRIANÇAS NA PISCINA - Mileninha Learn Rules of Conduct for Children in Pool
240 mi de visualizações • há 3 anos
MILENINHA
Mileninha aprende e ensina Regras de Conduta para crianças na piscina. Você vai aprender como deve se comportar quando ...
4K

Novas Regras de Conduta para CRIANÇAS na piscina de plástico - Família MC Divertida
6 mi de visualizações • há 3 anos
Família MC Divertida
Novas regras de conduta para crianças na piscina de plástico. É muito importante estarmos atentos as regras de conduta e boas ...

Novas Regras de Conduta para IRMÃOS (New Rules of conduct for children) - Família MC Divertida
47 mi de visualizações • há 2 anos
Família MC Divertida
Novas regras de conduta para irmãos. É muito importante estarmos atentos as regras de conduta e boas maneiras ...

REGRAS DE CONDUTA para CRIANÇAS na PISCINA Rules of Conduct for Children
13 mi de visualizações • há 2 anos
CAIO E CADU
Regras de conduta para crianças na piscina, Cadu Pontes.

REGRAS DE CONDUTA PARA CRIANÇAS | Rules of Conduct For Kids
9,2 mi de visualizações • há 3 anos
Niino For Kids
REGRAS DE CONDUTA PARA CRIANÇAS | Rules of Conduct For Kids Crianças aprendem brincando Boas Maneiras Niino For ...

Figura 1 – Resultado da pesquisa do termo “regras de conduta” no buscador do YouTube – Data: 23 mai 2023 – Fonte: youtube.com.br

Apesar de o que é transmitido enquanto parâmetro dizer respeito ao modo particular como os criadores daquele conteúdo interpretam as situações da vida, é inegável que o discurso ali presente faz referência a outros discursos. No vídeo em questão, seus criadores parecem valorizar a obediência aos moldes impostos, o que torna contraditório que no nome do canal tenha a ideia de diversão: “MC divertida”, mas que Maria Clara difunda regras de conduta compatíveis com o ideal de criança.

Ao valer-se de vídeos, que seriam formas de entretenimento de crianças, basicamente como material de ensino, valoriza-se a aprendizagem por uma via imaginária em detrimento da experiência e da implicação da própria criança, que assiste ao conteúdo e recebe, de forma direta e não implicada, os valores de uma determinada lógica social. Como se vídeos como estes liberassem os adultos da responsabilidade de orientar a criança. Ao se mostrarem “educativos”, favoreceriam que os responsáveis não vissem problemas, ou até mesmo estimulassem, o contato da criança com este tipo de conteúdo. Além disso, tornam-se formas de associar entretenimento com aprendizagem, aproveitando o tempo “livre” da criança para incutir nela “boas” ideias e parâmetros, associando mais uma vez o prazer com a aquisição de habilidades para o trabalho.

Neste vídeo temos a ilustração da demanda de que a infância corresponda a um ideal. Apesar de cada canal que desenvolve conteúdos como este veicular seu próprio parâmetro do que é ideal, existe uma lógica que se repete: usar o tempo da criança em favor de uma aprendizagem do que se espera socialmente dela. As próprias mensagens dirigidas aos espectadores, como a de Maria Clara: “galerinha, é muito importante ser bom amigo e bom aluno na escola, tá bom?”, dão indícios da intenção de que as crianças que assistem ao conteúdo aprendam uma lição a partir dele.

Assim, a infância enquanto momento de “vir a ser”, dá lugar, como retratado em vídeos como este, enquanto momento de “já ser”. Não apenas “já ser” um bom desempenhador dos papéis sociais (aluno, amigo, filho), mas, através do YouTube, já ser um ensinador dos valores morais, tal como Maria Clara, que atualmente com 13 anos, protagoniza esta função. Ela também “já é”, assim como várias outras crianças, um tipo de profissional da atualidade: “*youtuber* mirim”, “criadora de conteúdo”, “influenciadora digital”, ou qualquer que seja o termo utilizado para se referir a esse novo modo de trabalho.

O vídeo não retrata apenas parâmetros de conduta, mas a realização efetiva do ideal imposto, assumido por Maria Clara, como personagem e como profissional. É curioso que a personagem e a protagonista se misturem. A *youtuber* MC Divertida e a personagem Maria Clara têm o mesmo nome, a mesma mãe e provavelmente o mesmo espaço domiciliar que funcionou como cenário para o vídeo. A separação entre atuação e vida real fica pouco delimitada, de modo que não se sabe ao certo o que é encenação, a representação de um papel, e o que é a vida de Maria Clara. Esta confusão corrobora a enunciação do vídeo na medida em que estes papéis se mostram possíveis (tanto o de corresponder ao ideal, quanto o de já ser profissional), o que pode imprimir no espectador

uma impressão de naturalidade em torno destas questões e criar certa padronização das expectativas e dos modelos infantis, seja para crianças ou adultos. Maria Clara se torna uma “referência” de boas condutas e de bons resultados.

O YouTube também favorece que fique pouco evidente a distinção entre trabalho autônomo e exploração pela empresa, especialmente quando se trata de crianças neste lugar “profissionalizado”, já que ele implica uma conjunção do cotidiano infantil (brincadeiras, a casa como cenário, as pessoas da família, os objetos da criança) com o trabalho da produção de conteúdo. Neste sentido, refletiremos a seguir sobre o papel da plataforma YouTube, enquanto produto de uma grande empresa de tecnologia (a Google), que opera suas próprias políticas, retomando o que Milton Santos (2019) refere sobre o papel determinante da política das empresas e dos Estados na efetivação da globalização e do capitalismo. Políticas estas que oferecem aos usuários (espectadores ou criadores de conteúdo) uma sensação de liberdade no uso da plataforma, que na verdade está submetida aos seus mecanismos de lucratividade.

3. YOUTUBE: ESPAÇO DE JÁ SER

Nos primórdios da internet, no final do séc. XX, vigorava uma visão otimista em relação às tecnologias da informação. Acreditava-se que elas poderiam oferecer um espaço de emancipação ao ser humano, no qual a liberdade seria ampliada e o poder do estado burocrático reduzido. As diferenças conviveriam e todos poderiam expressar sua opinião, sem medo de censura e em um clima de comunidade. Ainda seria possível enriquecer, já que a diminuição das estruturas mais antigas de poder possibilitaria a inovação das formas existentes de trabalho, contemplando a novidade de combinar quantidades ilimitadas de informação com o alcance global das redes (BARBROOK; CAMERON, 2018).

A plataforma de vídeos YouTube conjuga estes ideais. Inaugurada em 2005, oferecia uma interface simples na qual os usuários poderiam publicar e assistir vídeos, sem necessidade de altos níveis de conhecimento técnico. Rapidamente teve sua ascensão. De um recurso para armazenamento particular de vídeos, torna-se uma plataforma destinada à expressão pessoal, dando início a uma revolução impulsionada pelos usuários (BURGES; GREEN, 2009) e também pelas grandes empresas de tecnologias.

No mesmo ano em que o YouTube é comprado pelo Google, em 2006, a revista norte americana *Time* indica como “pessoa do ano” “você” (*You*). Esta prática é tradição da revista desde 1927 e elege a pessoa ou grupo considerado com maior influência social¹⁹. Na capa da revista (figura 2) é esclarecido: “*Yes, you. You control the Information Age. Welcome to your world.*”²⁰. A imagem da capa, um computador em que aparecem na tela as funções disponíveis para assistir vídeos, bem como a palavra “You” em destaque, parecem fazer referência à plataforma de vídeos YouTube. Esta publicação indica valorizar tanto a influência do usuário da internet na produção de conteúdos digitais, quanto a importância do YouTube na viabilização desta inovação.

¹⁹ Folha online, 2006. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u21219.shtml>. Acesso em 17 ago 2022.

²⁰ “Sim, você. Você controla a Era da Informação. Bem vindo ao seu mundo” (tradução nossa).

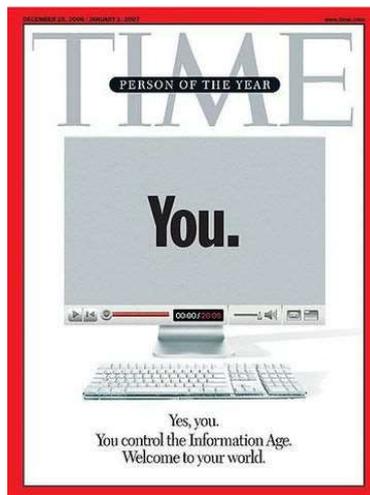


Figura 2 - Capa da Revista Times, 2006.

Tendo se tornado o maior aglutinador de mídia de massa da internet, o YouTube ocupa a posição de segundo lugar no ranking de *websites* mais acessados da *web*, perdendo lugar apenas para o Google (SIMILARWEB, 2022). Mas, o fato de o Google ser o site mais utilizado como ferramenta de busca e também dono da plataforma, ele exerce forte influência sobre o ranqueamento do YouTube. É neste sentido que Barbrook e Cameron (2018) criticam os ideais e o otimismo em torno da digitalidade. Para eles as noções de comunidade, de progresso social e de liberdade seriam mitos, já que a construção do ciberespaço estaria atrelada aos interesses econômicos das grandes empresas e dos governos Estatais. Ao contrário, previam que o ciberespaço poderia criar mais desigualdades sociais e raciais. Profeticamente, afirmavam no final do séc. XX que: “o futuro digital será um híbrido de intervenção estatal, empreendedorismo capitalista e cultura ‘faça você mesmo’” (BARBROOK; CAMERON, 2018, p. 37).

No YouTube, a cultura participativa é seu principal negócio. Sua interface foi desenvolvida com a finalidade de que os participantes tivessem envolvimento ativo na criação e circulação de novos conteúdos de modo descomplicado. O caráter de seu negócio tem menos a ver com os vídeos e mais com a oferta de uma plataforma acessível, conveniente e funcional para o compartilhamento de vídeos *online*, em que os usuários fornecem o conteúdo, atraindo novas audiências e participantes. Quanto mais audiência, maior a lucratividade da plataforma, já que os anúncios publicitários geram ganho monetário por visualização. Sem delimitação de quantidade de vídeos que poderiam ser publicados por usuários e com a oferta de funções básicas de comunidade, atrai os

participantes, que podem, além de assistir vídeos, interagir entre si – e entre o público e os criadores de conteúdos (BURGESS; GREEN, 2009).

Múltiplas formas de valores culturais, sociais e econômicos são produzidas em massa neste espaço, compondo o cenário da diversidade da cultura popular contemporânea. Apesar disso, nem todos desfrutam da mesma visibilidade e sucesso, já que o ranqueamento de um conteúdo está associado a mecanismos complexos desenvolvidos pelas empresas de tecnologia, como veremos mais adiante. De qualquer forma, os conteúdos comuns e amadores disponibilizados no mesmo ciberespaço dos grandes produtores de mídia e donos de direitos autorais, como os canais televisivos, somam juntos uma enorme gama de materiais disponíveis, com diversos temas, formatos e públicos-alvo, engendrando o variado grupo de participantes da plataforma.

Retomando a pesquisa realizada pelo CETIC.BR e pelo NIC.BR (2022a), supracitada, o gráfico 2 (p. 27) mostra a televisão como um aparelho importante para o acesso à internet. Ainda que ela ofereça recursos limitados para uso da internet em relação aos computadores e celulares, a pesquisa revela que 73% de seus participantes pertencentes a classe AB usam-na para acessar a internet, junto com 62% dos pertencentes à classe C e 42% pertencente à DE. Esses dois últimos valores são maiores do que o uso do computador para tal finalidade, nas respectivas classes. A televisão se tornou o segundo dispositivo mais utilizado para acessar a rede, ficando atrás dos *smartphones* (CETIC.BR; NIC.BR, 2022b).

Esta mesma pesquisa revela que a principal atividade realizada na internet por crianças e adolescente é assistir vídeos, programas, filmes ou séries, contemplando 84% da amostra (gráfico 4). Somando esses dois dados: a televisão como importante recurso de acesso à internet e assistir conteúdos como a principal atividade realizada, é possível pensar em uma gradual migração da audiência dos canais televisivos abertos para a plataforma. Não por acaso, ao agrupamento de vídeos de determinado criador no YouTube é dado o nome de “canal”. Diante disso, alguns canais televisivos têm disponibilizado parte de sua programação, ou a programação completa, na plataforma, ajustando-se às novas preferências dos espectadores.

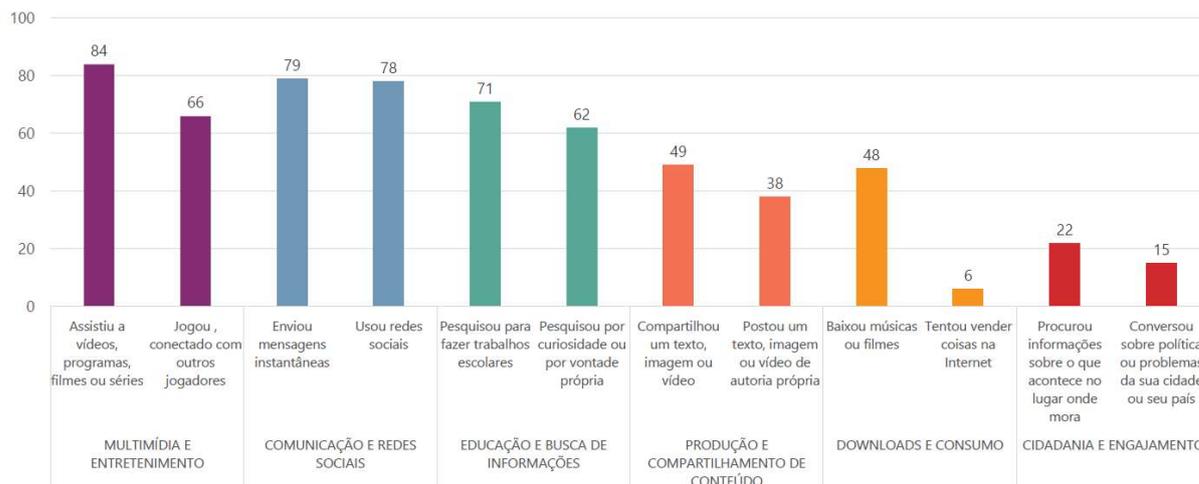


Gráfico 4 – Atividades realizadas na internet: usuários entre 9 e 17 anos.

Fonte: CETIC.BR; NIC, 2022a.

O YouTube confere aos usuários a comodidade de escolha ativa do que se quer assistir, além de uma infinidade de conteúdo disponível, o que difere dos canais televisivos, diante dos quais os espectadores ficam restritos ao que cada canal oferece. Inclusive, o YouTube é disponibilizado em formato específico para televisão, como aplicativo para *Smart TV*.

Na versão “gratuita”²¹ do YouTube, os anúncios publicitários ocupam um espaço importante. Eles são vídeos que aparecem no início e em diferentes momentos de cada conteúdo escolhido pelo usuário. Existe a opção de “pular o anúncio”, desde que seja assistido por um determinado tempo, às vezes segundos, levando, inclusive, muitas campanhas publicitárias a adequarem suas propagandas a vídeos curtos. É possível eliminar os anúncios e ter acesso a conteúdos e ferramentas exclusivas mediante a contratação do YouTube Premium²², disponível no Brasil desde 2018, o que amplia os modos de monetização da plataforma.

Apesar do interesse econômico atrelado ao YouTube, ele afirma valorizar a horizontalidade nas possibilidades de expressão, como descreve na página “sobre o YouTube”²³: “nossa missão é dar voz a todos e mostrar a eles o mundo. Acreditamos que todos merecem ter voz e que o mundo é um lugar melhor quando ouvimos,

²¹ Aludindo aqui o jargão: “se é gratuito, o produto é você”.

²² Serviço de *streaming* do YouTube, ou seja, serviço de transmissão de conteúdos pela internet que pode ser acessado por qualquer dispositivo com conexão. A contratação deste serviço requer um pagamento mensal.

²³ Disponível em: <https://about.youtube/>. Acesso em 22 ago 2022.

compartilhamos e construímos comunidade por meio de nossas histórias”. Para confirmar esta afirmativa, seria necessária uma pesquisa mais ampla no sentido de investigar o que significa “dar voz” e a quem, de fato, é dada voz no YouTube. Nesta pesquisa, consideramos que “tem voz” aqueles que são favorecidos pelos mecanismos de ranqueamento, que envolvem os algoritmos computacionais, regentes da lucratividade e do direcionamento dos usuários. Também partimos da hipótese de que há certa voz a partir da qual as crianças podem falar: uma voz que enuncia a semântica da obediência. Mas, por ora, tomaremos que a intenção da plataforma de autorizar “voz” a todos se faz presente quando inclui também as crianças como usuárias e garante a elas um espaço especial.

As temáticas infantis representam um nicho importante do YouTube. Às crianças, as opções de entretenimento são diversas. Os desenhos animados, as músicas infantis, os vídeos com teor educativo, que ensinam sobre temáticas que despertem seus interesses e os vídeos caseiros protagonizados por outras crianças, compõem a extensa variedade de conteúdos direcionados especialmente a elas. Uma curiosidade é que o vídeo mais acessado de todo o YouTube é o “*Baby Shark Dance*”²⁴, do canal “*PinkFong! Kids Songs & Stories*”, que quebrou o recorde de visualizações em 2022, sendo o primeiro vídeo da história a ultrapassar a marca de 10 bilhões de visualizações²⁵. O vídeo é dirigido ao público infantil e mostra a animação de uma música, que se tornou bastante popular, sendo coreografada por duas crianças.

O fato de o vídeo mais acessado do YouTube ter uma temática infantil revela a importância da participação das crianças como usuárias da plataforma. Tão grande é a relevância que receberam um espaço exclusivo: o YouTube Kids²⁶. Este formato destinado a crianças oferece um conjunto de recursos para controle parental, buscando promover maior segurança na experiência dos menores enquanto espectadores. O acesso ao YouTube Kids é vinculado ao *login* dos responsáveis, que podem personalizar as configurações de segurança dentro das opções disponibilizadas pela plataforma. As opções de personalização permitem selecionar uma faixa etária para a criança (“pré-escolar”: até 4 anos; “crianças menores”: de 5 a 8 anos; “crianças maiores”: de 9 a 12 anos) e ativar ou desativar a enquete. Com a enquete ativada, a criança pode buscar vídeos

²⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XqZsoesa55w>. Acesso em 20 abr 2023

²⁵ Fonte: <https://www.poder360.com.br/midia/baby-shark-se-torna-o-lo-video-com-10-bilhoes-no-youtube/>. Acesso em 20 abr 2023.

²⁶ Disponível em: https://www.youtube.com/intl/ALL_br/kids/. Acesso em 29 ago 2022.

novos dentre os vários vídeos disponíveis na plataforma, já com a enquete desativada, é limitada a exibição de apenas alguns vídeos já verificados pelo YouTube Kids. Os pais também podem bloquear vídeos ou canais e acompanhar o histórico dos conteúdos assistidos pelos filhos. Apesar das poucas opções de personalização, este recurso visa facilitar a orientação parental em relação à adequabilidade de conteúdos para crianças.

Porém, a presença da criança no YouTube não se dá apenas como espectadora. O YouTube é hoje um espaço tomado pelas crianças. A ocupação delas na plataforma não se deve meramente ao amplo acesso aos recursos técnicos que favorecem o uso da *web*, mas à produção e consumo de imagens e temáticas relacionadas ao universo infantil, fazendo com que este espaço esteja já apropriado por elas. A pesquisa do CETIC.BR e do NIC.BR (2022a) revela que dentre os participantes da amostra, com idade entre 11 e 17 anos, 71% afirmaram postar na internet vídeos ou músicas de autoria própria (gráfico 5). Ou seja, esta habilidade digital é comum dentre crianças e adolescentes e indicam que ali podem buscar um lugar de fala, de expressão e de visibilidade (TOMAZ, 2019). Mas para definir se encontram ou não, é necessário compreender o que confere a visibilidade. Se esta estiver atrelada ao elevado número de visualizações dos vídeos e de seguidores do canal, o que também dizem do quanto podem lucrar, apenas algumas alcançam esta proeza. Neste sentido, ter visibilidade seria o mesmo que lucrar.

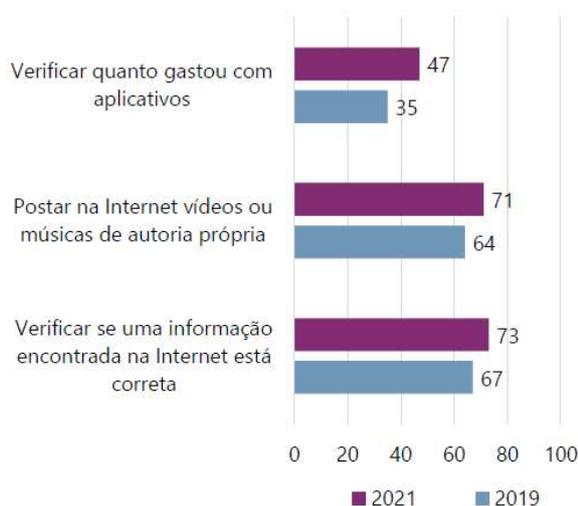


Gráfico 5 – habilidades digitais: usuários entre 11 e 17 anos.

Fonte: CETIC.BR; NIC, 2022a

Mas, para Renata Tomaz (2019), se a produção midiática confere aos usuários da plataforma a ampliação da sua participação na construção da cultura, na mesma medida

confere às crianças a possibilidade de construção da infância. A partir do que levantamos, paralelamente, nesta pesquisa, nos parece que a infância que mais se destaca no YouTube diz respeito a crianças brancas, pertencentes a famílias nucleares de classe média (algumas que, inclusive, enriqueceram com a ascensão de seus canais) e cuja presença na plataforma conta com a administração dos pais. Assim, a construção da infância seria a de uma infância específica, que não contemplaria as diversidades. Porém, o foco desta pesquisa é mostrar a construção de uma infância obediente aos parâmetros culturais da atualidade.

Ainda que os adultos possam estar por trás da expressão das crianças, a voz delas ocupa, hoje, um lugar mais valorizado. Se tomarmos os exemplos dos vídeos de Maria Clara analisados anteriormente, a menina ocupa um papel de “educadora”, sua voz pretende ter valor de mestria. Mas, por muito tempo as crianças ocuparam um lugar no arranjo social que as considerava não portadoras de uma voz que legitimasse sua atuação social. A própria origem da palavra “infância”, que vinda do latim “*infantia*”, se refere à ausência de fala, enquanto “*infans*” qualifica o que não pode falar. Obter voz implicava em deixar de ser criança (TOMAZ, 2019). Por outro lado, se a infância é o momento de entrada na linguagem, apenas a partir dela se configura a possibilidade de se tornar adulto. Em vez de “sem fala”, este momento deteria a oportunidade de constituir fala. Se a linguagem não se constitui na infância, será difícil constituí-la na vida adulta, já que a aprendizagem da linguagem está ligada à natureza infantil (ABRAMOWICZ, 2020). Neste sentido, qual linguagem estaria sendo construída na infância e a quais discursos as crianças estariam expostas?

Constituir linguagem e obter uma voz capaz de ser audível socialmente não estiveram sempre em consonância, como abordamos anteriormente. Ainda hoje, a depender de qual infância se considera, estes aspectos tampouco se encontram. Apesar disso, o reconhecimento da voz das crianças é resultado do contínuo processo de alterações no cenário histórico e cultural. O interesse científico pela criança e a ampliação de leis e organizações que visam garantir seus direitos e proteção são conquistas que contribuíram para que ocupassem um lugar especial na sociedade, situando-as na posição de sujeito e conferindo-lhes mais visibilidade (TOMAZ, 2019).

Paradoxalmente, a mídia e o consumo parecem ter tido papel fundamental para que os pequenos deixassem de ser silenciados. O espaço do consumo se tornou um lugar onde as crianças ganharam notabilidade, especialmente após a II Guerra, quando em busca de novos mercados, o público infantil passa a ser prospectado enquanto um novo

consumidor. A partir daí, produz-se uma inversão no destinatário das mensagens publicitárias presentes na mídia. As mães, às quais as propagandas tentavam vender os produtos infantis, convencendo-as do bem que produziram nos seus filhos, perdem lugar enquanto intermediárias, já que a conexão com as crianças se torna direta. Isolando-as dos pais, e às vezes, contrariando-os, “a nova regra é que crianças e marqueteiros unam as forças para convencer os pais a gastarem dinheiro” (SCHOR, 2009, p. 10). Assim, através da mídia, a imagem da criança passa a circular cada vez mais no mundo, compondo imaginários que originam representações em torno desta fase.

Mas, se por um lado é inegável a contribuição da mídia na legitimação da voz infantil na esfera social, por outro, o fato de as crianças poderem falar não significa necessariamente o interesse por conhecer sua visão de mundo, mas também por utilizar suas falas para interesses específicos. Além disso, a criança que passa a ter visibilidade na mídia é a criança consumidora. Aquelas que não gozam do poder de consumir têm pouco espaço reservado nos meios de comunicação e, quando o tem, são destaque em programas e campanhas de caráter solidário²⁷ (TOMAZ, 2019).

Apesar de muitos enunciados em torno da infância serem produzidos por adultos – especialmente no caso desta pesquisa, por familiares que administram canais protagonizados por crianças como forma de empreendedorismo – a criança contemporânea, com seus direitos garantidos e lugar na lógica do consumo, é cada vez mais capacitada para se fazer ouvir. Sua presença no espaço da internet e das redes sociais permite que façam parte de um espaço público sem deixar a segurança de seus lares. No YouTube, em especial, encontram um espaço de visibilidade e audibilidade, inaugurando uma nova forma de ser e estar no mundo, que, paradoxalmente, está comprometida com a perspectiva de consumidora, mas também de trabalhadora.

Apesar de a imagem da criança já ser explorada pela mídia há tempos, considerando os programas televisivos de auditório que contam com a participação de crianças, sua presença nestes espaços parece ter mais a ver com o estereótipo da figura ingênua, “engraçadinha”, do que com o lugar de profissional. Diferentemente do que ocorre em relação à produção de vídeos, que se torna uma forma de empreendedorismo na medida em que o YouTube desempenha a função de atrair a atenção do público para o conteúdo, ao mesmo tempo que oferece aos produtores uma parcela em dinheiro proveniente da receita das vendas de anúncios que aparecem em interrupções dos vídeos.

²⁷ Como por exemplo os programas Criança Esperança, da Rede Globo e Teleton, do SBT.

Nasce, então, a possibilidade do exercício de uma nova profissão remunerada: a de *youtuber*, ou criador de conteúdo.

Neste sentido, a função de rede social, que permite aos espectadores interagir com os conteúdos, são primordiais para a lucratividade dos canais. Dentre as possibilidades de interação no YouTube existem: se inscrever²⁸ no canal; marcar em cada vídeo “gostei” ou “não gostei”; compartilhá-lo; ativar o “sininho” (ferramenta que notifica quando novos vídeos são publicados no canal), ou deixar um comentário. É comum que a opção de comentar o vídeo esteja desativada nos canais infantis, o que, ao contrário, é um recurso bastante usado nos canais voltados aos adultos. Provavelmente, este fator esteja relacionado ao risco de comentários com teor impróprio a crianças, comumente praticado por *haters*²⁹.

Já no YouTube Kids, à criança é disponibilizada apenas a opção de inscrever-se no canal, nenhuma outra opção de interatividade está disponível. Inclusive, muitos vídeos para crianças sugerem que elas se inscrevam, ou interajam de outras formas mostrando claramente onde elas devem clicar. Isso ocorre, pois a relevância, qualidade e quantidade de interações que o público realiza com o canal revelam sua popularidade e indicam quais são os criadores de maior sucesso. Ser um criador de sucesso implica em assegurar um público cativo e interessado nas produções. Quanto mais bem sucedido o canal, maior a possibilidade de gerar um ganho monetário por visualização.

Além dos rendimentos provenientes do próprio YouTube, é comum que os criadores também usem o espaço para fazer propagandas de produtos próprios ou de terceiros que patrocinam o canal. MC Divertida, por exemplo, possui uma linha de bonecas, a boneca “MC Divertida”, e um livro: “O mundo mágico: MC Divertida”. Estes itens aparecem nos vídeos do canal como componentes da cena em um tipo de propaganda indireta. Exemplo pode ser encontrado no vídeo “Maria Clara e o Presente Surpresa de Aniversário da Fada Mágica (FT Bella May)”³⁰, em que o livro “O mundo mágico: MC Divertida” é apresentado como a realização de um desejo que a menina pede a uma fada (encenada por outra criança *youtuber*³¹, protagonista do canal “Bella May”). O vídeo transmite a mensagem de que “tudo o que você desejar do fundo do coração, basta

²⁸ Ao se inscrever em um canal, um *link* de acesso direto a ele é disponibilizado na conta do usuário no YouTube.

²⁹ Termo utilizado para se referir aos usuários da rede que praticam *bullying* virtual. Traduzido para o português, este termo equivale a “odiadores”.

³⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cK5oW4YntP0>. Acesso em 24 abr 2023.

³¹ É comum que os canais produzam conteúdos com a participação de protagonistas de outros canais, o que parece ser uma forma de ampliação da visibilidade.

acreditar que acontecerá”. É isso que supostamente Maria Clara faz no vídeo para ter um “um mundo seu”, conforme desejara, e que foi representado em um livro.

Esta mensagem, que só faz sentido em um “mundo mágico”, pouco condizente com a realidade, sugere estimular a fantasia, aspecto comumente explorado por crianças. Do mesmo modo, é uma fantasia que a referência ao produto no vídeo não se trate também de uma propaganda. Sua presença na cena não se dá meramente como conteúdo para uma estorinha, mas torna velado o oferecimento de um produto passível de ser comprado pelos espectadores. Produto este fantasiado de componente da cena, ou do próprio cotidiano da menina.

A exibição mais direta dos produtos³² pode ser encontrada no perfil da MC Divertida nas redes sociais, como o Instagram. Ali são publicadas fotos que mostram os produtos, como nas imagens 3 e 4, mas as legendas transmitem a impressão de se tratar menos de uma propaganda e mais de objetos que fazem parte de sua vida.

Na figura 3, Maria Clara posa ao lado de seu livro “O Mundo Mágico MC Divertida” e na legenda: “não coloque limite nos seus sonhos, coloque fé”, há uma repetição do discurso presente no vídeo citado anteriormente, o de que para que um desejo se realize, basta acreditar em sua realização, “ter fé”. A divulgação de um evento para autografar livros dá indícios da profissionalização associada à imagem da menina e, conseqüentemente, ao produto.

Já na figura 4, Maria Clara exhibe a boneca “MC Divertida” e na legenda propõe uma brincadeira com o intuito de “animar o dia” do público que a acompanha nas redes sociais. “Eu e minha boneca”, como descreve, oculta o efeito de divulgação da boneca, que é apresentada mais como uma “parceira” da *youtuber* do que como um produto. Porém o uso do arroba³³ e das *hashtags*³⁴ também dão indícios da profissionalização implicada em obter uma linha de brinquedos própria, o que a postagem parece buscar tornar pouco evidente. Os perfis mencionados pelo @, são respectivamente da fabricante do brinquedo, da agência de licenciamento da marca e do fotógrafo que fez a foto de Maria Clara. Ser fotografada por um profissional e ter contrato com empresas também diz muito de como Maria Clara é uma profissional da atualidade.

³² Em contraposição à regulamentação da publicidade dirigida a crianças e adolescentes, prevista pela resolução 163 do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente – CONANDA - de 13 de março de 2014, já determinada para outros veículos de comunicação, como a televisão. Disponível em: https://crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/legis/conanda/resolucao_163_conanda.pdf. Acesso em 7, mai, 2023

³³ Caractere “@” usado no Instagram para criar um link de acesso às contas dos usuários.

³⁴ Palavras-chave ou termos que se associam a informações ou tópicos, precedidos pelo símbolo “#”.



Figura 3 – Maria Clara com o livro “Mundo Mágico MC Divertida” – Fonte: perfil de Maria Clara no Instagram³⁵ - data: 8 jul 2022, acesso em 01 mai 2023



³⁵ Disponível em: [instagram.com/@mcdivertida](https://www.instagram.com/@mcdivertida). Acesso em 24 abr 2023.

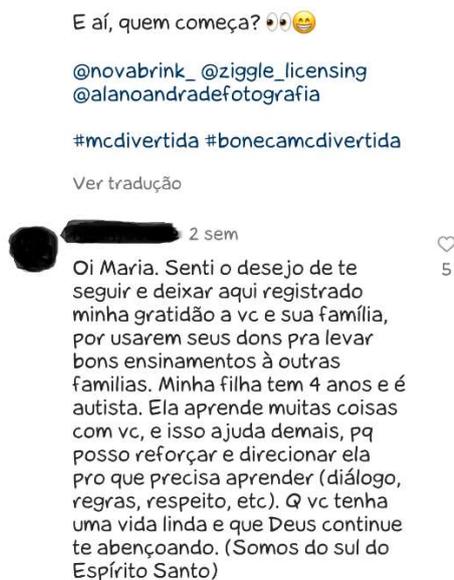


Figura 4 – Maria Clara com a boneca “MC Divertida” – Fonte: perfil de Maria Clara no Instagram³⁶ - Data: 17 abr 2023, acesso em 01 mai 2023

Mas, para além do produto, dos contratos e da lucratividade, o comentário que uma seguidora deixa (figura 4) revela uma das atribuições de MC Divertida enquanto profissional: levar “bons ensinamentos às outras famílias”. Ou seja, ao se colocar como a que já sabe, ainda na infância, pode ensinar outras crianças sobre “diálogo, regras, respeito, etc”, compartilhando até mesmo com pais a função de educar os filhos, como parece ser o caso desta seguidora, que é mãe e relata no comentário que, a partir do que Maria Clara ensina, ela pode “reforçar” e “direcionar” a filha para o que precisa aprender. No discurso desta mãe, é como se os ensinamentos de Maria Clara tivessem primazia sobre os dela que vão apenas reforçar o que a filha já aprendeu vendo vídeos. Isso diria de uma entrega dos pais de sua função de transmissão da educação para as telas?

Talvez a questão seja mais complexa do que isso, considerando, primeiro, o modo de vida neoliberal, em que os pais podem ser tomados por excessos de demandas decorrentes de suas funções profissionais, que conflitam com as funções parentais; e segundo, o próprio lugar da criança na esfera social, que torna quase natural que ela assuma um papel parecido com o do adulto. Apesar disso, a via da identificação com a vida de Maria Clara parece ser o recurso utilizado pelo canal para cativar os seguidores. O lugar da menina idealizada, que, é tão “boazinha” e obediente que só ensina coisas boas a outras crianças; que tem seus próprios produtos, mas não tenta vendê-los através do

³⁶ Ibid.

imperativo “compre”; que mostra aspectos de seu cotidiano e que nem parece estar trabalhando, tornam velada a profissionalização e os manejos para obter visibilidade e sucesso. A presença de MC Divertida em outras plataformas “da moda” (como Instagram, Facebook e TikTok³⁷), para além do YouTube, também dizem de uma estratégia de expansão de seu comparecimento na digitalidade.

A presença da criança no digital enquanto protagonista, seja de canais no YouTube, ou de perfis famosos em outras plataformas, revelam que seu papel social de quem ainda não é, vai cedendo diante da possibilidade de já ser. Já ser portadora de uma voz representativa de uma infância. Já ser detentora de um saber sobre o que é desejável a uma criança. Já ser uma profissional neoliberal (ainda que de forma velada).

Mas, por trás do que um *youtuber* mirim enuncia, pode existir o discurso de um adulto. Aliás, para que o protagonismo digital de uma criança prospere, parece imprescindível o investimento e a administração dos pais. Tem-se, então, uma aposta sobre a criança a ponto de incluí-la como uma profissional da internet, subvertendo um processo simbólico comum na relação entre pais e filhos.

Diante das limitações do corpo da criança, ainda insuficiente para responder a todas as demandas reais da vida, e diante dos limites do saber que anunciam o que ainda não sabe, a criança reveste seu imaginário de invenções que buscam responder a isso que ainda lhe é inapreensível (devido a sua condição real) com uma potência imaginária. Então, ela vai inventar uma posição que lhe permita “fingir ser”. Ela vai dizer, por exemplo, “agora eu era...” e nesta composição temporal (“agora”- presente e “era”- passado), se vale de uma capacidade que virá futuramente:

O que quer dizer este “agora eu era”? Porque agora seria eu sou, como eu era? Esse agora em que o tempo está situado para que a conjugação verbal seja como se esse agora fosse o passado, agora é um tempo futuro, imaginário desde o qual o sujeito diz “eu era” hoje. Esse agora é para pontuar que não é agora, senão que esse agora não está situado no hoje, nesse momento, no agora, esse agora é outro.

Qual é o outro agora de uma criança? O futuro, o ideal parental ao qual ela tem que responder (...) (JERUSALINSKY, 2011, p. 17).

Os responsáveis, no geral, podem não estar cientes da complexidade por trás deste processo. Mas, preservando a criança de desiludir-se com o real da vida, tendem a sustentar que ela se valha desta potência imaginária, legitimando o exercício deste saber criado imaginariamente. Isto é fundamental, porque é justamente produzindo uma

³⁷ Aplicativo de mídia para criar e compartilhar vídeos curtos, originado na China.

ampliação do espaço ficcional que a criança explora o mundo, já que tem que responder “nesta brecha que se estende entre seu presente miserável, seu presente infantil de seu corpo indefeso e desprovido de insígnias” (JERUSALINSKY, 2011, p. 18) ao ideal parental de “já ser”.

Porém, o que estes grandes canais profissionalizados e protagonizados por crianças indicam é que o saber e a potência da criança não estão na via de uma metáfora, de um processo simbólico, mas sim de um fato real. O ideal futuro toma consistência real no presente, já sendo a criança investida enquanto uma profissional capaz de render lucros usufruídos pela família, aspecto que subverte uma invenção imaginária a uma potência real.

Diante da amplitude de acesso que estes canais podem obter (chegando a milhões de inscritos), consideramos que é possível que esta lógica do “ser agora”, da potência real que a visibilidade através do YouTube produz, gere um impacto sobre o imaginário das crianças que acompanham e assistem estes conteúdos, podendo se tornar um tipo de padrão a ser almejado. Isto parece imprimir sobre a infância uma marca associada ao desempenho e ao sucesso, tal como ditame neoliberal.

Mas, a linha entre o lugar da criança enquanto profissional e a adequabilidade deste papel na plataforma é tênue. Os termos de serviço são contraditórios em relação à idade de uso de uma criança. Se de um lado estabelece que a idade mínima para usar o serviço é 13 anos, por outro, reconhece sua popularidade dentre crianças e entrega aos pais este controle:

Você precisa ter no mínimo 13 anos de idade para usar o Serviço; no entanto, crianças de todas as idades podem utilizar o Serviço e o YouTube Kids (se disponível na região do usuário), caso ele tenha sido ativado pelos pais ou responsável legal. (YOUTUBE, 2022)

Em seguida, o termo adverte os responsáveis: “Se você é pai/mãe ou responsável legal de um usuário menor de 18 anos, ao permitir o uso do Serviço pelo seu filho, você fica sujeito aos termos deste Contrato e é responsável pelas atividades do seu filho no YouTube” (YOUTUBE, 2022).

De fato, no canal MC Divertida por exemplo – que existe desde 2018, ou seja, quando Maria Clara tinha 8 anos – os pais assumem sua responsabilidade enquanto administradores tanto da produção dos vídeos e abastecimento do canal, quanto da vida pública da filha. Na descrição do canal no YouTube ressaltam: “ATENÇÃO: Em

conformidade com os termos e condições do YouTube, esse canal é propriedade e administrado pelos pais da Maria Clara³⁸”.

Por outro lado, o artigo 60 do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA – (BRASIL, 2021) determina: “é proibido qualquer trabalho a menores de quatorze anos de idade, salvo na condição de aprendiz” (p. 45). Mas, a forma como a cultura participativa opera no YouTube permite aos usuários a liberdade no modo como utilizam a plataforma, ao mesmo tempo que se isenta da responsabilidade em relação ao compromisso ou garantia com o conteúdo fornecido por meio de seu serviço (YOUTUBE, 2022).

Assim, a lógica implicada no YouTube enquanto meio de trabalho é a lógica do neoliberalismo. Cada indivíduo passa a ser responsável e ter poder sobre si: “empresários de si mesmos” (HAN, 2017a). O sujeito neoliberal tem como aspectos fundamentais, além da competitividade e do imperativo pela produtividade, o desejo de realização pessoal viabilizado pelo trabalho, que passa a atravessar diversos aspectos da vida, levando ao envolvimento total da subjetividade na atividade que o indivíduo cumpre (DARDOT; LAVAL, 2016).

Sob este cenário, as crianças no lugar de *youtubers* são participantes da lógica neoliberal, uma vez que encenar roteiros, ou posar diante das câmeras passa a fazer parte de suas rotinas, confundindo trabalho com brincadeira. Trabalho com atividade cotidiana. Trabalho com vida, já que muito do que se vive diariamente se torna público, passível de milhares de visualizações e curtidas, convertidas em ganhos monetários.

A antecipação para a infância de uma atividade esperada no futuro é fortemente influenciada pelas tecnologias. Elas viabilizam, fomentam e incentivam a lógica neoliberal na vida das pessoas, da infância à velhice, já que as plataformas são as mais beneficiadas por toda a dedicação e trabalho de seus usuários. Tecnologias e modo de vida neoliberal se retroalimentam e produzem juntas a infância como momento de já ser.

3.1 A INTERNET E O PODER ALGORÍTMICO³⁹

A ilusão – e imposição – de que é possível ser “empresário de si mesmo”, fomentadas pela racionalidade neoliberal, se propaga e se infiltra na vida das pessoas, lançando mão de mecanismos complexos presentes na internet. É através também da

³⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/@MCDivertida/about> . Acesso em: 23 mai 2023

³⁹ Alguns trechos desta seção fazem parte do artigo “A lógica algorítmica e a questão do poder: uma reflexão a partir de Foucault” (CALONEGO; GATTI, 2022).

estrita vigilância e consequente gestão da vida humana, efetivada pelos dispositivos tecnológicos, que a lógica do neoliberalismo pode se inculcar nas subjetividades. A internet perfaz o campo ideal para que as agências de vigilância possam administrar a vida dos indivíduos, o que faz dela uma potente ferramenta de controle. Ali, tudo é registrado e deixa rastro, a experiência humana (preferências, necessidades, comportamentos) é perseguida, capturada e transformada em dados (AKIMOTO, 2021; FOLETTTO, 2018).

Os algoritmos computacionais são as ferramentas de cálculo capazes de apreender informações sobre cada usuário. Isso é possível tanto a partir do modo como se usa a internet (o que é detalhadamente vigiado), quanto pelo simples fato de estar conectado à rede, o que no caso dos *smartphones*, por exemplo, gera informações sobre a localização do sujeito, lugares que frequenta, pessoas também conectadas com as quais convive, etc. Tudo isso gera a coleta e uma subsequente análise de dados refinada, que visam estabelecer previsões comportamentais do indivíduo, antecipando suas possíveis ações futuras. Assim, sua experiência online é modulada, já que esses dados, extremamente valiosos, são vendidos para empresas que os transformam em anúncios e vendas que configurarão o que será exibido na tela de cada um.

Filgueiras e Antunes (2020, p. 67) definem os algoritmos como programas “comandados pelas corporações globais para processar grande volume de informações”. As agências de vigilância se valem desses programas para exercer o extrativismo de dados, o recurso mais importante do século XXI, como afirma Morozov (2018). Este autor acrescenta que os usuários seriam estoques de informações valiosas, uma vez que estas viabilizam a publicidade e, quanto mais dados, maior a possibilidade de gerar publicidade por usuário.

Para que os participantes da rede compartilhem voluntariamente dados sobre si, as empresas de tecnologia criam formas inteligentes, como sistemas para distraí-los e maximizar a possibilidade de fornecimento destas informações, que são coletadas nos diferentes espaços digitais por onde o usuário circula (MOROZOV, 2018). A estratégia é que os sujeitos se deparem, enquanto navegam na *web*, com produtos e serviços que despertem seu interesse, desejo ou até mesmo a sensação de que necessitam daquilo. Essa precisão entre demanda e oferta (nem sempre nesta ordem) só é possível devido às plataformas estarem atentas ao que provoca o interesse dos usuários – históricos de navegação, palavras chave, tempo despendido em determinado conteúdo, etc. – levando a um estado de vigilância constante e permanente deste uso. Apesar de voluntário, este fornecimento nem sempre é consciente, pois, de fato, a extração foi desenvolvida de modo

a ser secreta, assim, muitas pessoas que se mantêm conectadas podem não estar cientes de sua sujeição a este complexo processo.

No YouTube, por exemplo, quando um vídeo se encerra, automaticamente um outro vídeo com tema similar ao anterior, eleito pela plataforma (caso o espectador não tenha ele mesmo adicionado outro “à fila”), se inicia. Uma pessoa pode passar horas a fio distraída na frente da tela sem que ela mesma precise selecionar o que assistir. O modo como ela interage com aquele conteúdo (assistir até o final, mudar para outro, curtir, comentar, compartilhar, etc.) gera dados que serão processados e interpretados através dos algoritmos e retornarão a ela de modo mais refinado, ao se deparar com conteúdos e anúncios de produtos mais compatíveis com seu gosto. Mas este refinamento, longe de implicar a neutralidade da plataforma e “beneficiar” o usuário, está à serviço do que é mais lucrativo. Portanto, o direcionamento não é guiado apenas pelos gostos individuais do usuário, mas também pelo que está “em alta” na rede.

Este sistema “não apenas incita no indivíduo um foco exclusivo em adquirir, ter, ganhar, desejar ardentemente, desperdiçar e menosprezar, mas está totalmente entremeadado a mecanismos de controle que tornam supérfluo e impotente o sujeito de suas demandas” (CRARY, 2016, p. 30). Assim, a forma como a rede virtual opera está subordinada a um dispositivo de relações de poder que é atravessado, em especial, pela lógica de mercado.

Dominando cada vez mais as atividades cotidianas, as plataformas digitais de comunicação compõem o principal dispositivo para a sociedade de controle na contemporaneidade (MEDEIROS, 2020). Em posse de sofisticadas ferramentas de cálculo autônomas, as tecnologias podem “fabricar políticas de otimização da capacidade de controle, objetivando produtividade e aumento do capital” (TELES, 2018, p. 433). Desse modo, a tecnologia algorítmica introduz uma nova lógica de dominação:

o surgimento da internet trouxe consigo novas formas de sociabilidade e alterações na lógica da dominação introduzida pela tecnologia algorítmica e sua relação com o neoliberalismo. (...) Tais tecnologias podem ser descritas com o conceito foucaultiano de poder pastoral, em vista do caráter simultaneamente coletivo e individualizado de dominação que elas permitem. Essa forma de poder não se exerce apenas com os recursos retóricos, mas age em um nível mais silencioso e sutil, aquele sobre as futuras ações possíveis. (SILVA JUNIOR, 2021, p. 257).

A possibilidade de coletar, agregar e analisar automaticamente grandes quantidades de dados que personalizam, afetam e antecipam os comportamentos possíveis dos indivíduos no espaço digital configura um modo de governar efetivado por

meio de algoritmos. Um governo que conduz tanto o coletivo, quanto o indivíduo, na medida em que, ao mesmo tempo que direciona todos os usuários para a mesma lógica de consumo da rede, personaliza o uso que cada um faz dela. Neste sentido, os modos de subjetivação ficariam atrelados aos discursos e dispositivos sociais que pela via algorítmica inauguraram uma nova racionalidade governamental e que:

se alimentaria de dados objetivos, aparentemente insignificantes e sem a marca do sujeito. Criam-se modelos de comportamento sem que o indivíduo perceba a condução de suas ações pelas funções acionadas via algoritmos. E quanto mais se utiliza dos dispositivos tecnológicos, mais se potencializa o governo e sobre uma mais ampla gama de grupos e indivíduos ela produz efeitos (TELES, 2018, p. 440).

Neste sentido, Shoshana Zuboff (2019) define o conceito de capitalismo de vigilância, descrevendo-o como: uma nova ordem econômica marcada pela apropriação da experiência humana como material gratuito para práticas comerciais secretas de extração, previsão e vendas; produção de bens e serviços subordinada a uma nova arquitetura global de modificação de comportamento; concentração desonesta de riqueza, conhecimento e poder, inédita na história humana e que compõe a estrutura fundamental de uma economia de vigilância; uma ameaça à natureza humana e à democracia, uma vez que o poder instrumental afirma o domínio sobre a sociedade; um movimento que expropria a crítica e derruba a soberania do povo.

Para Zuboff (2022), a mercantilização do comportamento humano é algo tão novo e improvável, que escapou à crítica por muitos anos. A livre coleta de dados, isenta de regulamentações e restrições legais – ao que se deve, justamente, seu sucesso contínuo – tem como consequência o domínio cada vez maior dos gigantes capitalistas de vigilância (Google, Meta, Microsoft, Amazon). Detentoras da infraestrutura digital, intermediam praticamente todo o envolvimento humano com arquiteturas digitais, fluxos de informações, produtos e serviços, ou seja, por seu terreno institucional passam quase todas as vias para a participação econômica, política e social.

A concentração do poder econômico pelas *BigTechs* produz como efeitos adicionais a governança e o poder social. O desenvolvimento institucional do capitalismo de vigilância associa estes vetores de poder, contrastando e competindo com a democracia. Transformam o monopólio de mercado em poder oligárquico no campo social, na medida em que os discursos são direcionados a partir do interesse econômico, afetando a opinião, os desejos e necessidades do público, efetivam, portanto, um tipo de gestão das mentes. Estas empresas ocupam, então, um lugar de governo, embora nunca

tenham sido eleitas para governar. Para Zuboff (2022) é possível ter capitalismo de vigilância e é possível ter democracia, mas não é possível ter os dois.

O que está implicado neste processo de vigilância pode ser pensado a partir da análise foucaultiana de panoptismo. O célebre projeto de Bentham, o panóptico, consistia em um projeto arquitetônico, cuja disposição permitia produzir um estado de vigilância – sobre detentos, doentes, operários, alunos – permanente e constante, sem que estes, vigiados, pudessem verificar se estariam sendo observados:

tantas jaulas, tantos pequenos teatros, em que cada ator está sozinho, perfeitamente individualizado, e constantemente visível. O dispositivo panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente (FOUCAULT, 1987, p. 166).

Neste sentido, a visibilidade seria uma armadilha, cujo resultado mais importante seria o de assegurar o efeito automático do poder. Não podendo o vigiado se certificar dos olhares das autoridades sobre ele, estaria garantida a retomada espontânea às limitações impostas. O panóptico sustentaria, portanto, uma situação de poder cujos próprios submetidos seriam os portadores (FOUCAULT, 1987).

Essa “máquina maravilhosa que, a partir dos desejos mais diversos, fabrica efeitos homogêneos de poder” (FOUCAULT, 1987, p. 167) é capaz de modular comportamentos, treinar indivíduos e fazer experiências. Na vigilância sistemática e permanente das grandes empresas de tecnologia sobre seus usuários, o poder se efetua por meio de uma operação desigual. Criam-se estratégias, a partir dos interesses dos usuários, para mantê-los cada vez mais conectados e fazendo-os reproduzir as operações de poder por conta própria, a partir do fornecimento de dados para a retroalimentação e manutenção do dispositivo.

Para Han (2017b), não estaríamos vivendo o fim do panóptico, mas o começo de um novo tipo, o panóptico digital. A vigilância deste novo modo não se daria mais por um olhar onipotente e central. Esta distinção entre o centro e a periferia, fundamental para a proposta de Bentham, teria desaparecido e dado lugar a uma necessidade de desnudamento e exposição de si mesmo gerada pelo próprio sujeito.

Nesta perspectiva, “se os presos do panóptico de Bentham têm ciência de estarem constantemente sendo observados por um vigia, ilusoriamente os habitantes do panóptico digital imaginam estar em total liberdade” (HAN, 2017b, p. 108). A dimensão da exposição não é completamente desvelada. Ao invés de isolados em jaulas, os habitantes da estrutura panóptica digital estão interligados em rede e têm intensa comunicação entre

si. No lugar de consumidores, se entregam “voluntariamente” ao olhar panóptico que controla e satisfaz suas necessidades. Desse modo, colaboram ativamente na edificação e manutenção do novo panoptismo, que sob este panorama, comporia um processo mais efetivo:

Hoje, o globo como um todo está se transformando em um único panóptico. Não existe um fora do panóptico; ele se torna total, não existindo muralha que possa separar o exterior do interior. Google e redes sociais, que se apresentam como espaços de liberdade, estão adotando cada vez mais formas panópticas. Hoje a supervisão não se dá como se admite usualmente, como agressão à liberdade. Ao contrário, as pessoas se expõem livremente ao olho panóptico. Elas colaboram intensamente na edificação do panóptico digital na medida em que se desnudam e se expõem. O presidiário do panóptico digital é ao mesmo tempo o agressor e a vítima, e nisso é que reside a dialética da liberdade, que se apresenta como controle (HAN, 2017b, p. 116).

Neste sentido, pode-se dizer que, se os algoritmos funcionam como projeto panóptico da internet, o discurso neoliberal, e seu efeito imperativista sobre o sujeito, funcionaria como o panóptico do próprio sujeito, já que este estaria em constante vigilância de si mesmo. Considerando que as tecnologias e os humanos são mutuamente afetados um pelo outro e se transformam concomitantemente, discurso neoliberal e os algoritmos computacionais parecem andar juntos na composição de um novo pacto social, de uma nova forma de governo.

Se a era industrial se valia de aparatos de controle em prol da produtividade e, conseqüentemente, do lucro, a atual era digital se vale dos discursos neoliberais propagados via algoritmos (que ditam o que se quer, quando se quer e como se quer) enquanto dispositivo de controle em prol, tanto da extração de dados dos usuários (o recurso mais importante do século) a favor do lucro, quanto do ditame normativo sobre o que se deve buscar e desejar. Se por um lado a evolução tecnológica expulsa o sujeito dos postos de trabalho, por outro parece mantê-los rendendo lucros e escravos do desempenho e da performance, cujo objetivo final é o capital, o consumo.

As práticas de governo dizem respeito a um conjunto de ações pelas quais se dirigem as condutas; um conjunto de ações sobre ações possíveis, que podem ser facilitadas, dificultadas, induzidas ou desviadas (FOUCAULT, 2008), assim, encontramos nas tecnologias formas de condução – de governo – sobre diversos fatores cotidianos, inclusive sobre a infância.

Foucault afirma que não há sujeito que não exerça certo poder, que o poder nunca está inteiramente de um lado, o que nos faz considerar que a criança usuária da *web* é

tanto submetida a uma forma de governo, quanto indivíduo ativo na sua condução. A criança no papel de profissional do YouTube, por exemplo, está, ao mesmo tempo, submetida a uma lógica neoliberal que se propaga facilmente pela via algorítmica, e produtora deste discurso, que se fortalece com a audiência que outras crianças dão a esta infância neoliberal. A condução da infância numa determinada direção requer ser avaliada. Para isso, é importante compreender os impactos que o uso da internet pode produzir sobre a criança.

3.2 INFÂNCIA E DIGITALIDADE

Os algoritmos computacionais, ao exercerem tamanha influência na condução do uso que fazemos da *web*, transformam aspectos do humano em maquinismos calculados. Ao considerarmos as crianças usuárias da internet, esta questão é ainda mais radical, visto que elas ainda não têm solidificadas as capacidades críticas para compreender o modo de regência das interfaces, sendo alvos fáceis das estratégias de direcionamento, que produzem, inclusive, os gostos e preferências. “Das opções que eu tenho a oferecer, qual delas é mais compatível com este usuário?”, parece ser a pergunta que fundamenta os algoritmos, cuja resposta do internauta só pode ser “este eu desejo/ este eu não desejo”. Neste sentido, produz-se uma inversão da lógica da dialética do desejo no inconsciente, tal como compreendida pela psicanálise.

Jacques Lacan, em seu texto “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano” (1998) destrona o lugar soberano da consciência na determinação do desejo humano, atribuindo ao inconsciente a responsabilidade por portar as marcas psíquicas que o referenciam. O autor afirma que o inconsciente estaria estruturado como linguagem e seria, portanto, uma cadeia de significantes que em algum lugar, numa outra cena, se repete e insiste. “O inconsciente é discurso do Outro” (LACAN, 1998, p. 829). O “Outro” é compreendido como o campo da linguagem, tesouro dos significantes, mas também lugar do inconsciente (sendo este o que genuinamente constitui a subjetividade humana) (FARIA, 2019). Portanto, o desejo humano, seria, para o autor, o desejo do Outro: “A pergunta do Outro, que retorna para o sujeito do lugar de onde ele espera um oráculo, formulada como um ‘*Che vuoi?* - que quer você?’, é a que melhor conduz ao caminho de seu próprio desejo” (LACAN, 1998, p. 829).

Na atualidade, passamos da dialética do desejo pelo inconsciente à supressão do desejo pelos algoritmos, que operando como portadores constantes da pergunta “*che*

*vuoi?*⁴⁰”, achatam o desejo, reduzindo-o a um cálculo. O fato de as máquinas, supostamente, identificarem e anteciparem nossos interesses a partir da leitura das “pegadas” que deixamos no espaço digital, podem nos dar a sensação de que sabem das nossas necessidades melhor do que nós mesmos. Mas, reduzindo-as a uma promessa mercadológica de que haveria um objeto capaz de realmente atender à plena satisfação (JERUSALINSKY, 2021a), buscam obturar a falta inerente a todos nós na relação com o Outro e diante da qual nos caberia metaforizar e inventar, para responder ao desejo.

O Outro da atualidade parece estar mais do lado da máquina do que do humano ao passo que este artefato tecnológico “supremo” – o portador de todo saber – poupa o sujeito do esforço da transmissão, já que a resolução de qualquer complexidade lógica é pautada em códigos previsíveis, sem risco de equívoco, dúvida e esquecimento, nos dando a ilusão de:

termos passado ao domínio supremo da inteligência sem limites, transformação do *Homo Sapiens* em *Homo Web*, ou seja, um novo estatuto humano em que os deuses portadores de todo saber não mais precisam possuir uma extensão sem limites; muito pelo contrário, agora eles ficam comprimidos ao minúsculo tamanho de *chip*. Como o gênio da lâmpada de Aladim, confinado eternamente numa garrafa, sem nenhuma relação com o mundo, mas com o poder de transformar qualquer coisa em qualquer coisa e também qualquer não coisa em coisa, na sua tela mágica. (JERUSALINSKY, 2021b, p. 60).

Assim, o sujeito cria uma dependência do objeto na medida em que é este, e não ele, quem possui e governa a lógica com que o discurso social opera.

Goldberg (2021) afirma que é impossível compreender uma época sem considerar a tecnologia vigente, pois esta é forjada em uma relação intensa com o conhecimento de determinado momento histórico. O autor aponta que as transformações lógicas e estruturais, que afetam o ser, estão atreladas às mudanças e renovações da mídia. Mas destaca a diferença entre o sujeito para a psicanálise e o funcionamento maquínico. O sujeito, enquanto efeito da cadeia de significantes, contrasta com o modo de funcionamento das máquinas. Estas inscrevem seus códigos em números binários e que nada reivindicam diante do que não está expresso, ao contrário do sujeito, que em função do recalque, repete e insiste o que não está expresso, mas que está recalcado:

Talvez daí advenha a dificuldade da máquina em simular a linguagem humana: no código puro não há sujeito, não há esse excesso operante que insiste em

⁴⁰ Termo italiano traduzido como: “o que você quer?”. Tradução nossa.

reivindicar uma posição na cadeia, apesar de nunca a ocupar de modo “inteiro” (GOLDBERG, 2021, p. 67).

Apesar de definidas as dimensões do que é próprio do humano e da máquina, é certo que as tecnologias transformam o modo como nos relacionamos e experimentamos o mundo ao nosso redor. Ela captura e molda as subjetividades, produzindo transformações também sobre a infância contemporânea: a primeira geração a crescer em contato direto com as tecnologias. Podem até ser popularmente chamados de “nativos digitais”, por possuírem facilidade e plasticidade no uso dos dispositivos eletrônicos, mas é necessário ter cautela para não considerar estas habilidades como bônus adquirido naturalmente por uma geração “mais evoluída” e sim tomar que as crianças aprendem e reproduzem os modos de se comportar dos adultos. Naturalizar este fator apenas reforça a entrega total das nossas vidas às empresas de tecnologia e subjuga o fato de nós, adultos, vivermos excessivamente conectados.

As crianças acompanham, durante seu crescimento, ao acelerado processo de avanço e criação de novas técnicas. Diante disso, aquele descompasso, que outrora configurava a diferença entre o saber e conhecimento dos adultos e das crianças, recebe novos formatos. Os pais podem sentir que seu saber se torna obsoleto, “antiquado”, ao passo que os processos de transmissão geracional adquirem novos tons. Para muitos, habitar o espaço digital sancionou-se como uma força que os arrancou de um terreno simbólico e os forçou a habitar o espaço tecnológico: “mais do que imigrantes, por vezes, verdadeiros refugiados digitais, a quem se impôs a necessidade de entrada nesse novo mundo, sob as ameaças da exploração, da exclusão, e do mercado de trabalho cada vez mais predatório” (AKIMOTO, 2021, p. 101).

Porém, assumir uma posição condenatória das tecnologias para justificar um processo de demissão das faculdades humanas não favorece a compreensão deste fenômeno extremamente complexo. Em um contexto em que contamos cada vez mais com as tecnologias para executar nossas atividades cotidianas, desvelar o preço que se paga pelo seu uso indiscriminado não é tarefa fácil. Mas, para melhor entendimento de seus impactos, é necessário assumir uma posição que transite entre a idealização – de que na tecnologia estaria a solução para todas as limitações humanas – e a condenação – de que a origem de todo mal está nela (AKIMOTO, 2021).

Não se pode ignorar o fato de que há uma mútua afetação entre os humanos e as máquinas. Ambos se transformam concomitantemente. Mas a tecnologia é produzida, criada e difundida pelo homem, e não o contrário. Na medida em que a utilizamos, ela

nos afeta e nos influencia e, neste sentido, alguns aspectos em torno de seus impactos requerem ser levantados.

Não há mais circunstâncias que não possam ser gravadas ou arquivadas na forma de imagens ou informações digitais. Expostos ao bombardeio sensorial produzido pelo excesso de estímulos e informações, que advém da transição das inúmeras imagens da tela dos dispositivos eletrônicos, o sistema perceptivo passa a funcionar de outra forma. Saturado pela velocidade, o tempo necessário entre ver e elaborar deixa de existir, de modo que a percepção fica fragmentada pelo caráter compulsivo de ver cada vez mais (JERUSALINSKY, 2021c).

Os vídeos de YouTube já parecem longos demais perto dos vídeos de apenas alguns segundos que fazem sucesso em aplicativos como TikTok, ou o próprio YouTube *Shorts*, uma seção da plataforma destinada a vídeos de apenas 60 segundos e que podem ser gravados no formato próprio da câmera dos *smartphones*. O excesso de imagens e os textos cada vez mais curtos, são basicamente as formas de representação na rede virtual. Diante da expansão da quantidade de materiais disponíveis, lado a lado com a abreviação da materialidade dos discursos, em que a informação e a desinformação se misturam e se confundem, a sociedade do espetáculo, tal como proposta por Guy Debord (2003), nunca pareceu tão verdadeira. O autor afirma que: “a realidade considerada parcialmente reflete em sua própria unidade geral um pseudo mundo à parte, objeto de pura contemplação” (p. 14). E, neste espaço imperado pela primazia das imagens a serem contempladas, o parecer é, portanto, mais importante do que o ser e até do que o ter, de modo que “tudo o que era diretamente vivido se esvai na fumaça da representação” (DEBORD, 2003, p. 13). A promoção e adoção cotidiana de tecnologias sem fio produzem como efeito colateral o aniquilamento da singularidade dos lugares e dos acontecimentos. Assim, assistimos a uma substituição da experiência pela imagem, que se torna válida a partir da repercussão que ela atinge.

Neste sentido, observamos uma hiperexposição do sujeito nas mídias digitais, e em especial nas redes sociais, onde se dissolve a borda entre o público e o privado, produzindo imagens de plenitude, bem estar e felicidade, que pouco dizem da realidade. Porém, em uma sideração ao ideal de que é possível a satisfação plena, estas imagens ganham estatuto de verdade, tornando-se um padrão a ser almejado. As diferenças e incompatibilidades com essa imagem podem retornar para o sujeito em forma de inveja, diante do desfrute imaginário do outro, tomado como intruso do lugar ideal em que se gostaria de estar (JERUSALINSKY, 2021c). Os impactos deste fator podem ser

agravados nos períodos da infância e da adolescência, em que a imagem de si mesmo está em plena constituição.

A cena da vida idealizada protagonizada por crianças no YouTube é um retrato desta tendência. A exibição de suas casas, dos cômodos cinematográficos, com seus quartos super decorados, repletos de brinquedos, roupas e objetos de consumo caros (como mostram as figuras 5, 6 e 7), produzem um tipo de padrão de vida e de infância a ser almejado por outras crianças. O embaraço entre a vida cotidiana com o trabalho de *youtuber* dificulta que uma criança possa separar o que é da ordem do trabalho e, portanto, do que se manipula para mostrar, e o que é da ordem da vida comum, dando a sensação de que a rotina destas crianças, permeada pelo desfrute dos objetos de consumo, seria melhor, mais feliz e satisfatória do que sua própria. Produz-se, assim, uma imagem idealizada em torno da função de *youtuber* mirim, levando muitas crianças a cobiçarem este papel.



Figura 5 – Quarto da *youtuber* Valentina Pontes - Fonte: canal do YouTube: “Valentina Pontes ofc”⁴¹

⁴¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XWL1igHhNiw&t=168s>. Acesso em 23 mai 2023.

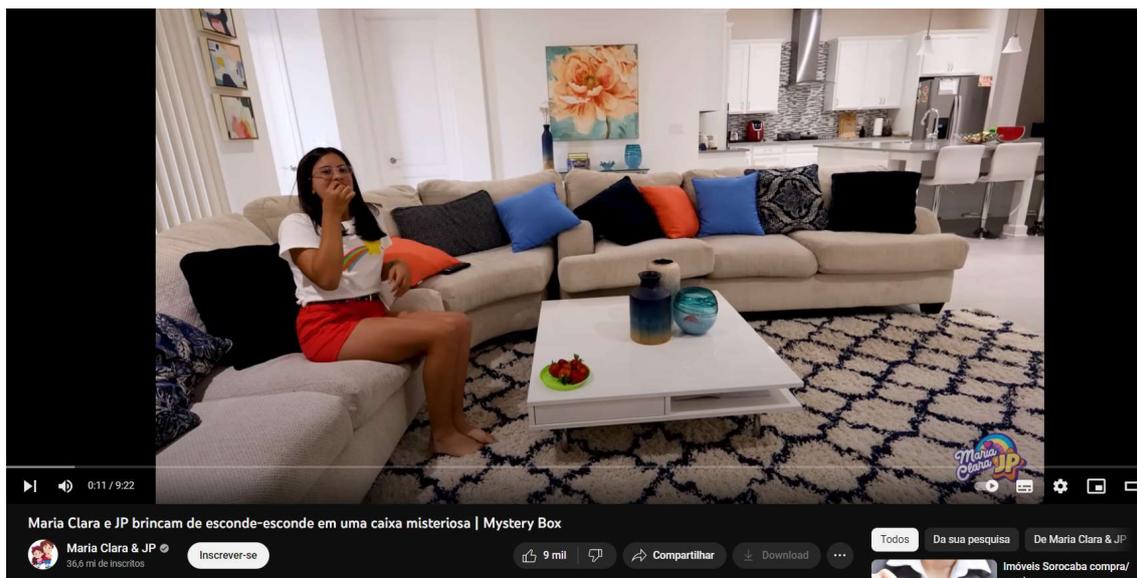


Figura 6 – Cômulo da casa dos irmãos *youtubers* Maria Clara e JP – Fonte: Canal do YouTube: “Maria Clara & JP”⁴²

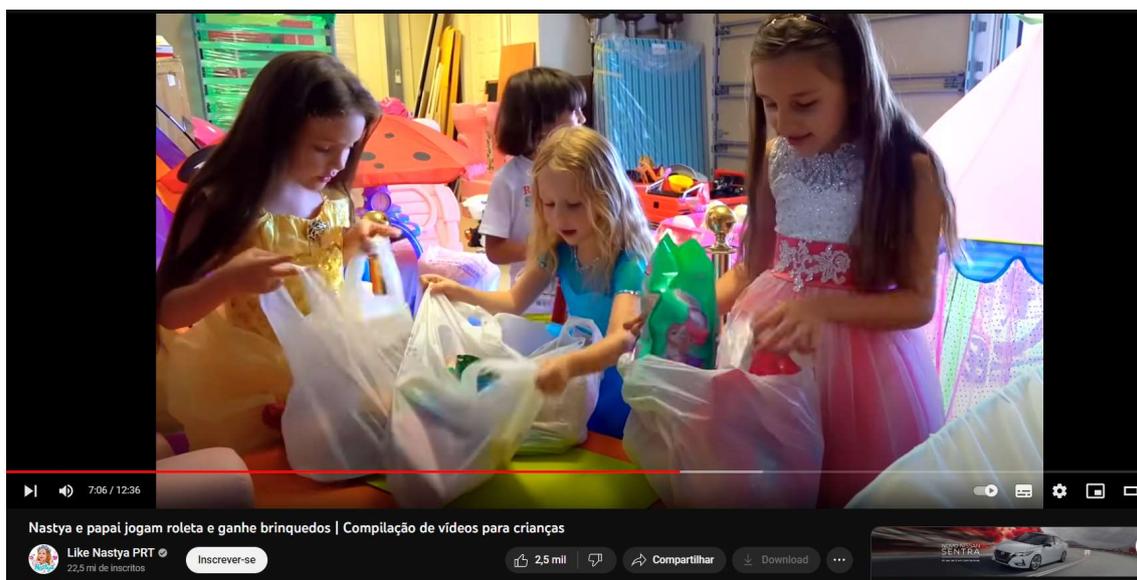


Figura 7 – *Youtuber* Nastya e outras crianças com sacolas cheias de brinquedos novos – Fonte: canal do YouTube: “Like Nastya PRT”⁴³

As transformações discursivas e subjetivas produzidas na era digital, introduzem uma nova lógica contemporânea, cujo efeito não se restringe apenas ao que ocorre nas telas de computadores e celulares, mas também nas mudanças da sociedade como um todo:

⁴² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XWL1igHhNiw&t=168s>. Acesso em 23 mai 2023.

⁴³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OqgdjAkgfwo>. Acesso em 23 mai 2023.

Habitamos um mundo onde a ideia de experiência compartilhada atrofiou e onde as gratificações ou recompensas prometidas pelas opções tecnológicas mais recentes, por sua vez, jamais são alcançadas. Apesar das declarações onipresentes da compatibilidade, ou mesmo harmonia, entre o tempo humano e as temporalidades dos sistemas em rede, disjunções, fraturas e desequilíbrio contínuo compõem a experiência real dessas relações (CRARY, 2016, p. 29).

Da aceleração sensorial ao modo de identificação com a imagem e com o outro, a marca do capitalismo neoliberal atravessa o discurso do que se deve buscar, almejar e produzir e, nesta direção, aprofunda as desigualdades. A própria possibilidade de acesso à conexão virtual é amplamente desigual no Brasil. Embora 81% da população com 10 anos ou mais utilize a internet, somente 20% têm acesso de qualidade à rede, sendo estes pertencentes às classes de renda A e B. A infraestrutura para garantir uma boa conectividade aos usuários é parte do problema, visto que a qualidade e distribuição do sinal tem relação direta com a renda de uma determinada região: quanto menor a renda, pior o sinal (LOCOMOTIVA, 2022). O alto custo dos serviços domiciliares de banda larga, também dificulta o alcance, de modo que o acesso à internet pelo celular é a opção que resta a 53% (gráfico 3, p. 27) dos usuários brasileiros que contam com o aparelho como o único meio de se conectar à rede.

A desigualdade de acesso à internet não só reflete a disparidade socioeconômica do país, como ajuda a reforçá-la. Enquanto a inovação tecnológica vai tomando conta da produção econômica no Brasil, a aquisição de novas competências, tanto para assegurar a empregabilidade quanto para aproveitar as oportunidades que se abrem no mercado de trabalho, não caminha no mesmo ritmo:

No momento em que discutimos um futuro dominado por dados, automação e algoritmos e pelo trabalho remoto, que oportunidades estamos criando para milhões de cidadãos das mais variadas gerações que não têm acesso às condições básicas para adquirir as competências digitais? (LOCOMOTIVA, 2022, p. 3)

A dinâmica de expulsões em massa imposta pelo capitalismo se efetiva ainda mais radicalmente quando consideramos as dificuldades no acesso equânime à conexão virtual.

Os caminhos para romper com esta desigualdade e supremacia da máquina sobre a condição humana vão na direção de, paralelamente, ampliar a igualdade de acesso à internet e devolver ao sujeito as condições necessárias para romper com os ideais sociais pautados na lógica capitalista, de modo que faça uso da máquina e não seja usado por ela. Com as crianças, é importante que para além do uso da internet para se conectar às redes

sociais, assistir vídeos e jogar jogos *online*, possam ser educadas para compreender a lógica que rege o funcionamento das redes, assim como serem capacitadas para desenvolver as habilidades necessárias para o acompanhamento da inovação tecnológica, não se restringindo ao uso das plataformas da moda.

A ilusão de que as telas permitem um tipo de entretenimento dentro do ambiente doméstico, protegido dos perigos externos, obtura os riscos que existem dentro do próprio espaço digital. O fornecimento de dados pessoais a estranhos, a exposição à violência, à pornografia, à publicidade, as tentativas de golpes e as ameaças, são apenas alguns dos riscos aos quais estão expostas as crianças que possuem pouca orientação para fazer uso da internet. Por isso, se faz crucial uma educação sobre o funcionamento e as possibilidades que estão dadas na digitalidade (a crianças e pais), tanto quanto é necessária uma desnaturalização do uso tecnológico como algo inerente à vida, já que tomá-lo como parte inevitável do cotidiano, apenas favorece seu disfarce de objeto supremo, como um cavalo de Tróia.

A ideia de que a mudança tecnológica ocorre dentro de um processo semiautônomo, como se ela tivesse uma capacidade de autoprodução, promove a aceitação de muitos aspectos da realidade social como circunstâncias necessárias e, portanto, inalteráveis (CRARY, 2016). O modo de interpretar e compreender os impactos que o acesso – e o não acesso – às tecnologias digitais produzem na sociedade requerem ser olhados para além de uma visão simplista, respeitando sua complexidade. Neste sentido, pretendemos contribuir com esta compreensão, analisando algumas narrativas presentes em vídeos de YouTube protagonizados por crianças e dirigidos ao público infantil e buscando compreender que modo estas representam a infância contemporânea.

4. A INFÂNCIA COMO ESPETÁCULO

A imagem digital não floresce ou reluz, pois a negatividade do murchar está inscrita no florescer e a negatividade da sombra, no brilho⁴⁴.

O excesso de positividade, que para Han (2017a) compõe a “sociedade do cansaço”, impede a alteridade, levando a uma violência do igual. Sem a diferença, a massificação do positivo se mostra como a incorporação de um imperativo de gozo, diante do qual a imagem do sujeito deve ser exibida como a afirmação da positividade constante. A digitalidade exerce função, tanto sobre o aniquilamento da diferença, a partir da propagação do positivo, via algoritmo, quanto viabilizando formas de expressão, antes inéditas.

No ciberespaço, a imagem assume relevância independentemente da palavra e se proliferam fenômenos nos quais a visibilidade e a aparência desempenham papéis cruciais na construção de si e da própria vida, que passa a ganhar estatuto de relato (SIBILIA, 2008). A intimidade passa a ser exposta publicamente e o privado se torna público (HAN, 2018) e neste “show do eu”⁴⁵ o que é vida e o que é obra se confundem. Íntimas, mas nem sempre verdadeiras, as imagens expostas produzem uma “ficção de si mesmo” de pessoas comuns. A atenção se desvia das figuras ilustres, celebradas por seus feitos e importância e se volta às pessoas ordinárias, numa curiosidade crescente sobre os âmbitos da vida que costumavam ser íntimos. Na medida em que expandem os limites do que se pode mostrar, a visibilidade sobre a intimidade se exacerba a ponto de seu quase total desnudamento (SIBILIA, 2008).

Este desvelamento quase absoluto da vida privada é considerado por Han (2019) como um fenômeno de pornografização, em que a revelação total da imagem é tal como a pornografia enquanto nudez: sem roupas, sem segredo e sem qualquer velamento. O campo do que é belo, do que é arte, estaria mais do lado do erótico, para o autor. O erótico possui um “véu” que faz certo encobrimento e protege do contato direto, produz uma distração, possibilitando, assim, a contemplação. A arte requer o ocultamento para ser contemplada. Sobre esta diferença entre pornográfico e erótico o autor afirma:

O erótico se distancia do pornográfico pelo seu caráter indireto e sinuosidade.
(...) Contenta-se com alusões ao invés de expor diretamente as coisas. (...)

⁴⁴ (HAN, 2018, p. 58).

⁴⁵ Referência ao livro “Show do eu: a intimidade como espetáculo”, de Paula Sibilia: Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2008.

Direto é o modo temporal do pornográfico. Demora, desaceleração e desvios são modalidades temporais do erótico. O dêitico, o signo direto das coisas é pornográfico. A pornografia evita desvios. Vai direto às coisas. Eróticos são, em oposição, signos que circulam sem se revelarem. Pornográfico seria o retrato da revelação. Erótico são mistérios a princípio irreláveis. Nisso se diferenciam das informações ocultas, retidas, que podem ser reveladas. Pornográfico é justamente a revelação progressiva até a verdade ou a transparência (HAN, 2019, p. 92-93).

Para ele, a transparência impede o caráter dialógico das relações. O que é dialógico, o que inclui o outro – a diferença – é reduzido a um autoespelhamento permanente que se transforma em produto. “O capitalismo acentua a pornografização da sociedade, expondo e exibindo tudo como mercadoria” (HAN, 2017c, p. 61). E, neste sentido, a exposição midiática de si mesmo transforma a imagem em objeto consumível, que provém de um apetite voraz pelo consumo de vidas alheias e reais (SIBILIA, 2008). Apesar disso, o que se mostra nem sempre é compatível com a realidade, já que as imagens podem ser manipuladas de modo a remover qualquer negatividade implicada no real.

A partir da digitalidade, as imagens parecem mais bonitas, melhores e mais vivas do que na realidade, de modo que na vida, apenas imagens são produzidas e consumidas (HAN, 2019). Uma ilustração disso é o quanto é comum que durante uma experiência – festival de música, evento na escola dos filhos, celebrações culturais na cidade, ou até em momentos mais íntimos, como um jantar – muitas pessoas estejam mais ocupadas em registrar o momento com seus celulares do que contemplá-los, não vendo para além da pequena tela. Tornadas consumíveis, as imagens passam a ser meras reproduções da realidade e seu sentido especial, artístico, de criar uma proteção contra o real, se destrói. Ao mesmo tempo, podendo ser retiradas de sua verdade, ao serem manipuladas para o consumo, criam certa proteção contra a irrupção do real, parecendo mais palatáveis⁴⁶ (HAN, 2019).

Este parece ser o caso da produção de uma imagem ideal de infância, que corresponderia aos padrões vigentes da sociedade e que parece ser construída e retratada nos vídeos de YouTube. Aspectos do discurso proferido pelas próprias crianças colaboram com a manipulação desta imagem, que pretende se mostrar mais próxima do ideal.

O *ethos* discursivo tem papel crucial em relação à produção da imagem que se transmite a partir do que é enunciado. O *ethos* diz respeito a tudo o que colabora na

⁴⁶A exemplo dos filtros para imagens presentes nas plataformas de redes sociais, como o Instagram, que tem levado muitas pessoas a desejarem tornar real, por meio de cirurgias e procedimentos estéticos, as modificações na imagem do corpo que estes recursos digitais permitem.

construção de uma imagem do enunciador, que será transmitida aos interlocutores. Os gestos, as expressões faciais, a postura, as vestes, a entonação, a escolha das palavras, o ritmo e etc., constituem indícios desta imagem que o orador pretende oferecer. Porém, ela não se dá de modo exterior à fala, ela é construída por meio do discurso em um processo interativo de influências sobre o outro. Apenas pode ser apreendida dentro de determinada situação de comunicação, como parte de dado contexto sócio histórico: “O *ethos* está crucialmente ligado ao ato de enunciação, mas não podemos ignorar que o público constrói também representações do *ethos* do enunciador antes mesmo de ele começar a falar” (MAINGUENEAU, 2018, p. 269). Basta que um texto esteja ligado a certo gênero do discurso para que se produza uma expectativa em relação ao *ethos*.

No caso dos vídeos do YouTube, e mais especificamente, os voltados ao público infantil, o *ethos* presente nos enunciados dos protagonistas mirins revelam uma similaridade dentre os canais, indicando o excesso do igual no modo de expressar-se na digitalidade. Termos como “galerinha”, um ritmo de fala quase musical, uma entonação alegre, gestos e expressões faciais exagerados são características comumente encontradas. A produção de certa imagem padronizada parece ficar mais evidente na medida em que os canais vão ganhando visibilidade e, paralelamente, se tornando mais profissionalizados.

Tomando o canal “MC Divertida” como exemplo, seus primeiros vídeos tinham um roteiro menos enrijecido em comparação aos vídeos mais recentes. O primeiro vídeo, publicado em 2018, “Meu primeiro vídeo – MC Divertida”⁴⁷, mostra Maria Clara, com 8 anos, se apresentando. Ela responde perguntas sobre si escritas em um caderno por sua mãe. As perguntas abordam informações pessoais como nome, idade, onde mora, série escolar, do que gosta de brincar, quais seus medos, etc., às quais Maria Clara responde abertamente, sem um roteiro prévio. Tratando-se de seu primeiro vídeo, ela apresenta um *ethos* que revela mais a particularidade de seu enunciado do que a reprodução de aspectos comuns dentre as crianças *youtubers*.

Sendo uma pessoa com nanismo, há uma imagem de Maria Clara que fala por si só e que a difere do padrão das outras crianças *youtubers* que não são pessoas com deficiência. Mas, a medida em que seu canal vai ganhando sucesso, a menina vai assumindo um *ethos* comum, produzindo uma imagem de *youtuber* similar à de outros protagonistas mirins e, portanto, padronizada.

⁴⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Y41cFItN8Tc>. Acesso em 16 mai 2023.

O *ethos* da criança fora do padrão ideal, ou seja, para além da criança *youtuber*, fica mais evidente no vídeo quando Maria Clara expõe aspectos de sua intimidade. A pergunta sobre o seu maior medo evoca uma longa resposta, ela diz: “Qual seu maior medo? Ai meu Deus, eu tenho medo de muitas coisas.” – é possível ouvir a mãe rindo baixinho atrás da câmera – Maria Clara continua: “é assim, eu tenho medo de dormir sozinha. É que a minha mãe deixou muito, mas muito, mas muito, mas muito, mas muito mesmo tempo eu dormir com ela, aí eu tô aprendendo ainda a dormir sozinha. Às vezes, eu tô lá dormindo, aí acordo e grito: ‘mãe!’, aí ela vai lá e ela deita lá comigo até eu dormir, depois ela vai pra cama dela. Às vezes eu acordo com sede e grito: ‘mãe, tô com sede’, às vezes eu acordo com medo: ‘mãe tô com medo!’. Às vezes, tá muito de manhã, tá amanhecendo, aí eu também tô com medo, não tá tão de manhã, aí eu também tô com medo, aí eu grito: ‘mãe’, aí eu não grito, eu vou lá na cama da minha mãe e falo: ‘mãe, tô com medo de novo’, aí ela fala: ‘pode dormir aqui que daqui a pouco é a hora da sua escola’. E, teve um dia, que eu tava dormindo com a minha mãe e eu acordei com um pesadelo e tava quase na hora da minha escola, aí eu dormi mais lá pra cima, aí meu pai acordou e me puxou pelos pés, como ele sempre faz”.

Neste trecho, é possível notar um *ethos* que indica aspectos estereotipados do modo como a criança é compreendida socialmente. Para Gatti (2013), como afirmado anteriormente, são atribuídos às crianças certos papéis estereotipados que, em essência, as diferem dos adultos. A imagem do indivíduo em formação, visto como “incompleto”, ou seja, fora do “normal” do adulto, compõem boa parte da imagem estereotipada de criança, pois já é esperado que elas tenham atitudes que os adultos não têm. A imaginação, a incompletude e a ingenuidade parecem ser aspectos comumente encontrados na imagem que se faz da criança no discurso.

Estes traços podem ser encontrados neste vídeo. Ao falar abertamente sobre a intimidade da família; sobre seu medo de dormir sozinha – que pode ser comum na infância, mas, à *priori*, não o é na vida adulta – quando diz “o que dá na telha” e vai se confundindo e se corrigindo ao longo do enunciado; quando constrói a frase de modo que não respeita os padrões gramaticais da língua; quando expõe o modo de criação dos pais (que deixaram a filha dormir na cama por muito tempo, como a menina enfatiza), estamos diante da criança que não corresponde ao ideal produzido a partir da semântica da obediência, como esta criança que já está pronta. A ingenuidade, a incompletude e a imaginação afluída perpassam a imagem que o *ethos* de Maria Clara transmite neste

vídeo, que difere bastante da criança ideal produzida nos outros vídeos, mais profissionalizados.

No entanto, os primeiros indícios da profissionalização do canal podem ser encontrados neste mesmo vídeo, quando ao final, Maria Clara diz:

- Gente, então *foi* essas as perguntinhas. Então, não se esqueçam de voltar amanhã, que amanhã tem *maais*. E não se esqueça de dar *like*.

A mãe sussurra: “inscrever” e a menina continua:

- Inscrever no canal. Vai ter meta, mãe? Vai mãe?”.

- A mamãe ainda não sabe, filha, *vamo* começar devagarinho.

- Tá bom. É... Eu vou dar meta.

- *Cê* quer meta, é?

- *Aham*.

- A meta, então, é as pessoas se inscreverem no canal, ajudar a compartilhar os vídeos, não esquecer de clicar no sininho⁴⁸, né, pra...

- Ah, é assim, ó... é assim... *pera* só um instantinho. – Maria Clara sai da cena e volta com um celular e mostra na tela o YouTube. Continua: - Para se inscrever é muito fácil, é, você só, você só clica no “inscrever-se”, aí vai *tá* assim “inscrito” e aqui você aperta assim no sininho e aparece isso e aqui tem opções: “todos”, e eu vou assistir todos, “o-ca-sio-nais” (é eu não li direito), “nenhum”, aí “todos”, ok. Aí você já *tá* inscrito. Se você gostou do vídeo, é essa aqui ó – e aparece o símbolo de curtida, como uma animação no vídeo.

- E é importante compartilhar com seus amigos – a mãe complementa.

- É, e é importante compartilhar com os amigos. E se vocês não se inscreverem e nem dar *like* eu vou ficar triste. Então, se inscreva e dá *like*.

Mãe sussurra: “tchautchau” e Maria Clara continua: “tchautchau”. Mãe sussurra novamente: “até amanhã” e a menina diz: “e amanhã tem mais e é brincando de professora”.

A partir deste trecho, é possível notar que gravar vídeos para o YouTube não se tratava apenas de uma brincadeira, ou de um espaço para livre expressão de Maria Clara. Quando ela questiona: “vai ter meta, mãe?”, está se referindo a um fenômeno presente

⁴⁸ Ferramenta que o usuário pode ativar para que lhe seja enviada uma notificação quando um novo vídeo for disponibilizado naquele canal.

em outros canais, que estabelecem um número de curtidas, ou de inscritos, como “meta” a ser atingida, convocando os espectadores a contribuir com este objetivo. O curioso é que esta palavra também é muito comum nos modos de trabalho neoliberais, em que a produtividade é regida por metas e não por horas de trabalho. Talvez a apropriação desta lógica pelos *youtubers* venha justamente desta fusão entre trabalho neoliberal e YouTube. Quando a mãe, a princípio, resiste em estabelecer uma meta e Maria Clara se posiciona dizendo querer uma meta, imediatamente a mãe já diz qual será. Ainda que não seja uma meta em números, coloca uma forma de começar a profissionalizar o canal. Este já saber de antemão indica a intenção prévia da profissionalização.

Ambas parecem querer dar sua própria versão ao canal. As sugestões sussurradas pela mãe sobre o que Maria Clara deve dizer, suprimindo os esquecimentos da menina, indicam uma certa moldagem do vídeo. O interessante é que Maria Clara diz e faz coisas imprevistas (como sair para pegar o celular), além de não repetir exatamente a fala que a mãe sugeriu, dando sua própria forma ao enunciado.

Ainda que este primeiro vídeo de MC Divertida represente a inserção desta criança em um modelo idealizado de infância – que grava vídeos para o YouTube a fim de se tornar uma profissional – neste vídeo, estamos mais próximos da criança que ainda não se mostra como integralmente ideal. A criança que “desobedece” aos pais, que é excessivamente demandante (como chamar os pais durante a noite por dificuldade de dormir), que “denuncia” os adultos e que se expressa livremente, sem todas as amarras impostas socialmente. Mas, conforme o canal foi ficando mais profissionalizado, estes aspectos desapareceram e deram lugar à produção de uma imagem de infância muito distante desta não-idealizada. Apesar de já haver neste vídeo um *ethos* que evoca um lugar profissionalizado (pedidos para interação com o vídeo e um modo “atraente” de se dirigir ao público), a imagem de Maria Clara não fora, ainda, completamente moldada como a de profissional.

Outro aspecto interessante sobre a profissionalização é que, dentre as perguntas, há uma sobre o que Maria Clara quer ser quando crescer. Ela responde que quer ser professora, inclusive fala que fingir ser professora é sua brincadeira favorita. Também lhe é perguntado por que ela quer ser *youtuber* e ela responde que é seu sonho, “e estou muito feliz por este sonho estar se realizando”, revelando que o papel de *youtuber* é como um trabalho para a infância mesmo, já que na vida adulta deseja ser professora.

Mas o lugar professoral acabou tomando conta do conteúdo de seus vídeos, uma vez que ela sempre tem algo a ensinar. Parece que, para que o canal se tornasse

profissionalizado, foi necessário abandonar o estereotipo infantil e investir no papel da criança idealizada, que sabe o que é o melhor – para não importunar os adultos – e que é, portanto, mais parecida com eles, ou então com uma versão idealizada deles, já que nem sempre os próprios adultos são tão disciplinados quanto esperam que as crianças sejam. Antecipar o papel da “professora de conduta e *youtuber*” para a infância, implicou em abrir mão de uma exposição da intimidade sem filtro, que não é tão atraente e bonita quanto a exposição da intimidade positivamente fraudada.

A produção excessivamente positiva de uma imagem de infância pode ser compreendida a partir do que Debord (2003) define como sociedade do espetáculo. Para ele, o espetáculo é a afirmação de toda a vida humana como simples aparência. Mas, para além de um conjunto de imagens, o espetáculo é também uma relação social entre as pessoas mediatizada por imagens e a consequente transformação do mundo nessas imagens. É uma visão cristalizada do mundo e a afirmação do consumo:

O espetáculo é o discurso ininterrupto que a ordem presente faz sobre si própria, o seu monólogo elogioso. É o autorretrato do poder no momento de sua gestão totalitária das condições de existência. A aparência fetichista de pura objetividade nas relações espetaculares esconde seu caráter de relações entre homens e entre classes: uma segunda natureza parece dominar o nosso meio ambiente com suas leis fatais (DEBORD, 2003, p. 21).

A redução da infância a uma imagem específica de criança, a partir do que viemos observando nos vídeos de YouTube, revela uma espetacularização da infância. Não de qualquer infância, mas de uma, hegemônica, cuja imagem produzida corresponda com a da criança ideal: obediente, feliz e com bons valores morais. Inclusive, retomando o primeiro vídeo publicado por Maria Clara, o caderno que ela segura tem escrito na capa: “Jesus te ama”. A associação de sua imagem com valores religiosos pode transmitir uma “boa impressão” sobre o canal, já que estes valores costumam ser bem aceitos socialmente (também combina com o a postagem no Instagram, supracitada, sobre “ter fé” para que os sonhos se realizem).

Abandonar a imagem da criança não-ideal concomitantemente ao crescimento e profissionalização do canal, indica que há uma imagem de infância mais “lucrativa”. Esta que não põe à prova os desafios implicados no processo de formação da criança na esfera social. A criança que já está pronta, que não se apresenta “incompleta”, revela uma imagem excessivamente positiva que afirma o igual (neste caso, um igual entre o adulto

e a criança, entre o esperado e o já conquistado), uma vez que a criança que faz demandas e recusas escancara a negatividade implicada na diferença.

Qual é o preço a ser pago pela produção de uma imagem de infância idealizada? Sobre as crianças, nos parece que o efeito seria menos aquele que o canal supostamente pretende, o de que aprendam valores morais, e mais a criação de uma imagem platônica sobre uma infância integralmente satisfeita, como se apresenta a dos *youtubers* mirins, que se mostram felizes, sabidos, consumidores e etc.. Sobre os pais, nos autorizando aqui de certa extrapolação, também pode haver um efeito diante da imagem da criança ideal excessivamente propagada: eles conseguiriam se sentir satisfeitos diante de filhos não-ideais? Por outro lado, enquanto pais, talvez também sejam afetados por um modelo de parentalidade.

O que pode ser visto com bons olhos pelos pais dos espectadores, na medida em que MC Divertida “ensina” padrões de conduta, oculta a formatação de uma imagem de infância que, ao misturar vida pessoal e trabalho, corrobora o discurso neoliberal. A semântica da obediência, bastante presente nos vídeos deste canal, pretende transmitir parâmetros para crianças, favorecendo o neoliberalismo de diversas formas. Seja através da produção de conteúdos atrativos para o YouTube – esta plataforma gigante e lucrativa – seja supostamente favorecendo que as crianças já estejam prontas para serem bons sujeitos produtivos, seja, utopicamente, liberando os pais do esforço da transmissão simbólica, favorecendo que assim possam dispendar seu próprio tempo com outras tarefas. Neste sentido, assistimos a uma transformação do que é esperado socialmente da criança e a infância não-ideal não parece caber neste projeto.

4.1 SUPER EXPOSIÇÃO NEOLIBERAL DE CRIANÇAS

Se por um lado a infância não-ideal passa por um processo de mascaramento, a infância profissionalizada não parece receber tamanho ocultamento. Ao contrário da negatividade implicada na infância “nua e crua”, os trabalhadores infantis parecem ser celebrados e incentivados por suas famílias e seu público. As características do YouTube, que perfazem um palco propício para uma espetacularização da infância, são inseparáveis dos sentidos dos textos (vídeos) que por ali circulam.

A maneira como um texto se transmite e se institui materialmente é parte integrante de seu sentido. É o que pressupõe a noção de *mídium* proposta por Maingueneau (2018), que considera que: “as mediações materiais não vêm acrescentar-

se ao texto como circunstâncias contingentes, mas em vez disso intervêm na própria constituição de sua ‘mensagem’” (p. 213). Os locais e contextos de difusão de um texto, suas matrizes de sociabilidade, são aspectos necessários à sua compreensão. Ou seja, os modos de transmissão e as redes de comunicação de um texto são inseparáveis de seu sentido.

Compondo o *mídiu*m dos vídeos, objeto desta pesquisa, o YouTube possui particularidades indispensáveis para a compreensão do lugar da criança na plataforma – e também na esfera social. Abordamos anteriormente suas especificidades e os aspectos que o compõem. O contingenciamento do conteúdo a um espaço específico (o canal); a relação do vídeo com seu entorno: os anúncios, as sugestões de outros vídeos provenientes da interpretação dos algoritmos, vídeos relacionados entre si; as próprias configurações da plataforma, que permitem a participação do usuário, a possibilidade de lucrar, bem como um espaço dedicado às crianças, são alguns dos componentes do *mídiu*m. Estes constituem a tessitura entre a produção de sentido e o enlaçamento do usuário espectador e tem, portanto, importância crucial para a compreensão do sentido dos vídeos.

Tomando o canal MC Divertida como um retrato do que pode ser comumente encontrado dentre os canais do YouTube protagonizados por crianças, detivemos nele um olhar mais atento a fim de apreender o sentido de alguns de seus textos, investigando neles a presença do discurso neoliberal. A escolha por analisar este canal se deu em função do MC Divertida ter estado, no período desta pesquisa, em plena ascensão, o que facilitou observar as estratégias de profissionalização que tornam canais infantis, como este, bem sucedidos.

O canal MC Divertida tem Maria Clara, 13⁴⁹ anos, como sua protagonista. Conta com mais de 13 milhões de inscritos⁵⁰. Na descrição⁵¹ do canal MC Divertida, consta: “Oi galerinha joia? Eu sou Maria Clara e tenho 13 anos. Nosso canal foi criado com muito amor e aqui vocês irão encontrar novelinhas, brincadeiras e claro muita diversão para as crianças e toda a família”. Em seguida, é informado os dias de publicação de novos vídeos (“terça e sábado às 19h”) e a evolução do canal, desde a inauguração, em número de inscritos: “17/01/18 – 0 inscritos, 28/03/18 – 1K⁵², 19/09/18 – 100K, 15/11/18 – 500K,

⁴⁹ Apesar de com esta idade poder ser considerada uma adolescente, ela grava vídeos desde os 8 anos, sendo, portanto, uma *youtuber* desde a infância.

⁵⁰ Valor referente a maio de 2023.

⁵¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/@MCDivertida/about>. Acesso em: 24 mai 2023

⁵² “K” se refere a mil.

13/02/19 – 1 milhão, 19/03/20 – 5 milhões, 12/10/20 – 7 milhões”. É feito um agradecimento: “Obrigada! Deus abençoe todos vocês” e disponibilizado o e-mail para contato.

Esta apresentação dá indícios do papel do canal enquanto um serviço prestado aos usuários. As informações destacadas referentes à “entrega do serviço” (vídeos novos duas vezes por semana) e à importância dada ao aumento do número de inscritos, o que inclusive é motivo de agradecimento e retribuição (“Deus abençoe todos vocês!”), revelam que a fronteira do canal “caseiro”, descompromissado, interessado apenas em promover um espaço de expressão à criança, foi extrapolada. A profissionalização implicada nesta descrição evidencia que o MC Divertida não é um mero canal de e para crianças, é uma empresa que promete entregar diversão e entretenimento.

O MC Divertida está associado a outros seis canais que contam com a participação de pessoas da família de Maria Clara e que variam de 2 mil a 5 milhões de inscritos. Em todos estes, Maria Clara aparece nos vídeos, como protagonista ou coadjuvante. Em alguns destes canais é disponibilizado o mesmo e-mail para contato: “assessoria@mcdivertida.com.br”. O próprio endereço de e-mail revela este caráter profissional, na medida em que “assessoria” tem a ver com órgão ou empresa. Este é outro dado de como a criação de canais no YouTube é um meio de empreendedorismo para esta família e a atuação de Maria Clara está engajada como a de “colaboradora”.

Além dos produtos vinculados à marca MC Divertida, Maria Clara também tem se apresentado em shows musicais onde performa, junto com outros dois *youtubers* (Henrique Cauã e Jéssica Sousa), as músicas e paródias presentes em seu canal. Um *link* para compra dos ingressos fica disponível em seu perfil de Instagram, revelando mais uma das atribuições profissionais da menina.

A fim de melhor compreender outros textos deste canal, partimos da análise dos dois vídeos que compõem o ranking dos mais assistidos⁵³. O primeiro “*Five Little Monkeys, Kids Song*”⁵⁴, publicado em 2020, possui mais de 330 milhões de visualizações. E o segundo “*Johny Johny, Yes Papa - Maria Clara finge lavar a mão*”⁵⁵, publicado em 2019 com mais de 190 milhões de visualizações.

Em “*Five Little Monkeys, Kids Song*”, Maria Clara e sua mãe encenam uma paródia de um tipo de vídeo que se tornou tendência dentre os canais infantis. Consiste

⁵³ Na data de 25 de maio de 2023.

⁵⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZR2r7w8YECg>. Acesso em 23 mai 2023.

⁵⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u4FmCoXo1fw>. Acesso em 23 mai 2023.

em um cenário com cadeiras de diferentes cores, uma ao lado da outra, sobre as quais se encontra uma bola de cor igual à da cadeira. A criança sobe em cima da cadeira, segurando a bola e, ao som da música “*Five Little Monkeys*”⁵⁶, dizem o nome da respectiva cor em inglês e lançam a bola, que, com uma conotação humorística, atinge outra pessoa na cena, que derruba o que está segurando ou se atrapalha. Enquanto a criança permanece dançando em cima da cadeira, um recurso de edição de vídeo dá um efeito de “clonagem”, nomeado assim por alguns canais, que permite que a mesma criança suba na cadeira ao lado e reproduza o ato, agora dizendo o nome de outra cor e lançando a bola em outra pessoa.

Na versão criada pelo canal MC Divertida, enquanto Maria Clara e sua mãe sobem intercaladamente nas cadeiras, dizem o nome da cor em inglês e lançam a bola, a música utilizada não é a “*Five Little Monkeys*”, apesar da referência no título do vídeo. Neste caso, a alusão à música no título não se refere à música em si, mas ao fenômeno que “viralizou”⁵⁷ no YouTube. Como em uma cadeia associativa, o termo “*Five Little Monkeys*” passa a representar uma metonímia para os vídeos com este caráter: cenários que contam com cadeiras e bolas coloridas e a tradução das cores para o inglês. A reprodução deste conteúdo em diferentes canais, que criam versões próprias, mas mantêm as principais características, retrata um acontecimento bastante comum no YouTube: a recriação do mesmo conteúdo por diferentes *youtubers*. A relação deste vídeo com outros é um dos aspectos que faz parte deste *mídiun* e que, portanto, interfere no seu sentido, podendo ser, justamente, o de reinterpretar na rede o mesmo conteúdo.

O segundo vídeo mais acessado do canal Mc Divertida, “*Johny Johny, Yes Papa* - Maria Clara finge lavar a mão”, inicia com uma cena da menina brincando no parquinho com sua boneca, até que sente fome e decide voltar para sua casa. Lá, ela se depara com um bolo sobre a mesa e quando vai pôr a mão nele, seu pai lhe diz:

- Maria Clara.
- Sim, papai – ela responde.
- Lavou as mãos?
- Sim, papai.
- Tá mentindo?
- Não, papai.

⁵⁶ “Cinco macaquinhos”, tradução nossa.

⁵⁷ Termo utilizado para se referir aos conteúdos muito vistos ou compartilhados na internet.

- Me mostre as mãos.

Quando ela mostra, suas mãos estão sujas e ela diz:

- Oh, oh. Acho que me enganei.

O pai lhe diz que ela não pode comer com as mãos sujas e que deve ir lavá-las. Indo fazer o que o pai lhe mandou, Maria Clara se depara com outro brinquedo (“areia cinética”), com o qual brinca e permanece com as mãos “sujas”. Se lembra do bolo e volta para comê-lo, sem ter lavado as mãos. A conversa com o pai se repete com o mesmo diálogo da cena anterior e, então, Maria Clara lava suas mãos. A próxima cena retrata a avó de Maria Clara mexendo com massa de modelar. Assim como a menina, ela se dá conta de que está com fome e vai em direção ao bolo. Quando vai pôr a mão no alimento, Maria Clara faz as vezes do pai, questionando a avó da mesma forma como fora questionada:

- Vovó!

- Sim, Maria Clara.

- Vovó, lavou as mãos?

- Sim, Maria Clara.

- Vovó, está mentindo?

- Não, Maria Clara.

- Então, mostra as suas mãos.

Quando ela mostra, suas mãos estão sujas e ela diz:

- Oh, oh. Acho que me enganei.

A criança diz à avó o mesmo que o pai lhe dissera sobre ter que lavar as mãos, a avó o faz e juntas comem o bolo. Assim se encerra o vídeo.

“*Johny Johny, Yes Papa*”, assim como “*Five Little Monkeys*”, é também uma metonímia para um tipo de vídeo em que há um diálogo entre pai e filho, o menino “Johny”⁵⁸, cujo pai faz perguntas ao menino, este só responde “sim” ou “não, papai” e há uma mentira implicada na resposta da criança. Saber qual vídeo originou esta tendência exigiria um grande trabalho investigativo, que não é o foco desta pesquisa. Mas diferentes versões deste conteúdo estão disponibilizadas no YouTube, que vão desde animações

⁵⁸ Exemplo pode ser encontrado em: <https://www.youtube.com/watch?v=F4tHL8reNCs>. Acesso em: 23 mai 2023.

musicais, até a recriação deste material por canais “caseiros”, protagonizados por criança. Esta conexão entre as temáticas revela como o discurso presente nos vídeos infantis da plataforma são carregados de certo padrão e repetitividade, que dizem, inclusive, da estratégia de alcance do vídeo.

Ao replicarem uma temática, os canais da plataforma reforçam uma cultura que pouco inclui a diferença e a alteridade. Produz-se um “inferno do igual” (HAN, 2017c, p. 8), que iguala cada vez mais a sociedade atual e distancia da experiência erótica, como proposta por Han (2019), enquanto assimetria e exterioridade do outro. Na medida em que os conteúdos publicados deixam de ser criações originais de temáticas que dizem respeito à particularidade criativa daquele canal e passam a ser reproduções “epidêmicas” de fenômenos da rede, confirma-se o papel destes vídeos na divulgação e ampliação do canal, enquanto “marketing” para atrair mais espectadores e reforçar a escalada empreendedora, que tem a criança como peça fundamental.

Outro exemplo deste fenômeno são os vídeos “o chão é lava⁵⁹”, que retrata uma brincadeira em que um efeito visual simula haver lava no chão e os “atores” devem fazer uma travessia, pulando ou subindo em móveis e itens disponíveis na cena, sem pisar no chão. Este “esquema” de vídeo se popularizou de tal modo, que diversos canais infantis, protagonizados por crianças, adultos e até animações criaram a sua versão de “o chão é lava”.

O papel da criança como uma peça nesta montagem neoliberal é outro aspecto importante presente nesses vídeos. Ser a que “já sabe” e que vai ensinar outros está presente nos dois vídeos. No primeiro, a criança sabe as palavras em inglês e vai “ensinar” o conteúdo aos espectadores. No segundo, quando Maria Clara diz à avó que ela deve lavar as mãos, está na posição de quem transmite um saber, até para os mais velhos. O curioso desta cena é que se exige da criança uma conduta que sequer os adultos cumprem sempre.

Em ambos os vídeos, mas em especial no segundo, a roteirização é algo evidente. As várias tomadas da cena e as falas roteirizadas da menina revelam que não se trata de gravar a espontaneidade da criança, mas sim de colocá-la para atuar com um roteiro pré-definido. Mesmo quando no segundo vídeo mostra-se cenas de Maria Clara “brincando”, ela não está, de fato, brincando, mas fingindo brincar para produzir uma montagem de cena, que será editada e disponibilizada a milhões de usuários do YouTube. Brincar, neste

⁵⁹ Como exemplo o vídeo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Va3n7XWwqEo>. Acesso em 04 out 2022.

caso, é retratado como parte do roteiro, do trabalho, e não do cotidiano de Maria Clara, embora o efeito que se possa produzir no espectador seja o contrário.

Outros efeitos possíveis no espectador têm a ver com a cenografia “doméstica” presente nos vídeos abordados. A atuação dos parentes, o cenário composto pela casa e os elementos de uso cotidiano, o figurino formado por roupas comuns, que se usa no dia a dia, são elementos que podem estimular o imaginário da brincadeira doméstica, da cena cotidiana, da intimidade da casa, numa exposição do íntimo que pode causar uma proximidade com o interlocutor, produzindo uma identificação ou até a sensação de que fazem parte daquilo. A ideia do trabalho fica velada em meio a tamanha familiaridade.

Este canal também preza por uma suposta transmissão de bons comportamentos a crianças e, neste sentido, o próprio brincar, esta atividade tipicamente infantil, é colocada em alguns vídeos como atividade “recompensa” pela boa conduta da criança. O vídeo “Maria Clara em histórias sobre brincadeira e diversão para crianças”⁶⁰ – apesar de o título fazer referência a “brincadeiras” e “diversão” – retrata Maria Clara e Jéssica Sousa tendo que se submeter a testes para poderem brincar no pula-pula. Quando as meninas vão em direção ao brinquedo, a mãe de Maria Clara as impede dizendo que, primeiramente, terão que passar no teste. O “teste” consiste em um papel colado na parede, diante do qual a criança se posiciona para ser avaliada em relação a um aspecto (organização, higiene e “boa ajudante”). Como se a avaliação desvendasse uma real característica da criança, elas são “testadas” e reprovadas, tendo que realizar alguma tarefa que as torne mais parecida com o que os testes preconizam. No vídeo, arrumar o quarto, lavar as mãos, ajudar o pai a regar o jardim e uma idosa a atravessar a rua são as atividades que as tornam merecedoras de brincar, já que são “testadas” até atingirem um nível satisfatório.

A ideia do mérito implicada em vídeos como este revelam um pensamento comum no discurso neoliberal: o de que a diversão só pode vir após a “obrigação” – até mesmo na infância. Em termos neoliberais, a ideia de “obrigação” pode estar relacionada à boa performance pessoal e profissional que em troca, supostamente, retribuiria o sujeito com a possibilidade de gozar do consumo. Apesar deste discurso ser mais presente sobre a vida adulta, viemos argumentando que a criança *youtuber* já é trabalhadora e, portanto, pode estar submetida a esta mesma lógica. Mas, a partir do sentido deste vídeo, a obrigação da criança seria a de já estar apropriada, na infância, de certos regramentos que

⁶⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9Edu2eMCSTc&t=19s> . Acesso em 25 mai 2023.

⁶¹ De 0’ a 6’54’’

em termo “educativos” e morais são valorizados (por escolas e famílias), ou seja, o de já saber priorizar as “obrigações” em detrimento da diversão.

A encenação de Maria Clara enquanto uma robô que realiza as tarefas que a mãe lhe pede, no vídeo “História engraçada de uma robô atrapalhada com Maria Clara MC Divertida”⁶² é uma ilustração interessante do lugar esperado da criança enquanto cumpridora de tarefas.

No vídeo, enquanto Maria Clara joga um *game* no celular, a mãe lhe pede que cumpra alguns afazeres, como arrumar o quarto, fazer o dever de casa e lavar uma peça de roupa. Maria Clara se queixa e diz: “desse jeito não vou poder brincar”. Ela vê uma propaganda na televisão que vende uma robô, a “Lucicleide”, que promete fazer todas as tarefas. A robô é encenada pela própria Maria Clara, que veste uma fantasia feita com caixas de papelão. Um efeito de “clonagem” permite que Maria Clara apareça na cena tanto como ela mesma, quanto como a robô. Ela decide comprá-la, porém, a robô sofre um tipo de pane e, ao invés de realizar corretamente as tarefas, causa um estrago no quarto, na lição de casa e na roupa, de modo que Maria Clara tem que refazê-las. Reconhece ter sido uma má ideia, dizendo: “comprar a Lucicleide não foi uma boa ideia. Além de ela fazer muita bagunça, gastei toda minha mesada! E tudo por causa da minha preguiça”. Decide devolver a robô e encerra o vídeo dizendo: “galerinha, com essa história, se tem alguma coisa que eu aprendi foi que a preguiça não é nada legal e não leva ninguém a nada. Vocês aprenderam também, galerinha?”.

A preguiça, como um aspecto a ser reprovado, é como se só pudesse inexistir caso se tratasse mesmo de um robô – mas, curiosamente, até o robô falha. Neste ponto, pode-se pensar uma subversão à ordem, já que até as máquinas, que foram feitas para cumprir, descumprem. A incorporação das máquinas nas nossas rotinas, talvez gere uma sensação de que o desempenho humano deva ser tal qual o maquínico.

Apesar disso, o que o vídeo pretende transmitir é de outra ordem, não a de uma crítica, mas a de fomentar que as crianças não evitem tarefas, pois isso seria “preguiça”. A obediência, portanto, deve ser incorporada pelas crianças, que precisam deixar a brincadeira de lado para priorizar as tarefas, já que estas sim “levariam” a criança a algo melhor. Brincar fica misturado com preguiça neste enunciado. Também é relevante observar que a brincadeira da criança no vídeo seja um jogo eletrônico, o que, mais uma vez, corrobora a lógica vigente de certa entrega da vida humana às tecnologias,

⁶² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wgZ-2UaB7IA> . Acesso em 25 mai 2023.

contradizendo o enunciado presente no vídeo de que as atividades não sejam entregues às máquinas.

Neste sentido, o brincar, tal como presente nestes vídeos, não está incluído como um processo imprescindível à constituição do sujeito na infância, tampouco se apresenta como ferramenta fundamental que promoveria o enlace entre a criança e o mundo. Freud (1908) afirma que os jogos e a brincadeira compõem a ocupação favorita e mais intensa da criança e que, a partir destas atividades, ela pode reajustar elementos de seu mundo de outro modo que a agrade. Acrescenta, ainda, que o oposto do brincar não é a seriedade, mas a realidade. Brincar teria, então, uma importância fundamental para o psiquismo, já que a partir da brincadeira a criança pode realizar seus desejos por meio de processos identificatórios, como o fazer de conta que se é grande e adulto, por exemplo. A realização do desejo, via o brincar, não teria a ver com fazer o ato acontecer, mas com a possibilidade de modificar uma realidade insatisfatória, brincando ou fantasiando (PAVONE, 2006).

Apesar disso, o modo como os vídeos do MC Divertida abordam o tema do brincar desconsidera a importância desta atividade, colocando-a como secundária às expectativas do adulto sobre a criança e subtraindo, justamente, sua função de permitir uma invenção própria da criança. O fazer de conta também não está contemplado como uma metáfora para a aquisição das mesmas características esperadas nos adultos, mas de já as possuir. Ao realizar a função de trabalhadora, não apenas como forma de identificação aos adultos, mas como fator da realidade, tem-se revelada exatamente a função oposta do brincar.

Os vídeos tampouco contemplam narrativas que ofereçam recursos capazes de capturar impasses comuns da subjetividade humana, servindo como auxílio diante dos enigmas e encruzilhadas da vida, como fazem os contos de fada, as cantigas, os filmes e alguns desenhos animados voltados para o público infantil (PAVONE, 2006). Ao contrário, os vídeos deste canal investem mais em enunciar a obediência aos moldes ideais de infância, do que de favorecer que, através deles, as crianças possam inventar sua própria resposta enquanto sujeitos.

Não estamos, com isso, defendendo que a criança não deva aprender atividades de vida diária como parte complementar de sua formação. Porém, a dedicação dos *youtubers* em se prestarem ao papel de ensinar, a partir de vídeos que se apresentam como “entretenimento”, revelam a inversão da lógica do papel social da criança. A infância enquanto tempo de aquisição de habilidades parece ser levada muito à sério em canais como este, que tomam como real o ensinamento de parâmetros, mas desconsidera os aspectos simbólicos e imaginários inerentes à constituição do sujeito. Por outro lado,

parecer “educativo” pode expandir as possibilidades de visibilidade e lucratividade do canal e, neste sentido, se trataria menos da infância e mais do empreendedorismo de si mesmo.

Inclusive, a deficiência de Maria Clara, o nanismo, não é um tema amplamente abordado no canal. Foram encontrados apenas quatro vídeos que retratam este tema e que mantêm entre si uma narrativa similar⁶³. Nestes vídeos, Maria Clara é submetida ao “teste da régua”, que consiste em verificar sua altura antes que possa brincar na piscina, no pula-pula ou no avião. Ela é impedida por sua baixa estatura, o que a faz voltar para casa e chorar. Reconhece que se trata de uma forma de preconceito, que pressupõe uma incapacidade em função de seu tamanho, desconsiderando fatores como idade e competências. Inventava formas de disfarce para parecer mais alta (usando algum acessório na cabeça ou sapatos de salto alto), mas estas fracassam. Ela apenas é autorizada a brincar quando conta para os adultos responsáveis pelo “teste da régua” qual a sua idade e que, portanto, já é capaz de realizar determinada atividade.

A ideia dos testes, por outro lado, é bastante explorada pelo canal, inclusive para tratar um tema complexo como o da deficiência. As dificuldades, injustiças e preconceitos que uma pessoa com deficiência vivencia, parecem ficar suplementares à ideia de que Maria Clara precisa buscar formas de conseguir o que quer, superar, apesar de tantas negativas. O *ethos* da menina fora do padrão fazendo coisas padronizadas, inclusive como *youtuber*, levam a uma interpretação de que tudo é possível e facilmente acessível a todos. Ao dar pouca ênfase aos desafios inerentes àqueles que estão fora do padrão, observado pela pouca quantidade de vídeos que abordam o tema, um discurso meritocrático parece se fazer presente e, ainda mais, quando inclui a ideia da testagem.

A ideia de que todos podem tudo, basta querer, pode perpassar o imaginário em torno dos *youtubers* mirins, que se mostram como crianças “comuns”, porém que seriam dotadas de uma habilidade especial e que isso as faria merecedoras de seu sucesso, desconsiderando os privilégios e facilidades que possam ter tido. Certa “fórmula” parece essencial para a profissionalização da criança no YouTube.

A definição de um roteiro é crucial, preferivelmente os criados por adultos, já que, a julgar pela complexidade da montagem da cena, é muito provável que seja mesmo criado por eles. Poder se inspirar em outros conteúdos que já estão presentes na plataforma é outro aspecto relevante e que leva a cada vez maior dificuldade no

⁶³ Como, por exemplo, o vídeo disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=R_WV11mdBuE. Acesso em: 27 mai 2023.

surgimento de conteúdos únicos e originais⁶⁴. Incluir vídeos com teores “educativos”, em que a própria criança atua para ensinar algo, parece ser outro aspecto bastante valorizado. Contar com equipamentos e conhecimentos técnicos para edição dos vídeos, além de saber utilizar os algoritmos a seu favor, complementam o pacote de serviço prestado ao YouTube – e ao público.

Nos parece, portanto, que a infância tem sido tratada como um período em que se deve aproveitar todos os momentos, até mesmo os de “entretenimento”, para ensinar algum conteúdo pedagógico, valor moral ou formas de obediência, que vão ao encontro do ideal da criança já pronta e dotada de habilidades semelhantes às do adulto (também ideal). O modo como as crianças são colocadas a atuar no YouTube, por sua vez, revelam um “escancaramento” do lugar de profissional neoliberal, que mistura vida com trabalho e que, sequer, parecem estar trabalhando.

⁶⁴ Talvez, se as crianças tivessem mais espaço para criar a cena a seu modo, haveriam mais criações inusitadas. Mas, por outro lado, provavelmente não teriam o caráter de ser algo rentável.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A compreensão da infância de determinada época, inevitavelmente, perpassa o entendimento do contexto histórico e social no qual ela está inserida. Na atualidade, as tecnologias e o neoliberalismo, aqui considerado para além de uma teoria econômica, como um modo de vida que se impõe às subjetividades, perfazem, juntos, o cenário diante do qual a infância se desenvolve.

Considerando que não há um único tipo de infância, tomamos que investigar os enunciados proferidos pelas crianças participantes da digitalidade e, portanto, pertencentes a uma certa infância, nos daria pistas sobre os discursos que a referenciam na atualidade. Ao olharmos para um modo específico de ser criança, pudemos apenas obter um vislumbre dos possíveis impactos que as infâncias “fora do padrão” sofrem diante de um modelo de infância amplamente difundido, tema que seria bastante relevante no campo dos estudos sobre a infância.

Esperamos que este trabalho tenha podido elucidar os aspectos que compõem o lugar da criança na digitalidade, pois acreditamos que sua atuação neste espaço pode revelar características de seu lugar na esfera social. Assim, nos detivemos a olhar para o conjunto de textos enunciados por *youtubers* mirins, mais especificamente os presentes no canal MC Divertida, acreditando que ali obteríamos dados importantes que atenderiam ao nosso objetivo. Consideramos tê-lo atingido, mas cientes dos limites desta amostra e de que os dados que obtivemos referem apenas uma fração de como a infância é retratada na digitalidade.

Analisar os discursos através dos vídeos teve importância crucial neste processo. Partimos da premissa de que os discursos são sempre carregados de um caráter polifônico, que implica uma composição entre várias vozes. O que um *youtuber* enuncia é tanto trabalho dele mesmo quanto discurso do outro e, neste sentido, seu enunciado não é isolado de outros enunciados. O discurso é completamente histórico e social quanto é completamente pessoal e circunstancial, resultando em uma montagem com materiais que não pertencem ao autor, mas que são inseparáveis dele mesmo (POSSENTI, 2004).

Desse modo, o que é enunciado pelas crianças protagonistas no YouTube coincide com o ponto de vista assumido por alguns discursos. Apesar de não ser voluntário, justamente por estar implicado na esfera social, levantamos que o ponto de vista assumido no enunciado de algumas crianças *youtubers* compõe a perspectiva do discurso neoliberal.

Os falantes parecem atuar para que suas falas sejam aquelas de um discurso neoliberal, a partir do qual outros discursos podem ser encontrados. Nos parece ser o caso dos discursos moralizantes, que engendram a semântica da obediência, enunciando uma educação moral de crianças; os que tipicamente representam um modo de vida neoliberal pautado no consumo e os que prezam pela superqualificação de crianças. Juntos, compõem a ideia do sujeito neoliberal mirim, como este ser que, profissionalizado, encena e realiza funções relacionadas ao modo de vida neoliberal e que difere essencialmente do mirim enquanto devir.

O fato de o YouTube viabilizar a lucratividade, implica que as crianças que protagonizam os canais infantis já sejam profissionais. Paralelamente, o que elas enunciam também evidencia formas de fomento à lógica neoliberal. A mistura da vida íntima com trabalho parece ser um retrato deste aspecto. Fingir estar brincando quando se está atuando, utilizar espaços domésticos como cenário e pessoas da família como atores, implica a ideia do “sujeito empresa”, inseparável do trabalho. A mistura da vida privada com a vida profissional pode produzir no espectador a ideia de que aquilo que se mostra condiz com a realidade, ignorando, assim, o processo de manipulação da imagem e das narrativas como parte do próprio trabalho de *youtuber*, cuja intenção possa ser justamente a de transmitir um modo de vida excessivamente positivo.

Outro aspecto encontrado que parece corroborar o discurso neoliberal é a mistura da ideia de diversão e entretenimento com o cumprimento de deveres e tarefas. O canal MC Divertida nos deu bastante elementos sobre este fator. Apesar do título do canal, seus vídeos, no geral, buscam transmitir parâmetros de condutas para crianças, em detrimento de aspectos que comumente poderiam ser considerados como mais “divertidos”. A partir disso, levantamos que há um incentivo à boa performance de crianças que, ao serem aderidos por pais e pelos próprios espectadores (a julgar pela amplitude do canal) revelam uma fusão com o que se espera da criança socialmente.

O canal se vale do que é próprio do infantil, como o tema da escola, da brincadeira, dos brinquedos e das amizades para, a partir deles, produzir narrativas “atraentes”, que vão ao encontro do ideal de criança, incentivando os espectadores a se regularem por certos parâmetros de conduta. Porém, não sabemos ao certo o que enlaça a criança neste discurso e a faz se interessar por vídeos como estes. Haveria nestas narrativas uma real identificação da criança espectadora com a trama presente nos vídeos, ou o sucesso destes teria mais a ver com os mecanismos de regência das plataformas, que manteria o

espectador envolvido? Para responder a esta questão, seria necessária uma pesquisa de outra ordem.

Apesar disso, o que MC Divertida busca transmitir a torna parecida com uma *coaching* de crianças, uma profissional que se empenharia em maximizar o desenvolvimento pessoal de outras crianças, a ponto de torná-las prontas para enfrentar as exigências típicas do neoliberalismo, intensificando a disciplina e a obediência. Mas, ao passo em que ela é colocada (e se coloca) como uma *youtuber* que vai transmitir “bons ensinamentos”, esta lógica fica velada, podendo torná-la uma parceira de pais e de escolas na suposta formação das crianças.

Além disso, o canal se utiliza de diversas narrativas que transmitem ideias meritocráticas de merecimento, conquistas e aquisições que podem não ficar clara aos espectadores e serem tomadas como verdades, desconsiderando fatores relacionados aos privilégios, por exemplo. Mas, junto com isso, a profissionalização, a lógica da lucratividade e o modo de regência do YouTube, não são fatores esclarecidos para muitas pessoas, em especial para as crianças, o que pode dificultar que compreendam o que há por trás dos vídeos. As narrativas são mascaradas por aspectos do infantil, da diversão, pelas músicas, animações e pelo próprio *ethos* dos enunciadores, que “atrapalham” a real compreensão das narrativas, tornando-as aparentemente adequadas e indicadas para crianças.

Maria Clara não é apenas uma “boa menina”, ela, e sua família, se valem desta imagem para tornar atrativos seus vídeos e, assim, garantir o sucesso de seu canal. Somando, ainda, as noções de familiaridade e de proximidade com o público, viabilizados pela exposição do espaço íntimo, ser *youtuber* pode parecer algo simples e acessível a todos, compondo um certo imaginário em relação a esta profissão. Porém, Maria Clara revela em uma postagem no Instagram, que sua mãe, responsável pela administração do canal, possui formação acadêmica em área voltada à informática. O conhecimento técnico parece crucial para que o canal ascenda, porém, o fato de ser um canal “familiar” pode transmitir a impressão de que o trabalho de *youtuber* é simples e, portanto, pode ser realizado por todos.

No YouTube, ou ao menos no canal MC Divertida, não parece haver muito espaço para a subversão e inventividade próprias do infantil. Maria Clara atua roteiros que se pretendem educativos, de modo que ficam velados os aspectos da infância que não contemplam o padrão idealizado criado pela imagem de *youtuber*. Assim como fica velado que Maria Clara está trabalhando.

Considerando a participação ativa das crianças na digitalidade, somada ao fato de esta novidade não abarcar respostas ou soluções em relação a como se deve dar seu uso, avaliamos que a ampliação dos debates em torno desta temática é a única maneira possível para a construção de formas que possibilitem lidar com as contradições implicadas na presença tecnológica em nossas vidas.

Se por um lado a inclusão de todos no futuro digital é necessária para a diminuição das desigualdades sociais, visto que hoje a internet media cada vez mais o acesso à informação, as formas de expressão e de participação econômica e política, por outro, tal inclusão é inseparável da necessidade de reflexão em relação a como favorecer que cada vez mais os usuários tenham seus direitos garantidos dentro do espaço digital.

Esperamos que esta pesquisa, ainda que possa ser ampliada, contribua com os estudos sobre a infância e sobre a digitalidade. Desejamos ter podido iluminar os aspectos implicados na presença da criança no digital, bem como os discursos que referenciam a infância, hoje.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOWICZ, Anete. A pesquisa com crianças em infâncias e a sociologia da infância. In: FARIA, Ana Lucia Goulart de; FINCO, Daniela. **Sociologia da infância no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2020. E-book Kindle.
- AGAMBEN, Giorgio. O que é contemporâneo. In: AGAMBEN, Giorgio. **Nudez**. Tradução: Davi Pessoa. Belo Horizonte: Autêntica, 2014, p. 19-34.
- AKIMOTO, Claudio. O lugar do sujeito na arquitetura digital. In: GOLDBERG, Leonardo; AKIMOTO, Claudio. **O sujeito na era digital: ensaios sobre psicanálise, pandemia e história**. São Paulo: Edições 70, 2021, p. 73-127.
- ANVISA, Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Boletim Brasileiro de Avaliação em Tecnologias da Saúde**. Ano VII, n 23, 2014. Disponível em: <[file:///C:/Users/rr_fa/Downloads/Boletim%20Brasileiro%20de%20Avalia%C3%A7%C3%A3o%20de%20Tecnologias%20em%20Sa%C3%BAde%20\(BRATS\)%20n%C2%BA%2023.pdf](file:///C:/Users/rr_fa/Downloads/Boletim%20Brasileiro%20de%20Avalia%C3%A7%C3%A3o%20de%20Tecnologias%20em%20Sa%C3%BAde%20(BRATS)%20n%C2%BA%2023.pdf)>. Acesso em 22 set 2022.
- APA, American Psychiatric Association. **Manual Diagnóstico e Estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. Porto Alegre: Artmed, 2014, p. 59-66.
- ÀRIES, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução: Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986, 2ª ed., 279 p.
- BARBROOK, Richard; CAMERON, Andy. **A ideologia californiana: uma crítica ao livre mercado nascido no Vale do Silício**. Tradução: Marcelo Träsel. Porto Alegre: BaixaCultura, 2018. Disponível em: https://baixacultura.org/wp-content/uploads/2019/02/ideologia-californiana_revisado1.pdf acesso: 16 fev 2023.
- BIRMAN, Joel. **O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020, 161 p. E-book Kindle.
- BRASIL, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Brasil no Pisa 2018**. Brasília: Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2020. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/avaliacoes_e_examenes_da_educacao_basica/relatorio_brasil_no_pisa_2018.pdf . Acesso em: 10 set 2022.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8.069/90. 2021. Disponível em: https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2021/julho/trinta-e-um-anos-do-estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-confira-as-novas-acoas-para-fortalecer-o-eca/ECA2021_Digital.pdf Acesso em: 20 jun 2022
- BRUM, Eliane. O doping das crianças. **Eliane Brum desacontencimentos**, 25 fev. 2013. Disponível em: <http://elianebrum.com/opiniao/colunas-na-epoca/o-doping-das-criancas/>. Acesso em: 23 jul 2022.

BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. **YouTube e a revolução digital: como o maior fenômeno a cultura participativa transformou a mídia e a sociedade**. Tradução: Ricardo Giassetti. São Paulo: Aleph, 2009.

CALONEGO, Mariana; GATTI, Marcio Antônio. A lógica algorítmica e a questão do poder: uma reflexão a partir de Foucault. **Perspectivas em diálogo: revista de educação e sociedade**, v 9, n 21, p. 184-195, nov, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/persdia/article/view/15869> . Acesso em 07, mai, 2023.

CETIC.BR, Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação; NIC.BR, Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. **TIC Kids online Brasil 2021**. São Paulo: Organização da Nações Unidas para a Educação a Ciência e a Cultura, 2022a. Disponível em: https://cetic.br/media/analises/tic_kids_online_brasil_2021_principais_resultados.pdf . Acesso em: 01 mai 2023

CETIC.BR, Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação; NIC.BR, Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. **Resumo executivo: pesquisa sobre o uso das Tecnologias e Informação e Comunicação nos domicílios brasileiros**. São Paulo: Organização da Nações Unidas para a Educação a Ciência e a Cultura, 2022b. Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20221121125804/resumo_executivo_tic_domicilios_2021.pdf. Acesso em: 26 fev 2023.

CRARY, Jonathan. **Capitalismo tardio e os fins do sono**. Tradução: Joaquim Toledo Jr. São Paulo: Ubu Editora, 2016. 125 p. E-book Kindle.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. Tradução: Mariana Echalar. São Paulo: Editora Boitempo, 2016. 402 p.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução: Projeto Periferia, livro eletrônico, 2003. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/debord/1967/11/sociedade.pdf>. Acesso: 12 mai 2023

DINIZ, Margareth. Os equívocos da infância medicalizada. **Formação de profissionais e a criança sujeito**. São Paulo, 2009. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000032008000100056&script=sci_arttext . Acesso em 23 jul 2022.

DUNKER, Christian. **Reinvenção da Intimidade: políticas do sofrimento cotidiano**. São Paulo: Ubu Editora, 2017. 281 p. E-book Kindle.

ELIAS, Nobert. **O processo civilizador**. Tradução: Ruy Jungman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

FARIA, Michele Roman. **Introdução à psicanálise de crianças: o lugar dos pais**. São Paulo: Toro Editora, 2019.

FILGUEIRAS, Vitor; ANTUNES, Ricardo. Plataformas digitais, uberização do trabalho e regulação no capitalismo contemporâneo. In: ANTUNES, Ricardo (org.) **Uberização, trabalho e indústria 4.0**. São Paulo: Boitempo, 2020. p. 59-78.

FOLETTTO, Leonardo. Introdução. In: BARBROOK, Richard; CAMERON, Andy. **A ideologia californiana: uma crítica ao livre mercado nascido no Vale do Silício**. Tradução: Marcelo Träsel. Porto Alegre: BaixaCultura, 2018. Disponível em: https://baixacultura.org/wp-content/uploads/2019/02/ideologia-californiana_revisado1.pdf acesso: 16 fev 2023.

FÓRUM SOBRE MEDICALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO E DA SOCIEDADE. Nota técnica: o consumo de psicofármacos no Brasil – Dados do Sistema Nacional de Gerenciamento de Produtos Controlados ANVISA (2007-2014). **Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas CETAD**. Observatório baiano sobre substâncias psicoativas, 2015. Disponível em: <https://cetadobserva.ufba.br/sites/cetadobserva.ufba.br/files/1_1.pdf>. Acesso em: 26 jul 2022

FOUCAULT, O panoptismo. In: FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir. Nascimento da prisão**. Tradução: Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 190-219.

FOUCAULT, **Segurança, território, população: curso dado no College de France (1977-1978)**. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FRANCO, Fábio, et. al. O sujeito e a ordem do mercado: gênese teórica do neoliberalismo. In: SAFATLE, Vladimir; SILVA JUNIOR, Nelson; DUNKER, Christian (org.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021, p. 47-75.

FREUD, Sigmund. Escritores criativos e devaneios (1908). In: **Edição Standard das Obras Completas de Freud**. Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980, p. 145-158.

GATTI, Márcio Antônio. **A representação da criança no humor: um estudo sobre tiras cômicas e estereótipos**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

GOLDBERG, Leonardo. O efeito pandêmico: tempo, tecnologia e psicanálise. In: GOLDBERG, Leonardo; AKIMOTO, Claudio. **O sujeito na era digital: ensaios sobre psicanálise, pandemia e história**. São Paulo: Edições 70, 2021, p. 43-72.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Tradução: Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017a.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. Tradução: Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017b.

HAN, Byung-Chul. **Agonia do Eros**. Tradução: Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017c.

HAN, Byung-Chul. **No enxame: perspectivas do digital**. Tradução: Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

HAN, Byung-Chul. **A salvação do belo**. Tradução: Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

JERUSALINSKY, Alfredo. **Para entender a criança: chaves psicanalíticas**. São Paulo: Instituto Langage, 2011, 188 p.

JERUSALINSKY, Alfredo. Homo Web: o fascínio da lógica eletrônica. In: BAPTISTA, Angela; JERUSALINSKY, Julieta (orgs.). **Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais**. Salvador: Ágalma, 2021b, p. 56-62.

JERUSALINSKY, Julieta. **A criação da criança: brincar, gozo e fala entre a mãe e o bebê**. Salvador: Ágalma, 2014. 298 p.

JERUSALINSKY, Julieta, et. al. A era da palmatória química e da camisa de força tarja preta: medicalização versus reconhecimento do sofrimento psíquico da criança na polis. In: CATÃO, Inês (org.). **Mal estar na infância e medicalização do sofrimento: quando a brincadeira fica sem graça!**. Salvador: Ágalma, 2020, p. 175-207.

JERUSALINSKY, Julieta. As crianças entre os laços familiares e as janelas virtuais. In: BAPTISTA, Angela; JERUSALINSKY, Julieta (orgs.). **Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais**. Salvador: Ágalma, 2021a, p. 39-55.

JERUSALINSKY, Julieta. Que rede nos sustenta no balanço da Web? – o sujeito na era das relações virtuais. In: BAPTISTA, Angela; JERUSALINSKY, Julieta (orgs.). **Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais**. Salvador: Ágalma, 2021c, p. 13 – 38.

LACAN, Jacques. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 807-842.

LOCOMOTIVA, Instituto. **O abismo digital no Brasil: como a desigualdade de acesso à internet, a infraestrutura inadequada e a educação deficitária limitam nossas opções para o futuro**. PricewaterhouseCoopers Brasil Ltda., 2022. Disponível em: <https://www.pwc.com.br/pt/estudos/preocupacoes-ceos/mais-temas/2022/o-abismo-digital-no-brasil.html>. Acesso em 12 set 2022.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. Tradução: Sírio Possenti. São Paulo, Parábola Editorial, 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso literário**. Tradução: Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2018.

MEDEIROS, Jackson da Silva. Algoritmos como dispositivos produtores de subjetividades: um ensaio de compreensão em Michel Foucault e Gilles Deleuze. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 5, n. 2, p. 201-211, jul./dez. 2020.

<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/217238/001121227.pdf?sequence=1&isAllowed=y> . Acesso em: 2 fev 2022.

MENEZES, R. P.; SOUSA, M. S. dos S.; BRAGA, J. W. C. Processo de ensino-aprendizagem-treinamento de handebol para a categoria mirim: concepções e metodologias. **Conexões**, Campinas, SP, v. 9, n. 2, p. 49–69, 2011. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637700>. Acesso em: 15 ago. 2023.

MOROZOV, Evgeny. A mediação digital de tudo: na interseção da política, da tecnologia e das finanças. In: MOROZOV, Evgeny. **Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política**. São Paulo: Ubu Editora, 2018. p. 163-181.

VECTORE, Celia. et. al. “Ele foi orçado, mas não planejado!”: a infância na contemporaneidade. **CES Psicologia**, Medellín, v 11, n 2, p. 37-52, dez, 2018. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2011-30802018000200037&lng=pt&nrm=isso >. Acesso em 29 jun. 2020.

PAVONE, Sandra. **Brinquedo e cultura: o universo lúdico na contemporaneidade**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006, 160 p.

POSSENTI, Sírio. **Os limites do discurso**. Curitiba: Criar Edições, 2004.

SAFATLE, Vladimir. A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral. In: SAFATLE, Vladimir; SILVA JUNIOR, Nelson; DUNKER, Christian (org.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021, p. 17-46.

SANTOS, Milton. Introdução Geral. In: SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2019. p. 11-21.

SCHOR, Juliet B. **Nascidos para comprar: uma leitura essencial para orientarmos nossas crianças na era do consumismo**. Tradução: Eloisa Helena de Souza Cabral. São Paulo: Editora Gente, 2009.

SEVERINO, Fulvio Cesar Garcia. **Genealogia dos corpos e a crítica da razão eucórpica**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/16083>.

SIBILIA, Paula. O eu narrador e a vida como relato. In: SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 29-52.

SIBILIA, Paula. O molde escolar e a maquinaria industrial. In: SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: escola em tempos de dispersão**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SILVA JUNIOR, Nelson. O Brasil da barbárie à desumanização neoliberal: do “Pacto edípico, pacto social”, de Hélio Pellegrino, ao “E daí?”, de Jair Bolsonaro. In: SAFATLE,

Vladimir; SILVA JUNIOR, Nelson; DUNKER, Christian (org.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021, p. 255-282.

SIMILARWEB. **Ranking dos sites principais**. 2022. Disponível em: <https://www.similarweb.com/pt/top-websites/>. Acesso em: 28 jul 2022

TELES, Edson. Governamentalidade algorítmica e as subjetivações rarefeitas. **KRITERION**, Belo Horizonte, n. 140, p. 429-448, ago, 2018. <https://www.scielo.br/j/kr/a/PQTcJnpCGrP7PD5TrXKWzZm/?lang=pt>. Acesso em: 12 abr 2022.

TOMAZ, Renata. **O que você vai ser antes de crescer?: youtubers, infância e celebridade**. Salvador: EDUFBA, 2019, 279 p.

TÜRCKE, Christoph. **Hiperativos!:** Abaixo a cultura do déficit de atenção. Tradução de José Pedro Antunes. São Paulo: Paz e Terra, 2016. E-book Kindle.

WILLIGES, Flademir Roberto; SOUSA, Edson Luiz Andrade de. A cultura do déficit de atenção. In: BAPTISTA, Angela; JERUSALINSKY, Julieta (orgs.). **Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais**. Salvador: Ágalma, 2021, p. 89 - 116.

YOUTUBE. **Termos de Serviço**. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/t/terms#a00168546e> . Acesso em: 01 mai 2023.

ZUBOFF, Shoshana. The definition. In: ZUBOFF, Shoshana. **The age of surveillance capitalism**. Nova York: Public Affairs, 2019, p. 8. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5594205/mod_resource/content/1/Shoshana-Zuboff-The-Age-of-Surve_INTRO.pdf . Acesso em 07 mai 2023.

ZUBOFF, Shoshana. Surveillance Capitalism or Democracy? The Death Match of Institutional Orders and the Politics of Knowledge in Our Information Civilization. **Organization Theory**, v. 3, p. 1-79, nov., 2022. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/26317877221129290> . Acesso em 07 mai 2023.